

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



ÊNCLISE E PRÓCLISE EM INFINITIVAS PREPOSICIONADAS

UMA PERSPECTIVA DIALECTAL

Mélanie Alice Susie Pereira

Dissertação orientada por:

Prof.^a Doutora Ana Maria Martins

Mestrado em Linguística

2018

*“People aren’t just people, they are people
surrounded by circumstances.”*

– Terry Pratchett

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação é uma tarefa que nos vai acompanhando ao longo de um período extenuoso e que é facilmente afectada tanto por circunstâncias rotinárias como pela presença de indivíduos que se encontram a percorrer o presente capítulo da sua própria vida na companhia do autor (e vice-versa). Daí resulta que a presente dissertação só tenha culminado naquilo que é devido ao apoio e à motivação de várias criaturazinhas únicas e indispensáveis, que contribuíram cada uma com o seu bocadinho de cor e brilho para a realização deste trabalho, que não passaria certamente de uma obra monocromática e comparativamente pálida sem a sua contribuição.

Agradeço, em primeiro lugar, à prof.^a Ana Maria Martins, orientadora da presente dissertação, por toda a sabedoria, disponibilidade e paciência concedidas, bem como por encorajar-me a pensar “fora da caixa” e a olhar para os dados através de várias novas perspectivas.

Aos professores do Departamento de Linguística de Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, bem como aos investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, agradeço por me terem alimentado o bichinho pela Linguística desde os primeiros dias de aulas na faculdade, revelando e fomentando uma paixão e um entusiasmo pela área tão massivos que eu nunca, até então, tinha sentido por qualquer outra área.

Às investigadoras do projecto CORDIAL-SIN, que me acompanharam e apoiaram ao longo de quatro anos de colaboração no projecto e me forneceram múltiplas referências e ferramentas para a análise de dados de sintaxe dialectal. Aos outros membros do grupo de Dialectologia e Diacronia do CLUL, pelos sorrisos e pela simpatia sempre presentes, que forneceram um ambiente sempre acolhedor e familiar ao meu tempo enquanto colaboradora no projecto.

À prof.^a Inês Duarte, por ter conseguido com que o puzzle aparentemente indecifrável que é a sintaxe ter finalmente começado a fazer todo o sentido no meu segundo ano de faculdade e, logo, ter contribuído de forma crucial para deixar de me sentir intimidada por sintaxe teórica e poder, assim, seguir confiantemente pela área de investigação da sintaxe dialectal.

Aos profs. Fernando Martins e Celeste Rodrigues agradeço, para além do imensurável carinho, por terem explicado as particularidades do meu problema de audição (e, consequentemente, do meu problema de pronúncia) do ponto de vista da Linguística, recorrendo a conhecimentos da área para finalmente conseguir compreender uma particularidade única à minha pessoa e minimizar os meus complexos relativos à mesma. Esta informação tornou-se fulcral para ganhar confiança nas minhas capacidades enquanto investigadora da linguagem humana independentemente dos inconvenientes de natureza auditiva e motora resultantes do meu problema de audição, e para não ter desistido nos momentos em que este se revelou um possível desafio no meu desempenho enquanto linguista.

À Ernestina, primeiro professora, depois colega, e finalmente amiga, agradeço por ter estado ao meu lado desde o primeiro ano da faculdade, pelo sempre presente optimismo, e por ter depositado desde o início confiança nas minhas capacidades, no meu potencial, e na minha paixão por Linguística. Introduziu-me à área da sintaxe dialectal com o seu contagioso entusiasmo e, sem a sua presença e o seu apoio, não imagino que alguma vez tivesse ganho a coragem para enveredar pelo mundo da investigação académica.

Ao Mário, o meu “parceiro em crime” desde o primeiro ano da faculdade e melhor amigo, que provavelmente aguentou mais birras, lágrimas, risos, gritos, suspiros e momentos de quase insanidade da minha parte relacionados com Linguística do que todas as outras pessoas da minha vida colectivamente. Agradeço-lhe também pela sua tendência para representar o papel de advogado do diabo, que muitas vezes culminou numa vontade indescritivelmente grande de lhe atirar com uma gramática à cabeça; mas que, não obstante, resultou em muitos picos de súbita produtividade e inovação.

Ao Simão, por ter moldado a evolução do meu fascínio incontrolavelmente crescente pela área de forma a manter um pensamento crítico e colher os frutos da minha paixão por Linguística evitando que a mesma seja danificada por momentos de ingenuidade ou inocência.

Ao Rui e à Joana, agradeço a enorme empatia e as inúmeras conversas de café que, para além de procrastinação, se caracterizaram por um sem-fim de desabafos e debates em relação às respectivas investigações e teses de cada um.

Finalmente, à Ângela, por motivos de vastidão tal que não considero possíveis de conceber sob forma de palavras sem a realização de uma segunda dissertação autónoma.

Table of Contents

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO AO TEMA.....	5
1. Objectivos e questões de investigação.....	6
2. Ênclise e próclise em infinitivas preposicionadas.....	8
2.1 A colocação dos clíticos nas línguas românicas.....	8
2.2. Comportamento dos clíticos em orações infinitivas.....	9
2.2.1 A colocação dos clíticos nas infinitivas preposicionadas.....	10
2.2.2. Magro (2005) – os dados dialectais do CORDIAL-SIN.....	11
2.2.3. Rodygina (2009) – registo escrito no corpus CETEMPúblico.....	16
3. O estatuto categorial das preposições.....	20
3.1. Dubinsky e Williams (1995).....	20
3.2. Pesetsky e Torrego (2001).....	22
3.3 Duarte, Gonçalves e Miguel (2005).....	23
4. O papel da sintaxe na classificação dos dialectos.....	25
CAPÍTULO II – OS DADOS DO CORDIAL-SIN.....	28
1. Apresentação do corpus.....	29
2. Metodologia.....	31
2.1. Escolha e levantamento dos dados.....	31
2.2. Classificação dos dados.....	33
2.2.1. Classificação dos dados quanto à posição.....	33
2.2.2 Classificação dos dados quanto à flexão.....	34
3. Análise e discussão da distribuição das ocorrências.....	36
3.1 Preposição <i>a</i>	36
3.2. Preposição <i>de</i>	40
3.2.1. Variação próclise/ênclise em infinitivas não-flexionadas.....	40
3.2.2. Variação ênclise/próclise em infinitivas flexionadas.....	41
3.3. Preposição <i>para</i>	43
3.3.1. Variação ênclise/próclise infinitivas não-flexionadas.....	43
3.3.2. Variantes não-padrão – ênclise em infinitivas flexionadas.....	45
3.4 Os casos de ênclise em estruturas coordenadas.....	46
3.5 Mapas-síntese da distribuição dos clíticos.....	48
3.6 As variedades dialectais à luz de Magro (2005).....	52

3.7. A distribuição dos clíticos e as propriedades dos verbos – comentário dos dados com base em Rodygina (2009).....	54
3.8. Resumo das tendências observadas.....	59
CAPÍTULO III – RELAÇÃO ENTRE A COLOCAÇÃO CLÍTICA E O FENÓMENO DE SUBIDA DE CLÍTICO.....	62
1. O fenómeno de subida de clítico (<i>clitic climbing</i>).....	63
2. Em que nos ajuda o fenómeno de subida de clítico?.....	67
2.1 Trabalhos (dialectais) prévios.....	67
2.1.1 Magro (2004, 2005).....	67
2.1.2 Barbosa, Paiva e Martins (2017).....	68
2.2. A SC e factores de natureza sintáctica.....	70
3. Complementar Magro (2004, 2005) com os dados do CORDIAL-SIN.....	72
4. O papel da SC na delimitação de áreas dialectais.....	82
CONCLUSÃO.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade expandir a base empírica para o estudo da colocação dos clíticos no Português Europeu, apresentando informação sobre a colocação dos clíticos num dos raros contextos de aparente variação livre na língua – as infinitivas preposicionadas.

A elaboração deste estudo apoia-se no trabalho de Magro (2005), que apresenta uma proposta que assenta nas propriedades categoriais das preposições para dar conta da variação atestada em domínios infinitivos introduzidos por uma preposição. O trabalho da autora teve como objecto de estudo as ocorrências de clíticos em infinitivas preposicionadas extraídas de uma amostra parcial dos dados do corpus CORDIAL-SIN. Durante a realização desta dissertação, estendi a análise à totalidade dos dados actualmente disponíveis no mesmo corpus e procurei, adicionalmente, verificar se poderíamos relacionar a variação na colocação clítica com factores de natureza geolinguística (e, com base nisso, delimitar áreas dialectais correspondentes às diferentes variedades atestadas). Para além de os dados corroborarem os resultados que Magro apresentou, também se verificaram indícios de áreas dialectais que se distinguem do português europeu padrão por representarem um estrato linguístico mais antigo.

Posteriormente, procurei comparar os resultados desta primeira investigação a dados que dizem respeito à produtividade do fenómeno de subida de clítico no mesmo contexto (as infinitivas preposicionadas). Esta tarefa teve o objectivo de verificar (ou infirmar) as conclusões formuladas em Magro (2004) de que a produtividade da subida de clítico (ou inibição da mesma) serve de apoio à hipótese de que as preposições podem apresentar diferentes propriedades categoriais e que são estas propriedades que motivam as diferentes colocações dos clíticos nestes contextos de aparente variação. Os dados solidificam a proposta de Magro, mas mostram a importância da consideração de outros factores sintácticos (como a presença de desencadeadores de próclise na oração matriz ou estruturas com *se*-nominativo) na análise dos resultados para podermos compreender a variação atestada.

Palavras-chave: sintaxe dialectal, variação, ênclise, próclise, preposição, complementador, subida de clítico, reestruturação

ABSTRACT

This study has as its main purpose the expansion of the available empirical data to study clitic positioning in European Portuguese, presenting information about clitic positioning in one of the very few contexts where we see the manifestation of an (apparent) arbitrary optionality in the possible clitic positions – prepositioned infinitives.

To develop this study I focus on the proposal of Magro (2005), which relates different categorical properties of the prepositions that introduce the infinitive phrases to the different clitic positions observed in prepositioned infinitives. In her work, Magro used a partial sample of the data available in the CORDIAL-SIN corpus. In this study, I extended the proposal of Magro to the totality of the currently available CORDIAL-SIN data and attempted to, additionally, verify whether we could relate the attested variation in clitic positioning with factors of geolinguistic nature (and, thus, define possible dialectal areas that promote one over another possible variant). Not only the data extracted for this study supports the results of Magro, but also it was possible to identify dialectal areas that manifest features from an older linguistic layer.

Following the previously mentioned conclusions came the steps regarding the comparison of this first analysis to data that pertain to the productivity of the clitic climbing phenomenon in the same context (prepositioned infinitives). This task was executed in order to verify (or infirm) the conclusions of Magro (2004), which stated that the productivity of clitic climbing (or its inhibition thereof) support the proposal of prepositions possessing different categorical properties which may motivate one clitic position over another. The data from this task support Magro's proposal but also shine light on the importance of considering other syntactic factors when forming an analysis of the results, so that we can comprehend and justify the attested variation.

Keywords: dialectal syntax, variation, enclisis, proclisis, preposition, complementizer, clitic climbing, restructuring

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO AO TEMA

Este capítulo tem como finalidade servir de introdução ao tópico de investigação desta dissertação. O conteúdo de cada secção encontra-se distribuído da seguinte maneira:

- Na secção 1, exponho o objecto deste estudo e os meus objectivos de investigação com a realização desta monografia;
- Na secção 2, apresento um sumário muito breve da colocação dos clíticos na variedade padrão do Português Europeu, desde a colocação geral dos clíticos até à colocação no contexto que serve de presente objecto de estudo (as infinitivas preposicionadas);
- Na secção 3, irei fazer um apanhado geral da análise de alguns trabalhos prévios que se relacionam com as abordagens teóricas por detrás da principal referência que terei em conta neste trabalho (cuja hipótese procurarei solidificar ou infirmar);
- Finalmente, na secção 4, apresento o estado da arte da sintaxe dialectal em português, o seu lugar no estudo da dialectologia portuguesa, e as particularidades que os estudos dialectais com base em fenómenos sintácticos apresentam comparativamente aos estudos de base lexical ou fonológica.

1. Objectivos e questões de investigação

Os padrões de colocação de clíticos no Português Europeu (doravante referido como PE) são um tema de estudo bastante produtivo na sintaxe por não só se diferenciarem dos padrões observados no resto das outras línguas românicas (que sumariarei muito brevemente na secção 2.1) como também serem complexos o suficiente para não os podermos descrever com a mesma brevidade com que podemos descrever a colocação dos clíticos no resto das línguas românicas. Adicionalmente, o PE apresenta contextos de aparente variação livre na distribuição dos clíticos que vêm dificultar a descrição do comportamento dos mesmos e que precisam de níveis de atenção minuciosos para percebermos as motivações por detrás das tendências de distribuição observadas. O objecto de estudo desta dissertação é precisamente a posição dos clíticos num destes ditos contextos de aparente variação livre – as infinitivas preposicionadas. Apresento de seguida alguns exemplos que ilustram a aparente variação livre com infinitivas preposicionadas:

- (1) a. Eu lembro-me de vê-*lo* antes da apresentação.
b. Eu lembro-me de *o* ver antes da apresentação.

- (2) a. Eu fui lá para apoiá-*lo* na apresentação.
b. Eu fui lá para *o* apoiar na apresentação.

Com a realização desta dissertação, pretendo abordar as seguintes questões de investigação:

- (i) Será a variação atestada na colocação dos clíticos em infinitivas preposicionadas verdadeiramente arbitrária? Se não o for, o que poderá motivar as diferentes colocações?
- (ii) Utilizando dados de um corpus dialectal, será possível observar áreas dialectais associadas a diferentes tendências na distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas introduzidas por determinadas preposições?
- (iii) Magro (2005) apresenta dados que parecem mostrar uma correlação entre a distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas com o fenómeno de subida de clítico. De acordo com a autora, os contextos onde se verifica preferência por ênclise parecem simultaneamente favorecer a subida de clítico, ao passo que os contextos onde domina a próclise apresentam paralelamente valores inferiores de subida de clítico (ou seja, há preferência por uma cliticização ao verbo infinitivo). Com uma descrição exaustiva dos dados dialectais extraídos do corpus dialectal CORDIAL-SIN, esta hipótese será solidificada ou infirmada?

Dadas as questões de investigação acima enunciadas, os objectivos desta dissertação consistem em:

(i) Descrever, a partir do corpus CORDIAL-SIN, os padrões de colocação de clíticos em infinitivas preposicionadas, comparando-os com os padrões descritos para a variedade padrão do PE. Para o efeito, serão extraídas e classificadas as ocorrências de clíticos em infinitivas preposicionadas introduzidas pelas preposições *a*, *de* e *para* na totalidade do corpus;

(ii) Correlacionar os padrões de variação na colocação de clíticos em infinitivas preposicionadas com a distribuição geográfica das localidades do CORDIAL-SIN e identificar (possíveis) áreas dialectais, identificando-se para cada localidade uma de três tendências possíveis relativamente à colocação dos clíticos em infinitivas introduzidas por cada preposição considerada: próclise exclusiva, ênclise exclusiva, ou variação próclise/ênclise na colocação clítica;

(iii) Completar o trabalho de Magro (2005), estendendo-o à totalidade dos dados do CORDIAL-SIN actualmente disponíveis, e verificar se a hipótese de correlação entre a distribuição dos clíticos e o fenómeno de subida de clítico se mantém.

2. Ênclise e próclise em infinitivas preposicionadas

2.1 A colocação dos clíticos nas línguas românicas

A colocação dos pronomes clíticos no Português Europeu tem sido alvo de minuciosa atenção no estudo da sintaxe, devido a destacar-se da colocação verificada no resto das línguas românicas. De uma forma muito sucinta, podemos dizer que o PE contrasta com as outras línguas românicas das seguintes maneiras:

(i) Apresenta ênclise por defeito em frases independentes e não-marcadas, por oposição às outras línguas românicas, que apresentam próclise por defeito;

(3) *Vejo-o* todos os dias. PE

(4) Je **le** vois tous les jours. Francês

(5) **Lo** veo todos los días. Castelhana

(6) **Ho** veig cada dia. Catalão

(7) **Lo** vedo tutti i giorni. Italiano

(8) **Îl** văd în fiecare zi. Romeno

(ii) A colocação dos clíticos não é sensível (só) à finitude da frase (contrastivamente com o castelhana, o catalão e o italiano);

(9) a. *Telefonei-lhe* ontem. PE
b. Quero *telefonar-lhe*.

(10) a. **Le** llamé ayer. Castelhana
b. Quiero *llamarle*.

(11) a. **Li** vaig trucar ahir. Catalão
b. Vull *trucar-li*.

(12) a. **L'ho** chiamato ieri. Italiano
b. Voglio *chiamarlo*.

(iii) A colocação dos clíticos parece depender de factores de natureza sintáctica, semântica e pragmática (denominados desencadeadores de próclise na literatura). Ou seja, ao contrário de quase todas as outras línguas românicas (digo “quase” por ter em conta casos como o galego), cuja colocação clítica é proclítica por defeito (francês e português brasileiro) ou depende da finitude da frase (castelhano, catalão e italiano), o PE apresenta ênclise por defeito¹ e a próclise associa-se, nas palavras de Martins (2013), “aos processos gramaticais da negação, da quantificação, da focalização e da ênfase”.

2.2. Comportamento dos clíticos em orações infinitivas

A secção anterior dá conta do padrão de colocação de clíticos nas frases principais (finitas), e este mesmo padrão parece não só estar relativamente bem estudado como apresentar-se, salvo certas excepções cujo desenvolvimento foge ao escopo desta dissertação, de uma maneira relativamente estável. Isto é, temos ênclise por defeito exceptuando contextos em que certos elementos gramaticais ditam a existência de próclise. Mas existem dados interessantes, que merecerão a nossa atenção, por escaparem à dicotomia de ênclise obrigatória *versus* próclise obrigatória: é o caso das orações infinitivas. De acordo com a tabela que apresento de seguida, retirada de Martins (2016), encontramos no domínio das infinitivas contextos que possibilitam variação na colocação clítica, sendo possível registrar-se nos mesmos contextos tanto ênclise como próclise.

Como podemos observar através da Tabela 1, que apresento na página seguinte, existe uma clara distinção entre os comportamentos dos clíticos em infinitivas não introduzidas por preposições contrastivamente com a colocação dos clíticos em infinitivas preposicionadas. São estas últimas, cujas tendências detalharei melhor na próxima secção, que constituem o objecto de estudo desta dissertação.

¹ A ênclise por defeito vai de acordo com a maior parte da literatura no que toca a perspectivas puramente descritivas (ver, por exemplo, Duarte e Matos 2000, Martins 2013, Shlonsky 2004), mas existem trabalhos de natureza teórica que exploram análises alternativas, como é o caso de Martins 1994, que propõem ênclise como derivação e próclise como posição *a priori*.

Infinitivo simples			Infinitivo flexionado		
Ênclise	Variação E/P	Próclise	Ênclise	Variação E/P	Próclise
Orações não introduzidas por preposição;	Orações introduzidas pelas preposições <i>de</i> , <i>para</i> , <i>por</i> , <i>em</i> e <i>sem</i> ;	Orações que incluem proclisadores (excepto <i>não</i>).	Orações não introduzidas por preposição, ou introduzidas pelas preposições <i>a</i> e <i>com</i> ;	Orações introduzidas pela preposição <i>em</i> .	Orações introduzidas pelas preposições <i>de</i> , <i>para</i> , <i>após</i> , <i>até</i> e <i>sem</i> ;
Orações introduzidas pelas preposições <i>a</i> e <i>com</i> ;	Orações infinitivas negativas (com <i>não</i>);		Frases simples exclamativas.		Orações que incluem proclisadores.
Interrogativas indirectas.	Orações introduzidas por pronomes e advérbios relativos ou interrogativos;				
	Orações dependentes de <i>ter que</i> e <i>haver que</i> .				

Tabela 1: (retirado de Martins, 2016) distribuição próclise/ênclise em orações infinitivas

2.2.1 A colocação dos clíticos nas infinitivas preposicionadas

De acordo com Martins (2013), a maior parte das orações infinitivas simples preposicionadas admite variação livre na colocação dos clíticos (ver exemplos 13 a 17). As preposições que constituem uma excepção a esta generalização são as preposições *a* e *com* (exemplos 18 e 19, respectivamente) que, de acordo com a autora, parecem associar-se sistematicamente à ênclise.

- (13) a. O João esqueceu-se de devolver-*lhe* o gato.
b. O João esqueceu-se de *lhe* devolver o gato.
- (14) a. A Joana chegou mais cedo para ajudar-*me* a arrumar os livros.
b. A Joana chegou mais cedo para *me* ajudar a arrumar os livros.
- (15) a. A Sara saiu sem *se* despedir dos colegas.
b. A Sara saiu sem despedir-*se* dos colegas.
- (16) a. O Pedro está ansioso por *nos* ver amanhã.
b. O Pedro está ansioso por ver-*nos* amanhã.
- (17) a. Ele está mesmo fixado em entregar-*lhe* a prenda no dia de anos.
b. Ele está mesmo fixado em *lhe* entregar a prenda no dia de anos.

- (18) a. A Ana convenceu-me a telefonar-*lhes* amanhã.
 b. *A Ana convenceu-me a *lhes* telefonar amanhã.
- (19) a. A Sofia não se contenta com ouvi-*los* em DVD.
 b. *A Sofia não se contenta com os ouvir em DVD.

Adicionalmente, a variação (ou restrição) atestada não parece ser influenciada pelo tipo de oração (completiva ou adverbial) em que o clítico ocorre:

- (20) a. O Simão gosta de *os* apanhar desprevenidos. (oração completiva)
 b. O Simão gosta de apanhá-*los* desprevenidos.
 c. O Simão adormeceu antes de *me* contar o que se passou. (oração adverbial)
 d. O Simão adormeceu antes de contar-*me* o que se passou.
- (21) a. Eu voltei a ligar-*lhe* ontem à noite. (oração completiva)
 b. *Eu voltei a *lhe* ligar ontem à noite.
 c. A chateá-*los* assim, não vais a lado nenhum. (oração adverbial)
 d. *A os chatear assim, não vais a lado nenhum.

Observamos, no entanto, um comportamento diferente em orações preposicionadas com infinitivo flexionado. Enquanto que o padrão se mantém enclítico com as preposições *a* e *com*, apenas a preposição *em* parece permitir variação entre ênclise e próclise, como ilustra o exemplo em (22). A colocação é proclítica quando a oração é introduzida pelas restantes preposições (23).

- (22) a. As crianças têm dificuldades em entenderem-*se* umas com as outras.
 b. As crianças têm dificuldades em *se* entenderem umas com as outras.
- (23) a. Traz-me o livro antes de *o* estragarem!
 b. *Traz-me o livro antes de estragarem-*no*!

2.2.2. Magro (2005) – os dados dialectais do CORDIAL-SIN

O trabalho de Magro (2005) nasce da necessidade de compreender e explicar melhor a colocação aparentemente livre dos clíticos atestada em (algumas) infinitivas preposicionadas, exposta já na secção anterior 2.2.1., sendo que os trabalhos realizados até à data da publicação do trabalho de Magro apresentavam um carácter primariamente descritivo e a literatura carecia de estudos que procurassem explorar os factores que pudessem estar por detrás da variação entre ênclise e próclise presente nestes contextos sintácticos.

Neste trabalho, a autora recorre a dados de natureza dialectal extraídos do corpus CORDIAL-SIN (que apresentarei na secção 1 do capítulo II) e, a partir de uma amostra de 622 casos de clíticos em orações infinitivas (não-flexionadas), afirmativas, preposicionadas, observa tendências que vêm complexificar a descrição da colocação dos clíticos dentro de infinitivas preposicionadas. Magro (2005) utilizou um número menor de dados do que aqueles que serão tidos em conta nesta dissertação devido ao posterior desenvolvimento do corpus em questão – o artigo incorpora dados de apenas 22 das actuais 42 localidades disponíveis no CORDIAL-SIN.

Magro confirma que as infinitivas preposicionadas (não flexionadas) correspondem de facto a um contexto de variação de colocação clítica. Mas a autora apresenta nova informação no que diz respeito à variação atestada, tendo verificado as seguintes tendências:

(i) Dialectalmente, a variação estende-se à preposição *a* que, de acordo com as características da variedade padrão descritas na secção anterior, seria um contexto que implica uma colocação sistematicamente enclítica dos clíticos (ver o exemplo 18b).

(ii) A variação atestada não é absolutamente livre e, dependendo da preposição que encabeça a infinitiva, existe uma preferência clara por uma ou outra colocação do clítico.

	<i>a</i>	<i>em</i>	<i>de</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>sem</i>
próclise	4,5%	25%	90,2%	92,8%	100%	83,3%
ênclise	95,5%	75%	9,8%	7,2%	0%	16,7%

Tabela 2: (retirado de Magro, 2005) distribuição próclise/ênclise em infinitivas afirmativas preposicionadas (inf. não-flexionado)

Como podemos verificar na Tabela 2, verificamos um contraste entre, por um lado, as infinitivas introduzidas pelas preposições *a* e *em* que apresentam uma colocação preferencialmente enclítica e, por outro lado, aquelas introduzidas pelas preposições *de*, *para* e *sem* que favorecem claramente a próclise. A autora não formula conclusões sobre a colocação de clíticos com a preposição *por* devido à escassez dos dados disponíveis no corpus estudado.

(iii) Existem ocorrências de ambas as colocações com a mesma preposição na fala de um mesmo falante, o que indica variação idiolectal na colocação dos clíticos.

Dadas as tendências observadas, Magro formula a seguinte hipótese: “as infinitivas preposicionadas que exibem padrões de colocação clítica distintos estão associadas a diferentes estruturas determinadas por diferentes propriedades dos elementos que as encabeçam.”, isto é as preposições que introduzem as orações infinitivas podem apresentar um diferente estatuto categorial e, dependendo deste último, promover uma ou outra colocação dos pronomes clíticos.

Para desenvolver esta hipótese, Magro toma como enquadramento teórico diversos trabalhos que exploram afinidades entre os núcleos sintácticos P e C (os trabalhos citados pela autora são os seguintes: Kayne 1994, 1999; Emonds, 1995; Dubinsky e Williams, 1995; Pesetsky e Torrego, 2001, 2004; Rafel 2001; Duarte, 2003; Duarte, Gonçalves e Miguel, 2005) e propõe que estamos perante “verdadeiras preposições” quando se manifesta a ênclise, e que a próclise se deve ao estatuto de complementador do elemento que introduz a infinitiva (é núcleo de um CP e não de um PP). Para além da colocação dos clíticos, a autora relaciona o estatuto categorial das preposições com o fenómeno de subida de clítico (SC), encontrando maior resistência à SC nos contextos em que, de acordo com a sua hipótese, temos na verdade um complementador em vez de uma preposição. Detalharei posteriormente esta relação na secção 2.1.1 do capítulo III.

Desenvolvendo o raciocínio de Magro, a autora afirma que as verdadeiras preposições são compatíveis com diferentes complementos (podem seleccionar IPs plenos ou IPs defectivos, isto é Σ P ou TP) e que os complementadores seleccionam necessariamente apenas IPs plenos ($=\Sigma$ P) como complemento, segundo Costa e Martins (2003, 2004). A natureza do complemento em que o clítico ocorre é que promoverá uma ou outra colocação do clítico da infinitiva.

A análise de Costa e Martins assume a existência de uma categoria funcional forte associada à codificação da polaridade e da ênfase – a categoria Σ .

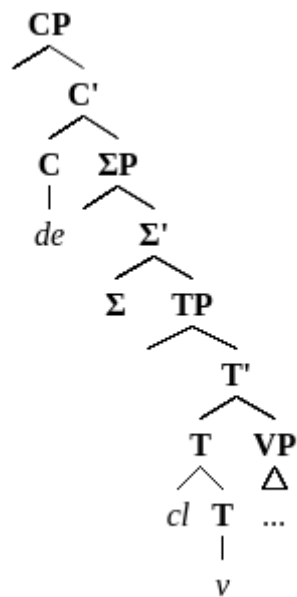
Partindo da premissa de Costa e Martins, podemos explicar as duas colocações clíticas da seguinte forma:

- (i) Obtemos directamente próclise quando a categoria Σ se encontra lexicalizada;
- (ii) Obtemos ênclise como resultado do processo de fusão morfológica, o que implica inversão clítico-verbo², processo este que advém da necessidade de legitimar Σ quando esta não tem conteúdo lexical nem é legitimada pela relação com C.

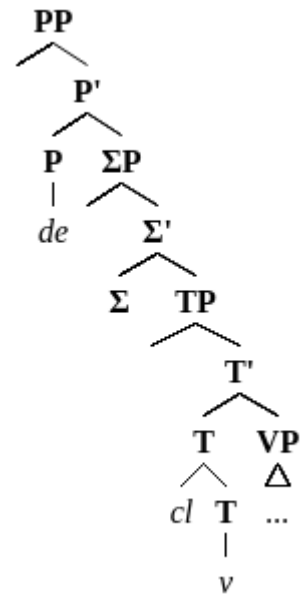
² Martins (2005) desenvolve a operação de fusão morfológica com inversão da seguinte maneira: a autora considera a hipótese de que, no português contemporâneo, AgrS deixe de seleccionar traços EPP (ou então que AgrS simplesmente não seja projectado e assumirmos, com base em Costa e Martins 2003, que T não possui obrigatoriamente traços EPP), o que leva a que AgrS não projecte Spec. A ausência da posição de Spec entre Σ e o verbo em AgrS possibilita a fusão de ambos na componente morfológica (pós-sintáctica), já que a fusão morfológica opera apenas sob adjacência (cf. Bobaljik 1995 e Embick e Noyer 2001). No entanto, a presença de um clítico adjunto à esquerda de AgrS quebra a adjacência necessária para operar a fusão. Uma das estratégias para ultrapassar esta barreira é a inversão entre o clítico e AgrS, o que resulta na posição enclítica do verbo. Para mais informação sobre o conceito de fusão morfológica com inversão (*Local Dislocation merger with inversion*), cf. Embick e Noyer 2001.

Esta abordagem é compatível com o conceito de SC, como verificaremos a seguir (e detalharemos na secção 2.1.1 do capítulo III da presente dissertação).

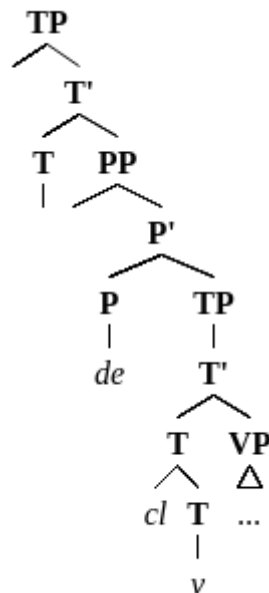
Resumindo a proposta de Magro, podemos considerar que as orações infinitivas podem apresentar as seguintes configurações estruturais:



Configuração 1: infinitiva introduzida por *de* com estatuto de complementador



Configuração 2: infinitiva (IP pleno) introduzida por *de* com estatuto de preposição



Configuração 3: Infinitiva (IP defectivo) introduzida por *de* com estatuto de preposição

Na Configuração 1, C tem conteúdo lexical e, por isso, legitima Σ e obtemos directamente uma colocação proclítica. Por outro lado, quando temos, na verdade, uma preposição em vez de um complementador, como na Configuração 2, Σ não tem conteúdo lexical nem pode ser legitimado por C visto que este não projecta. Assim sendo, obtemos por derivação a ênclise através da fusão morfológica com inversão numa componente pós-sintáctica (componente morfológica).

Por sua vez, a Configuração 3 mostra a terceira possibilidade de termos uma preposição que encabeça um IP defectivo (isto é, um TP em vez de um Σ P). Esta configuração está por detrás das estruturas em que observamos subida do clítico para a oração matriz, fenómeno que abordarei no terceiro capítulo da presente dissertação, mais especificamente nas secções 1 e 2.1.1.

De acordo com esta hipótese podemos, então, reduzir a variação atestada nos dados a um simples caso de ambiguidade lexical (de uma preposição que pode ter o estatuto categorial de “verdadeira preposição” ou de complementador) e os casos em que verificamos variação idiolectal são explicados através de uma dupla entrada lexical (preposição e complementador) para o elemento em questão dentro da gramática do dito falante. A questão do estatuto categorial das preposições será aprofundada na secção 3.

2.2.3. Rodygina (2009) – registo escrito no corpus CETEMPúblico

A dissertação de Rodygina (2009) também apresenta uma secção em que descreve o comportamento dos clíticos em orações infinitivas preposicionadas, a partir de um corpus que consiste em amostras de registo escrito (por oposição aos dados do CORDIAL-SIN utilizados em Magro (2005) e na presente dissertação, que são de natureza oral) retiradas do CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos do MCT/Público).

À partida, os dados relativos às infinitivas simples parecem ir ao encontro do que Magro (2005) constata no seu trabalho: a ocorrência de próclise com *a* existe, apesar de escassa, e existe uma dicotomia entre, por um lado, *a* e *em* que favorecem ênclise, e por outro, as restantes preposições que favorecem próclise.

Rodygina traz-nos informação nova em relação à natureza da variação com a mesma preposição, devido ao facto de a autora observar, dentro dos casos de ênclise com o grupo de preposições que favorecem a próclise, que estes ocorrem sobretudo com verbos semi-auxiliares modais e aspectuais (que registam entre 19 e 68% de ênclise), comparativamente ao resto dos contextos sintácticos, que registam percentagens de ênclise entre 1.8% e 30%. Estes resultados poderão consistir um indício de que a colocação dos clíticos pode ser sensível ao tipo de verbo que introduz a oração infinitiva. Ou seja, de acordo com os resultados da autora, espera-se mais facilmente a ocorrência de ênclise em contextos como aquele apresentado em (24) comparativamente com contextos como aquele que apresento em (25):

- (24) a. O Pedro tem de *lhe* pagar a renda antes do fim do mês.
b. O Pedro tem de pagar-*lhe* a renda antes do fim do mês.

- (25) a. Prefiro deixar o livro em casa porque tenho medo de *o* perder.
b. Prefiro deixar o livro em casa porque tenho medo de perdê-*lo*.

O comportamento atestado por Rodygina torna-se compatível com a proposta de Magro se assumirmos um processo de selecção categorial a dois níveis: selecção, pelo verbo da oração matriz, de PP ou CP como complemento e, adicionalmente, selecção do complemento de C ou P nos termos de Magro (2005). Neste sentido, é uma questão de propôr que certos verbos seleccionam preferencialmente determinados complementos e que, neste caso, os verbos auxiliares demonstram preferência pela selecção de um PP como complemento.

O trabalho de Rodygina inclui também um subgrupo de dados que Magro (2005) não teve em conta na sua análise, olhando adicionalmente para a colocação de clíticos em infinitivas flexionadas. Neste contexto, os dados da autora parecem ir ao encontro do que está descrito em Martins (2013): ênclise sistemática com *a*, variação com *em*, e próclise sistemática com as restantes preposições (a autora não tem em conta a preposição *com* no seu trabalho).

Um ponto problemático do trabalho de Rodygina, que, à partida, se revela conflictuoso com a proposta de Magro, é o facto de a autora verificar nos seus inquéritos uma diferença negligível entre a ocorrência de ênclise (48%) e próclise (52%) em contextos em que temos a preposição *para* empregue com verbos declarativos de ordem:

(26) Disseram-me para falar com ele.

De acordo com Rodygina, nestes casos, a preposição *para* terá sistematicamente o estatuto de complementador pelas seguintes duas razões:

(i) O elemento nunca ocorre enquanto elemento introdutor de complementos nominais:

- (27) a. Disseram-me para falar com ele.
b. *Disseram-me para isso.

(ii) O elemento está em distribuição complementar com o complementador *que*:

- (28) a. Disseram-me que fosse falar com ele.
b. */? Disseram-me para que fosse falar com ele.

Segundo Magro (2005), se *para* tiver o estatuto de complementador, então estará associado obrigatoriamente à próclise.

A autora observa, em primeiro lugar, o comportamento dos clíticos num total de 91 ocorrências em orações infinitivas introduzidas por *para* com verbos declarativos retiradas do corpus CETEMPúblico e observa que 96%(87) dos casos são de próclise contrastivamente aos 4%(4) que são realizações enclíticas. Os casos com clíticos em posição enclítica encontrados pela autora são os seguintes:

(29) Depois, pedi *para* abri-**la** em branco.

Ext 343095 (clt-soc, 94a)

(30) Mas quando pedimos *para* fazê-**la** de outro modo impedem-nos.

Ext 394712 (nd, 92a)

(31) Encenei “Lulu”, de Alban Berg, no Festival de Spoleto e o “Rigoletto”, de Verdi, em Munique, mas porque me pediram *para fazê-lo*. Ext 396135 (clt, 92a)

(32) Aqui pediram *para enviá-lo* à Câmara Municipal das Caldas, (...) . Ext 821038 (soc, 94a)

É de notar que o número muito reduzido de ocorrências com ênclise nestes contextos ocorre sempre com o mesmo verbo matriz, *pedir*. Se tivermos só em conta estes casos, podemos atribuir as tendências observadas à selecção categorial do complemento por parte dos verbos, e considerar a possibilidade de que o verbo *pedir* tenha uma maior preferência por seleccionar um PP como complemento comparativamente aos outros verbos declarativos. Seria necessário olhar para os restantes dados (proclíticos) de Rodygina para comentar mais detalhadamente este resultado.

O que nos traz para os resultados do inquérito de Rodygina. No inquérito, a autora obtém os resultados mencionados acima com base nos juízos de gramaticalidade de apenas um contexto de colocação clítica em orações infinitivas introduzidas por *para* com verbos declarativos:

- (33) a. Pediu-me *para o* fazer o mais rápido possível.
b. Pediu-me *para fazê-lo* o mais rápido possível.

A autora pressupõe, através dos resultados que obteve, que a variação ênclise/próclise atestada não depende do estatuto duplo do elemento introdutor da oração infinitiva (indo contra a proposta de Magro) e que a a variação é possível mesmo quando a preposição é complementador.

Vejo três problemas com esta conclusão.

A primeira prende-se com o facto de a autora explicar esta variação, dentro do exacto mesmo contexto, por um movimento adicional do verbo dentro do mesmo sintagma funcional para uma posição de adjunção à esquerda, ultrapassando o núcleo funcional em que se encontra o clítico (com base nos argumentos de Kayne 1991 para explicar a ênclise com infinitivos no espanhol e no italiano). Nos casos em que o movimento acontece, o clítico revela-se em posição enclítica ao verbo. A autora, no entanto, não oferece explicação para a motivação por detrás do movimento adicional do verbo para uma posição de adjunção à esquerda nem para a variação dentro do exacto mesmo contexto entre a possibilidade da adjunção à direita do verbo ao núcleo funcional e a ausência deste mesmo movimento.

A segunda diz respeito ao uso de apenas um tipo de verbo declarativo introdutor da oração infinitiva no seu inquérito (coincidentemente, o mesmo que revelou a ocorrência de ênclise nos dados do corpus). Os dados parecem simplesmente fortalecer a ideia de que o verbo *pedir* apresenta

uma preferência aparentemente maior, comparativamente aos outros verbos declarativos, pela selecção de um complemento preposicional.

A terceira diz respeito às propriedades categoriais da preposição. Seria de esperar, de acordo com o raciocínio de Rodygina, que estivéssemos sistematicamente perante um complementador (o que, de acordo com Magro, seleccionaria um CP e não um PP) e, logo, tornar-se-ia difícil de explicar a possibilidade de ênclise verificada pela autora com o verbo *pedir*. No entanto, ao aplicarmos os testes que a autora usa como argumento para considerar o *para* como complementador, observo resultados diferentes daqueles que a autora expõe em relação ao segundo teste:

- (34) a. Pediram-me para ir à biblioteca buscar o livro.
b. Pediram-me para que fosse à biblioteca buscar o livro.

A realização de 171 ocorrências semelhantes a (34b) no corpus CETEMPúblico vem demonstrar que este teste não pode ser utilizado como argumento a favor do estatuto sistemático de complementador da preposição *para*. Apresento de seguida alguns exemplos, retirados do dito corpus, que ilustram o contrário:

- (35) João Paulo II *pediu para que* a paz, associada à Páscoa, possa servir de inspiração “aos líderes das nações e a todas as pessoas de boa vontade, sobretudo no Médio Oriente e particularmente em Jerusalém”. Ext 1625 (soc, 98a)
- (36) Uma das últimas vezes foi quando um amigo lhe *pediu para que* falasse perante um congresso de médicos no problema das glândulas supra-renais . Ext 22093 (pol, 94b)
- (37) *Pediu para que* ninguém desistisse dos seus sonhos: «É isso que os faz especiais». Ext 82849 (soc, 98b)
- (38) Também o governador do estado, William Held, escreveu a Mário Soares *pedindo para que* intercedesse no mesmo sentido. Ext 145209 (eco, 94a)

Eliminado o problema do suposto estatuto de complementador sistemático da preposição *para* nestes contextos, podemos simplesmente atribuir a variação atestada nestas estruturas às propriedades de selecção do verbo *pedir*, que pode afinal seleccionar tanto um PP como um CP como complemento, podendo apresentar preferências distintas dos outros verbos declarativos.

3. O estatuto categorial das preposições

Como mencionei previamente na secção 2.2.2., parece haver indícios de que as várias preposições possam exhibir diferentes propriedades de natureza categorial que poderão estar envolvidas na colocação clítica que se observa em infinitivas preposicionadas. Antes de partir para a análise dos dados recolhidos no âmbito da realização desta dissertação, olhemos primeiro para alguns trabalhos que exploram e analisam estas diferenças no estatuto categorial das preposições e a sua afinidade com complementadores e o núcleo sintáctico C.

3.1. Dubinsky e Williams (1995)

Neste artigo, os autores propõem que as preposições temporais (como *after*, *before*, *while*) diferem das preposições não-temporais (como *without*, *despite*, *about*) no sentido de ocuparem o núcleo de C sempre que ocorrem antes de um complemento oracional.

Como evidência para a recategorização destas preposições, os autores começam por mostrar que as preposições temporais podem aparecer com um complemento oracional finito, ao passo que o segundo grupo de preposições apenas permite domínios não-finitos como complementos.

- (39) a. John left after I told him to.
b. *John left without I told him to.

Ao mesmo tempo, este grupo de preposições não é compatível com o complementador *that*.

- (40) a. *John left after that I told him to.

Se as preposições temporais ocupam na verdade o núcleo de C, então faz sentido que não possam co-ocorrer com outros complementadores que ocupariam esta posição.

Para reforçar esta hipótese, os autores apoiam-se em dados dialectais do sudeste dos EUA: em alguns destes dialectos, as preposições não-temporais podem seleccionar como complemento uma oração finita, como em (41). Adicionalmente, os falantes que aceitam sequências como aquelas presentes em (41) aceitam igualmente (42), com a presença do complementador.

- (41) a. %They never came to church without they brought their Bibles.
b. %Gene left despite John said he wouldn't.

- (42) a. %They never came to church without that they brought their Bibles.
b. %Gene left despite that John said he wouldn't.

No entanto, apesar de aceitarem estas sequências de preposição+complementador com preposições não-temporais, os falantes não aceitam estas sequências com preposições temporais como *after* e *since*.

- (43) a. *They came to church after that they read their Bibles.
b. *Jane has been lonely since that her husband died.

Se *after* ocupasse a mesma posição que, por exemplo, *without* ocupa em (42a), não haveria nenhuma explicação plausível para a rejeição de uma sequência mas não da outra. Mas se supusermos que *after* é um complementador, então os juízos apresentados justificam-se considerando que os falantes do inglês padrão rejeitam domínios finitos como complementos de preposições, ao passo que os falantes dos dialectos regionais mencionados os permitem. O facto de os informantes dialectais rejeitarem sequências como aquelas presentes em (43) resulta do facto de estas preposições temporais constituírem na verdade complementadores, sendo que CPs não podem ter mais do que um elemento na posição de núcleo C.

Os autores complementam estes dados com informação de natureza diacrónica: atesta-se a co-ocorrência de *after* e *before* com o complementador *that* em documentos anteriores ao século XVII (44), ao passo que a co-ocorrência do complementador com preposições como *without* e *besides* encontra-se facilmente em documentos oriundos do século XIX (e em dialectos do século XX), como ilustrado em (45).

- (44) a. It is solde rythe well aftry that the wole was.
b. Before that Philip called thee... I saw thee.
- (45) a. ...it was next to impossible that a casket could be thrown into her garden... without that she... should have caught intimation of things extraordinary transpiring on her premises.
b. The representatives of the majority, besides that they would themselves be improved in quality... would no longer have the whole field to themselves.

Exemplos retirados de Dubinsky e Williams (1995)

O facto de se verificar um intervalo de 200 anos entre as últimas atestações de co-ocorrência de complementador com cada um dos grupos de preposições reforça a hipótese de que a agramaticalidade actual de sequências como *without that* advém de uma inovação moderna na língua que bane preposições que seleccionem como complemento um domínio finito, ao passo que a recategorização das preposições temporais para complementadores é um fenómeno que precede esta dita inovação.

3.2. Pesetsky e Torrego (2001)

Pesetsky e Torrego (2001) exploram as afinidades entre a preposição *for* e o complementador *that* nos seus estudos de movimento de T para C. Sumario de seguida algumas observações (com exemplos) que os autores apresentam para mostrar afinidade entre a distribuição de orações infinitas introduzidas por *for* e a distribuição de orações finitas encabeçadas por *that*.

1) A omissão opcional de *for*

Tal como sucede com *that*, existem contextos em que *for* pode ser omitido sem qualquer mudança na interpretação do enunciado:

- (46) a. I would rather that you go to the class.
b. I would rather you go to the class.

- (47) a. I would prefer for you to go to the class.
b. I would prefer you to go to the class.

2) A obrigatoriedade da omissão de *for*

Quando o sujeito de uma oração infinitiva é extraído por movimento *wh-*, a realização de *for* é agramatical, tal como sucede com *that*:

- (48) a. Who would you rather _ goes to the class?
b. *Who would you rather that _ goes to the class?

- (49) a. Who would you prefer _ to go to the class?
b. *Who would you prefer for _ to go to the class?

Este efeito, já observado anteriormente no trabalho de Bresnan (1977), tem o nome de *for-trace effect* na literatura, paralelamente ao conceito de *that-trace effect*.

3) A obrigatoriedade da realização de *for*

Quando uma oração infinitiva é sujeito da oração, a realização de *for* é obrigatória, espelhando o que acontece com *that* quando temos orações finitas:

- (50) a. That you go to the class would be nice.
b. *You go to the class would be nice.

- (51) a. For you to go the class would be nice.
b. *You to go to the class would be nice.

Os autores afirmam que as semelhanças entre a distribuição de *for* e a distribuição de *that* implicam uma análise para *for* semelhante às análises propostas para *that*. Ou seja, sugere-se que *for* é uma forma de T que duplica o infinitivo *to*, da mesma forma que *that* duplica o tempo do verbo finito da oração. As propriedades de C nas orações infinitivas mencionadas acima são as mesmas que aquelas em que C introduz orações finitas: o traço *uT* encontra-se igualmente presente, mas pode ser eliminado com movimento de T para C (marcado nestes casos por *for*), ou pelo movimento do sujeito pleno para a posição de especificador de C (o que sucede nos casos com ausência de *for*).

3.3 Duarte, Gonçalves e Miguel (2005)

Nesta publicação, as autoras exploram as propostas de Pesetsky e Torrego (2001) e aplicam-nas ao Português Europeu, mais especificamente em estruturas de controlo de objecto com infinitivas preposicionadas introduzidas por *de* e *para*.

Nas construções de controlo de objecto em que temos um domínio infinitivo, este é introduzido por um elemento preposicional:

- (52) a. O ministro impediu os professores de falar.
b. O professor disse aos miúdos para comprar *Os Lusíadas*.

Por outro lado, as suas contrapartidas finitas não permitem o uso de preposição e manifestam-se com o complementador *que*.

- (53) a. *O professor disse aos miúdos para comprassem *Os Lusíadas*.
b. O professor disse aos miúdos que comprassem *Os Lusíadas*.

Ao mesmo tempo, a omissão da preposição num domínio infinitivo resulta numa sequência agramatical.

- (54) a. *O ministro impediu os professores falar.
b. *O professor disse aos miúdos que comprar *Os Lusíadas*.

As autoras explicam os contrastes acima verificados propondo que as preposições *de* e *para* apresentam com o complementador *que* o mesmo paralelismo que encontramos no inglês entre *that* e *for*, ou seja, que a presença de preposições em estruturas de controlo de objecto com verbo infinitivo sejam o *spell-out* de um movimento de T para C para permitir o apagamento do traço *uT*, tal como sucede em inglês com a preposição *for*.

Adicionalmente, estabelece-se um contraste entre estes casos e o seguinte (estruturas de controlo de sujeito):

- (55) a. Os sindicatos insistiram em propôr novas leis para os concursos de professores.

De acordo com as autoras, aqui estaremos perante um caso de verdadeira preposição comparativamente com os casos expostos acima, notando-se que a preposição se mantém (opcionalmente) nas contrapartidas não-finitas.

- (56) a. Os sindicatos insistiram em que se encontrassem novas normas para os concursos de professores.
b. Os sindicatos insistiram que se encontrassem novas normas para os concursos dos professores.

4. O papel da sintaxe na classificação dos dialectos

O uso de aspectos de natureza sintáctica para identificar áreas dialectais e contribuir para a classificação dos dialectos portugueses é relativamente recente, tendo em conta que os trabalhos basilares da dialectologia portuguesa (como Boléo e Silva 1962 e Cintra 1971) e as suas propostas para a classificação dos dialectos do território português apoiaram-se primariamente em aspectos de natureza fonológica e lexical.

De acordo com Pereira (2014a), a resistência ao uso de aspectos sintácticos no âmbito dos estudos dialectais prende-se com questões de teor metodológico. Os métodos clássicos de obtenção de dados dialectais (como os inquéritos dialectais) revelam-se inadequados para obter dados de natureza sintáctica. Pereira afirma que são vários os trabalhos que comentam as dificuldades conceptuais e metodológicas que caracterizam a sintaxe dialectal (para referência, a autora cita os seguintes trabalhos: Barbiers 2008, Barbiers e Cornips 2002, e Cornips e Poletto 2005), dificuldades conceptuais estas associadas à dificuldade em definir o que é variável em sintaxe que resulta, posteriormente, em dificuldades metodológicas intrínsecas à obtenção dos dados relevantes para o estudo da variação sintáctica bem como ao controlo de variáveis não-geográficas que possam estar por detrás da variação atestada.

O corpus CORDIAL-SIN surge como tentativa de resposta a vários dos problemas identificados no estudo da sintaxe dialectal. Para além de estarmos perante um corpus de discurso espontâneo ou semi-dirigido (o que contrasta, por exemplo, com os inquéritos dialectais baseados em entrevistas com questionário pontual), os informantes das entrevistas utilizadas no corpus apresentam um perfil sociológico homogéneo de forma a limitar a influência de variáveis sociológicas na produção linguística dos informantes.

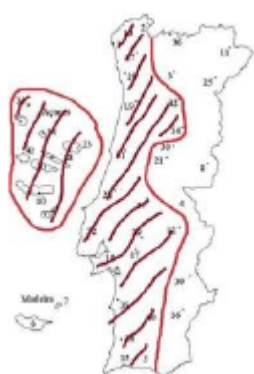
A partir dos dados do CORDIAL-SIN, começaram a aparecer vários trabalhos pioneiros no âmbito da sintaxe dialectal que procuram identificar áreas dialectais com base em estudos de construções sintácticas não-padrão. Conforme o trabalho de Pereira (2014b), alguns dos principais contributos na área da sintaxe que delimitam com precisão áreas dialectais com base em fenómenos de natureza sintáctica são os seguintes:

- (i) Pereira (2003) identifica um contraste que separa o território açoriano do resto do território português no que toca a tendências com a construção *a gente* + V3PL;
- (ii) Carrilho e Pereira (2011) estudam várias construções sintácticas e verificam um contraste entre o território insular e o território continental com a distribuição de *ter* existencial e a

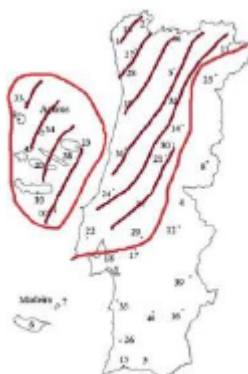
distribuição de possessivo pré-nominal não precedido de artigo, e também observam um contraste que separa o norte do território continental com o resto do território português com *estar* aspectual + gerúndio;

(iii) Lobo (2008) identifica um contraste entre o sul do território continental e o resto do território português (salvo algumas ocorrências pontuais nos Açores) com a distribuição de gerúndio flexionado.

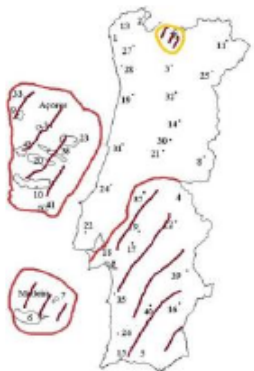
Pereira (2014b) resume a distribuição geográfica atestada em vários estudos de sintaxe dialectal para além dos principais mencionados, e propõe as seguintes cinco configurações diferentes que identifica com base na distribuição dos fenómenos sintácticos estudados:



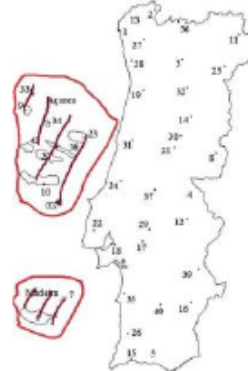
Configuração 1: Oposição entre litoral e interior.



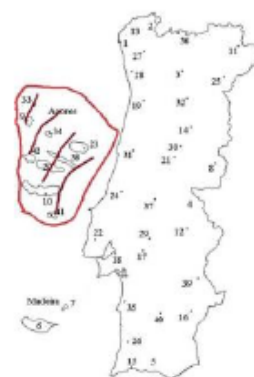
Configuração 2: Oposição entre uma faixa noroeste (que abarca grande parte dos dialectos nortenhos e se estende, numa linha mais ou menos diagonal, até ao centro) e uma faixa que engloba a parte sul do país os dialectos do interior norte.



Configuração 3: Divisão entre um norte e um sul, sendo a fronteira marcada pela linha do Tejo. Os dialectos insulares aproximam-se dos dialectos do sul do continente e uma localidade de Vila Real apresenta comportamentos característicos dos dialectos insulares/do sul do país.



Configuração 4: Os arquipélagos da Madeira e dos Açores formam, em conjunto, uma área, isolando-se do continente.



Configuração 5: Os dialectos dos Açores formam uma área, afastando-se quer dos dialectos madeirenses quer dos continentais.

Imagens retiradas de Pereira (2014)

Uma questão interessante a averiguar é verificar se observamos alguma semelhança com as configurações delimitadas por Pereira ao analisarmos a distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas, sendo que este trabalho tem como um dos principais objectivos contribuir para a identificação e delimitação de áreas dialectais com base em fenómenos de natureza sintáctica.

No entanto, os estudos (e a cartografagem) de construções sintácticas não-padrão permitiram igualmente verificar a existência de variantes sintácticas não-padrão atestadas por todo o território português (cf. Pereira 2014a, para V3SG com sujeitos plurais pós-verbais, Carrilho 2005, para o pronome expletivo *ele*, e Magro 2007, para a interpolação) e não dependendo, portanto, de factores geográficos. Será, assim, também possível que verifiquemos variação de natureza idiolectal na distribuição ênclise/próclise em infinitivas preposicionadas, ao invés da mesma se prender com factores geográficas.

Para o efeito, passarei agora para o próximo capítulo para falar sobre o que nos mostram os dados do CORDIAL-SIN em relação à colocação clítica em infinitivas introduzidas pelas preposições *a*, *de* e *para*.

CAPÍTULO II – OS DADOS DO CORDIAL-SIN

Neste capítulo, apresentarei a investigação realizada no âmbito desta dissertação com os seguintes propósitos:

(i) Considerar a totalidade dos dados do CORDIAL-SIN à luz da hipótese formulada em Magro (2005), segundo a qual observamos diferentes tendências na distribuição dos clíticos com a preposição *a* contrastivamente com a distribuição atestada com as preposições *de* e *para* que, de acordo com a autora e com Duarte, Gonçalves e Miguel (2005), podem ter propriedades categoriais tipicamente associadas aos complementadores;

(ii) Verificar se podemos associar diferentes tendências na colocação dos clíticos a factores geográficos (e, consequentemente, delimitar áreas dialectais de natureza sintáctica relacionadas com a colocação clítica em infinitivas preposicionadas).

Na primeira secção, apresentarei o corpus utilizado para o propósito desta investigação, expondo detalhes sobre a quantidade e qualidade dos dados, a rede de inquérito por detrás dos dados do corpus, e o tipo de informação (morfológica e sintáctica) que os dados apresentam para auxiliar o utilizador do corpus na extracção de dados.

Na segunda secção, apresentarei detalhes da metodologia adoptada no tratamento dos dados extraídos do corpus, clarificando os passos tomados durante as etapas de extracção e classificação dos dados recolhidos.

A terceira secção diz respeito à análise e discussão dos resultados obtidos, onde ilustrarei a distribuição geográfica dos dados através de mapas linguísticos e apresentarei informação quantitativa sobre os dados, e em que comentarei a distribuição da colocação clítica observada apoiando-me nos propósitos anteriormente mencionados.

1. Apresentação do corpus

Os dados que analisei e descrevi para o propósito da realização desta tese foram extraídos do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN)*.

O *CORDIAL-SIN* é um corpus que vem a ser elaborado desde 2000 e é constituído por dados extraídos de gravações de fala dialectal espontânea e semi-dirigida, contendo entrevistas realizadas entre 1974 e 2004 pela equipa ATLAS do grupo de Dialectologia e Diacronia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, no âmbito da realização de vários atlas linguísticos.

Os informantes por detrás da produção dos dados reunidos neste corpus foram seleccionados com sensibilidade para os vários factores sociais que interagem com a disciplina da Dialectologia: nomeadamente, procurou-se entrevistar informantes cujo contacto com as outras variedades do Português fosse o mais limitado possível, logo, que se inserissem no seguinte perfil sociológico: idade avançada, pouca ou nenhuma educação formal, residência numa localidade rural, e ser natural da localidade em que é realizada a entrevista.

Presentemente, o corpus corresponde a cerca de 600.000 palavras anotadas morfologicamente, sendo que cerca de 450.000 dessas palavras apresentam adicionalmente anotação sintáctica. Essas 600.000 palavras repartem-se por 42 pontos geográficos distribuídos pelo território português continental e insular, estando 34 dessas localidades actualmente anotadas sintacticamente: 31 desses pontos encontram-se em território continental e os restantes 11 em território insular (9 no arquipélago dos Açores e 2 no arquipélago da Madeira). As 42 localidades onde foram realizadas as entrevistas de onde foram extraídos os dados utilizados no âmbito desta dissertação repartem-se pelo território da seguinte maneira:

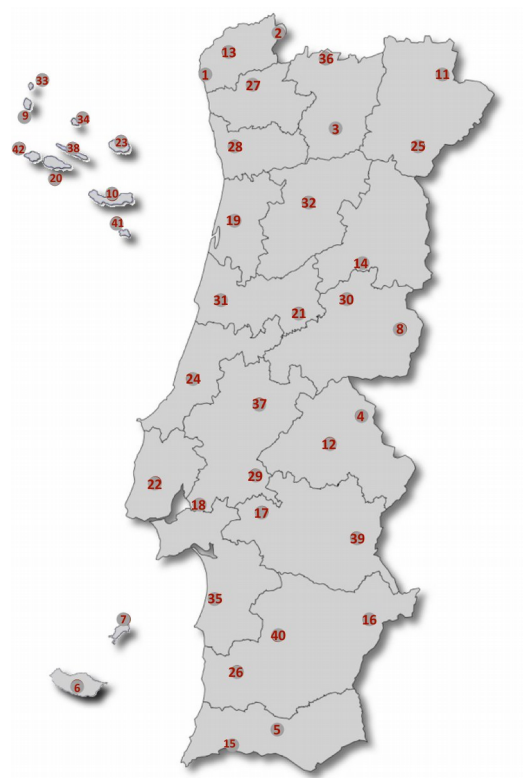


Imagem 1 – Distribuição geográfica das 42 localidades. Imagem retirada do site oficial do CORDIAL-SIN.

- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1. Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo) | 22. Enxara do Bispo (Lisboa) |
| 2. Castro Laboreiro (Viana do Castelo) | 23. Fontinhas (Angra-do-Heroísmo) |
| 3. Perafita (Vila Real) | 24. Moita do Martinho (Leiria) |
| 4. Castelo de Vide, Porto da Espadada, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre) | 25. Larinho (Bragança) |
| 5. Porches, Alte (Faro) | 26. Luzianes (Beja) |
| 6. Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal) | 27. Fiscal (Braga) |
| 7. Camacha, Tanque (Funchal) | 28. Gião (Porto) |
| 8. Monsanto (Castelo Branco) | 29. Santa Justa (Santarém) |
| 9. Fajãzinha (Horta) | 30. Unhais da Serra (Castelo Branco) |
| 10. Ponta Garça (Ponta Delgada) | 31. Vila Pouca do Campo (Coimbra) |
| 11. Outeiro (Bragança) | 32. Granjal (Viseu) |
| 12. Cabeço de Vide (Portalegre) | 33. Corvo (Horta) |
| 13. Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo) | 34. Graciosa (Angra do Heroísmo) |
| 14. Figueiró da Serra (Guarda) | 35. Melides (Setúbal) |
| 15. Alvor (Faro) | 36. Santo André (Vila Real) |
| 16. Serpa (Beja) | 37. Montalvo (Santarém) |
| 17. Lavre (Évora) | 38. Calheta (Angra do Heroísmo) |
| 18. Alcochete (Setúbal) | 39. Carrapatelo (Évora) |
| 19. Covo (Aveiro) | 40. Aljustrel (Beja) |
| 20. Bandeiras, Cais do Pico (Horta) | 41. Santo Espírito (Ponta Delgada) |
| 21. Porto de Vacas (Coimbra) | 42. Cedros (Horta) |

2. Metodologia

2.1. Escolha e levantamento dos dados

Por questões de relevância quantitativa, optei por apenas ter em conta as preposições mais produtivas em posição de introdutor de oração infinitiva – as preposições *a*, *de* e *para*. Isto é, optei por não ter em conta na elaboração desta tese as orações infinitivas introduzidas por outras preposições por considerar que não estão suficientemente representadas no corpus para poder formular generalizações sobre estes casos.

A extracção dos dados relevantes para a realização desta tese realizou-se em duas partes distintas. A primeira extracção realizada, por ser a mais simples e rápida, foi a extracção dos dados anotados sintacticamente. Através do *software CorpusSearch*, recorri a uma *query* sintáctica para chamar automaticamente todos os clíticos (anotados morfologicamente com a etiqueta CL ou SE) que fossem dominados por uma oração infinitiva:

```
node: $ROOT
```

```
query: ((IP-INF Dominates CL) OR (IP-INF Dominates SE))
```

A razão pela qual não filtrei de todas as orações infinitivas aquelas que eram introduzidas por uma preposição (as únicas que são relevantes para a discussão aqui presente) passa pelo facto de algumas infinitivas preposicionadas que tive em conta neste trabalho não serem anotadas desta maneira (um sintagma preposicional que domina uma oração infinitiva) por questões de natureza morfológica: é o caso de orações infinitivas introduzidas por *haver de*. Em casos como *hei-de* e *há-de*, a preposição é anotada morfologicamente como estando incorporada no verbo (VB+P em vez de VB e P independentes), não podendo assim encabeçar um sintagma preposicional na anotação sintáctica. Apresento de seguida alguns exemplos, que anotei sintacticamente conforme o manual de anotação do CORDIAL-SIN, que ilustram a situação:

(57) Ele há-**de** telefonar-lhe.

```
(IP-MAT (NP-SBJ (PRO Ele))  
  (HV-3S+P há-de)  
  (IP-INF (VB telefonar@)  
    (NP-DAT (CL @lhe))))
```

(58) Ele tem **de** telefonar-lhe.

```
(IP-MAT (NP-SBJ (PRO Ele))  
  (TR-3S tem)  
  (PP (P de)  
    (IP-INF (VB telefonar@)  
      (NP-DAT (CL @lhe))))
```

Adicionalmente, este tipo de extracção mais ampla permite-nos chegar a dados que, apesar de envolverem infinitivas preposicionadas, não podem ser anotados sintacticamente na sua totalidade

por a oração infinitiva ser produzida só em parte pelo informante. Apresento de seguida um exemplo:

(59)

INQ = Inquiridor | INF = Informante

INQ Mas ganha dinheiro porquê? Por causa da pele, ou?...

INF Por causa da pele. Da pele e **para as porem assim**, quer-se dizer... Como é que eu hei-de dizer?

INQ Para as porem **para depois**...

INF **Secarem-nas**, não é? Secam-nas e depois põem-nas na... Não, aquilo dá muito dinheiro!

Este excerto, retirado de uma entrevista na localidade de Granjal, apresenta uma ocorrência que seria apanhada por uma *query* que só chamasse infinitivas preposicionadas completas (*para as porem assim*) e outra ocorrência que só é possível apanhar através de uma *query* mais simples e mais incompleta, visto que o informante não a realiza na sua forma completa (*para depois / secarem-nas*).

A segunda parte da extração de dados diz respeito aos dados anotados morfológicamente (anotação POS - “*part of speech*”). Ao contrário dos dados anotados sintacticamente, que foram extraídos de uma forma directa e automática, tive de recorrer a uma extracção e filtração manual dos dados anotados morfológicamente (à data desta investigação, estes dados consistiam em quase metade do total de dados disponíveis para extracção).

Através do *software* de concordância *AntConc*, comecei por extrair (através das etiquetas morfológicas) todas as ocorrências de verbos no infinitivo (com as etiquetas morfológicas VB, TR, HV, SR e ET), com uma janela de 100 caracteres à esquerda e à direita de cada verbo. Finalmente, dentro dessas janelas, extraí todas as ocorrências de clíticos (etiquetas morfológicas CL e SE), separando manualmente os casos relevantes dos casos irrelevantes. Apresento de seguida dois exemplos para ilustrar um caso de uma ocorrência de verbo no infinitivo (destacado a negrito) que apresentasse, na sua janela de 200 caracteres, um clítico irrelevante (sublinhado), e outro caso com um clítico relevante (a itálico):

(60) ... realmente/ADV deu-me/VB-D-3S+CL assim/ADV o/D coiso/COISO de/P **dizer**/VB <break> (...) </break> que/C também/ADV era/SR-D-3S assim/ADV muito/Q ... (MLD22)

(61) ... Agora/ADV já/FP não/NEG precisa/VB-P-3S de/P *me*/CL **ensinar**/VB !/. Agora/ADV pisa/VB-P-3S você/NPR barro/N e/CONJ migue/VB-SP-3S e/CONJ ... (MLD21)

Desta extracção e da subsequente filtração dos dados relevantes para a elaboração deste passo da dissertação resultou um total de 970 ocorrências, cuja classificação detalharei na secção seguinte.

2.2. Classificação dos dados

Uma vez extraídos e filtrados todos os dados relevantes para a realização desta tese, classifiquei todas as ocorrências de acordo com a preposição introdutora da oração (de / a / para), a posição do clítico (enclítico / proclítico) relativamente ao verbo da oração, e a flexão (flexionada / não-flexionada) do verbo infinitivo. Seguem abaixo alguns exemplos ilustrativos:

Localidade	Frase	Prep.	Posição	Flexão
MTM	E vem aqui, às vezes, ter com a gente, para a gente deixá-la...	para	êncl.	flex.
MLD	devem de acabar-se os oleiros também cá em Melides.	de	êncl.	nflex.
STA	Mas também volto a lhe dizer outra ...	a	prócl.	nflex.

2.2.1. Classificação dos dados quanto à posição

As ocorrências com duplicação do clítico (em posição enclítica e proclítica) como o exemplo (49) foram excluídos dos dados utilizados para o propósito deste trabalho.

(62) A Ana pediu ao João para *lhe* telefonar-*lhe*.

Nos casos de duplicação do clítico em que temos cliticização ao infinitivo e subida de clítico como em (63), os clíticos que permanecem no domínio infinitivo foram incluídos e classificados quanto à sua posição independentemente do caso de subida de clítico estar em posição enclítica ou proclítica ao verbo matriz.

- (63) a. A Ana não *me* está a ligar-*me*.
b. A Ana está-*me* a ligar-*me*.

Nos casos em que temos um complexo verbal como complemento da preposição, como em (64), incluiu-se os casos em que temos cliticização ao verbo infinitivo mais alto como em (64a) e excluiu-se os casos em que temos cliticização ao verbo infinitivo mais baixo como em (64b) e (64c). Apesar de existir possível ambiguidade quanto à direcção de cliticização em casos como (64a) e (64b) (em que podemos ter ênclise ao auxiliar ou próclise ao verbo pleno), os dados foram classificados tendo em conta a interpretação das transcritoras e revisoras das entrevistas, que tiveram em conta a informação prosódica das gravações para desambiguar contextos de possível ambiguidade.

- (64) a. Estou com esperanças de poder-*lhe* ligar ainda hoje.
b. Estou com esperanças de poder *lhe* ligar ainda hoje.
c. Estou com esperanças de poder ligar-*lhe* ainda hoje.

A exclusão de casos como (64b) e (64c) justifica-se com o facto de simples testes gramaticais como os que apresento em (65) mostrarem que os clíticos pertencentes ao domínio infinitivo mais baixo não são necessariamente sensíveis a conteúdo sintáctico (neste caso, a presença de negação) existente no domínio infinitivo mais alto.

- (65) a. Tenho medo de não *lhe* poder ligar.
b. Tenho medo de não poder ligar-*lhe*.
c. *Tenho medo de não poder *lhe* ligar.

Teste de aceitabilidade construído para o PE padrão, com juízo de gramaticalidade da autora da presente dissertação.

2.2.2 Classificação dos dados quanto à flexão

Apesar de a classificação de orações infinitivas preposicionadas quanto à flexão ser uma tarefa, à partida, complexa devido aos variados casos em que existe ambiguidade em relação à mesma (é o que sucede na maior parte dos adjuntos sem sujeito realizado), por motivos de simplicidade, considerou-se tudo o que não era obrigatoriamente um contexto de infinitivo flexionado como sendo um caso de infinitivo simples.

Os casos considerados como sendo de infinitivo flexionado na classificação dos dados desta dissertação são os seguintes:

a) Contextos em que há marcação da flexão do verbo infinitivo:

- (66) a. A Sofia convidou-te para ires à praia com ela.
b. Hoje vi vários estudantes a protestarem por causa das propinas.

b) Contextos em que o sujeito da oração infinitiva está fonologicamente realizado:

- (67) a. A Ana está farta de *o João* fazer tanto barulho de manhã.
b. O Rui trouxe a filha ao oceanário para *ela* ver as lontras.

c) Contextos em que:

- o sujeito (da 1ª ou 3ª pessoa do singular) não está fonologicamente realizado;
- não há marcação da flexão do verbo infinitivo;
- mas que um teste de substituição com um sujeito que pede marcação da flexão mostra que é um contexto de flexão obrigatória:

- (68) a. Porque *eu* tive uns grandes aborrecimentos de vida derivado de me ter carregado muito de família
- b. Porque *eles* tiveram uns grandes aborrecimentos de vida derivado de se terem carregado muito de família
- c. *Porque *eles* tiveram uns grandes aborrecimentos de vida derivado de se ter carregado muito de família

(frase original)

Todos os casos que não se incluem em nenhuma das três categorias mencionadas acima foram classificados como sendo casos de infinitivo simples.

3. Análise e discussão da distribuição das ocorrências

No total de 969 ocorrências de clíticos em infinitivas preposicionadas extraídas conforme foi descrito na secção anterior, verificaram-se as seguintes tendências gerais:

	<i>a</i>	<i>de</i>	<i>para</i>
próclise	3,9% (8)	93,3% (252)	92,7% (460)
ênclise	96,1% (195)	6,7% (18)	7,3% (36)
TOTAL	203	270	496

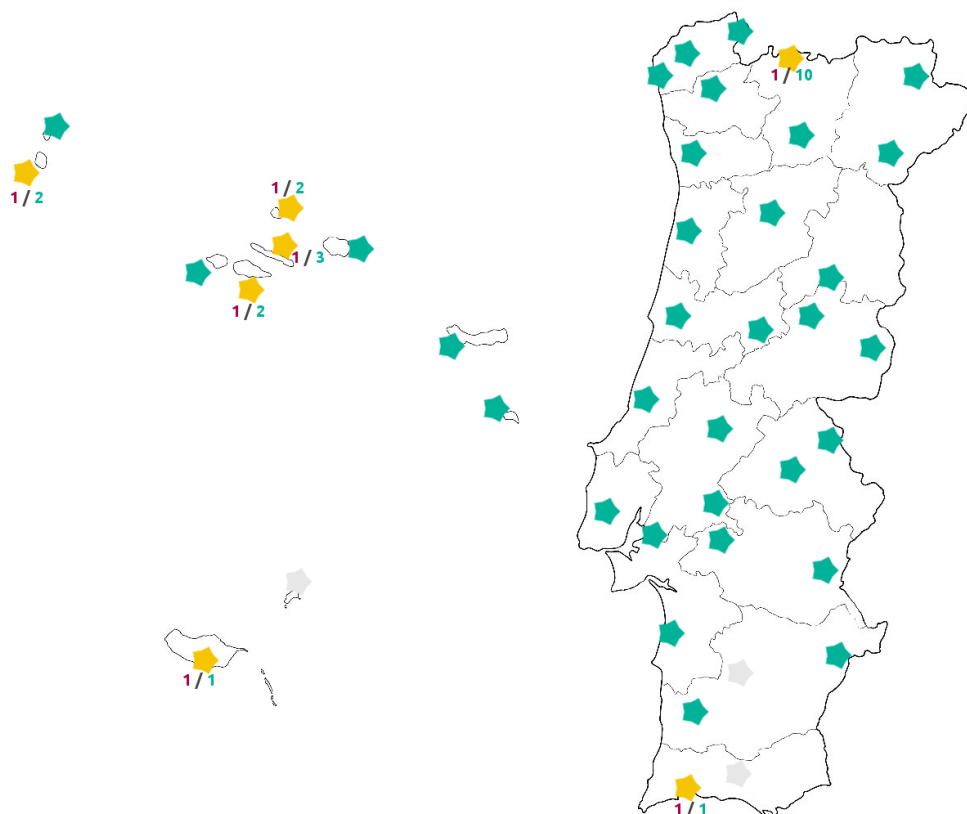
Tabela 3: distribuição próclise/ênclise em infinitivas afirmativas preposicionadas (flexionadas e simples) na totalidade do CORDIAL-SIN

Antes de comparar os meus resultados com os de Magro (2004), irei primeiro ilustrar a distribuição dos dados pelo território através da elaboração de mapas linguísticos.

3.1 Preposição *a*

O Mapa 1, que apresento na próxima página, ilustra a distribuição dos clíticos em todas as infinitivas preposicionadas (infinitivas simples e infinitivas flexionadas) introduzidas pela preposição *a*. Estas repartem-se pelo território português da seguinte maneira:

Tipo de infinitiva	Próclise	Ênclise	% Próclise
Infinitiva não-flex.	7	177	3.80%
Infinitiva flexionada	1	18	5.26%
Total:	8	195	3.94%



Mapa 1 – Distribuição da ênclise e da próclise em todas as infinitivas preposicionadas introduzidas por *a*

Legenda do mapa:

- ★ Próclise exclusiva
- ★ Ênclise exclusiva
- ★ Variação entre ênclise e próclise
- ★ Localidade sem ocor. de dados relevantes
- 1 Número de ocorrências em próclise
- 1 Número de ocorrências em ênclise

Num total de 203 clíticos, 8 clíticos ocorrem em posição proclítica num contexto em que a literatura para o PE padrão afirma haver ênclise exclusiva. Estas ocorrências, que ilustram a existência de uma variante que contrasta com o que a literatura descreve, estão representadas no Mapa 1 e encontram-se distribuídas pelas seguintes localidades:

Próclise em infinitiva não-flexionada

[ALV] Alvor, Faro	1 ocorrência
[CLC] Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)	1 ocorrência
[CLH] Calheta, Angra do Heroísmo	1 ocorrência
[FLF] Fajãzinha, Horta	1 ocorrência
[GRC] Graciosa, Angra do Heroísmo	1 ocorrência
[PIC] Bandeiras, Cais do Pico (Horta)	1 ocorrência
[STA] Santo André, Vila Real	1 ocorrência

As ocorrências de próclise em infinitivas introduzidas por *a* parecem concentrar-se sobretudo no território insular (6 ocorrências, por oposição a 2 ocorrências no território continental). No arquipélago da Madeira, encontramos uma ocorrência na ilha da Madeira. No arquipélago dos Açores, encontramos ocorrências no grupo ocidental (Flores) e no grupo central (São Jorge e Pico). Não ocorrem casos de clíticos em próclise no grupo ocidental.

No território continental, encontramos duas ocorrências que se situam em pontas opostas do país, ambas na fronteira do território: uma no distrito de Vila Real e outra no distrito de Faro.

As infinitivas preposicionadas com *a* em que temos ocorrências de próclise são as seguintes:

Infinitivas não flexionadas

- | | | |
|------|--|-------|
| (69) | “Eu cheguei a me deitar ao mar” | [ALV] |
| (70) | “a gente ali todo o dia ali a remar, ali a se transpirar” | [CLC] |
| (71) | “o Nosso Senhor não teve destinado a me dar” | [CLH] |
| (72) | “Bota-se a carne ali, naquela água, a ela não ficar muito encostada – não sabe? -, a ficar a se poder mexer bem.” | [FLF] |
| (73) | “Essa senhora custava-se a se sentar na água” | [GRC] |
| (74) | “Eu não tenho sorte nenhuma então de ter muita gente a me ajudar.” | [PIC] |
| (75) | “Mas também volto a lhe dizer outra...” | [STA] |

Infinitivas flexionadas:

- | | | |
|------|--|-------|
| (76) | “Com uma chucha, chegam a se criarem em casa.” ³ | [FLF] |
|------|--|-------|

Em relação à colocação clítica com a preposição *a*, temos de ter em conta que, de um ponto de vista diacrónico, a ênclise com *a* é uma inovação (dado que no séc. XVI ocorria próclise generalizada – cf. Martins 1994, Said Ali 1964). Se tivermos isto em conta, a distribuição das

³ É de notar que esta ocorrência de infinitivo flexionado é dialectal (a frase seria agramatical no PE padrão). Infinitivos flexionados como o de (76) podem ser considerados infinitivos flexionados “aparentes” (cf. Martins 2018).

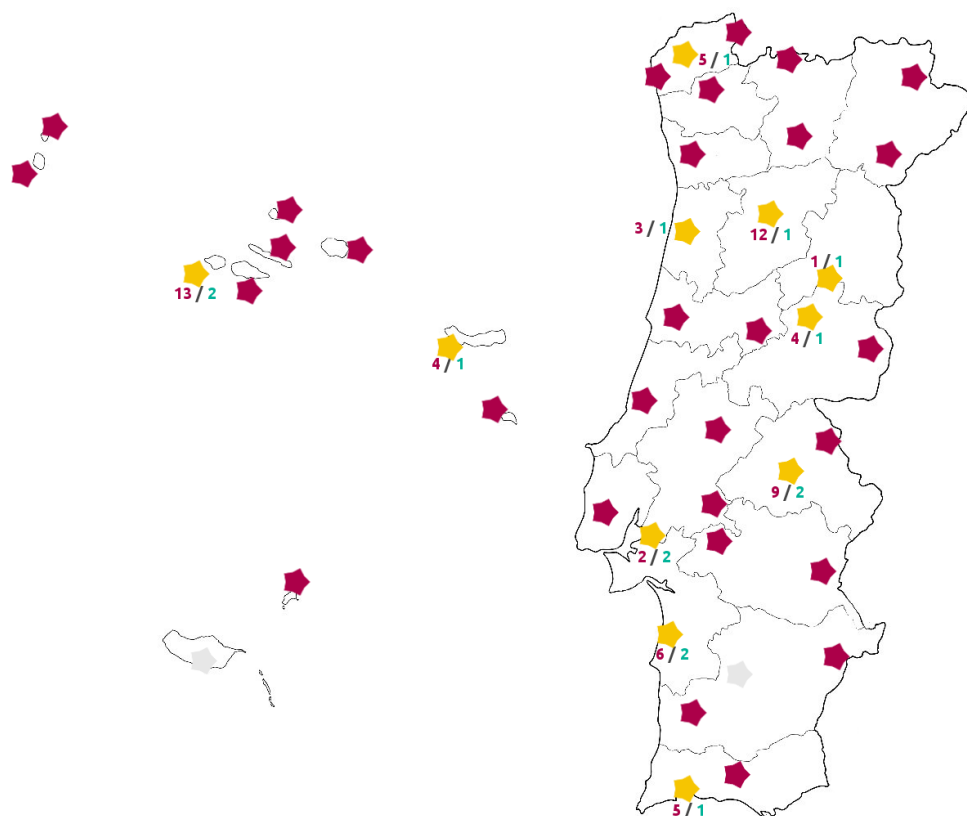
ocorrências de próclise no território continental, à primeira vista estranha, é na verdade normal. Os estudos de geografia linguística mostraram abundantemente que quando uma inovação (=estrato linguístico novo) se expande sobre uma área mais antiga, isto conduz frequentemente à sua fragmentação, com o resultado de que a variante mais antiga pode encontrar-se em áreas separadas entre si, dispersas e, muitas vezes, apenas periféricas.

Devido a um número de ocorrências demasiado escasso, não é possível argumentar a favor de áreas dialectais no território português só a partir dos dados que dizem respeito à preposição *a*. Podemos considerar a concentração dos casos de próclise onde esperávamos ênclise no território insular interessante, mas não é possível concluir nada sem complementar estes dados com uma quantidade muito maior de dados, sobretudo considerando a (fraca) existência do mesmo tipo de ocorrências no território continental. Olhemos de seguida para os dados com a preposição *de*.

3.2. Preposição *de*

Para a preposição *de*, irei segmentar a análise em duas secções diferentes, dado que a literatura, ao contrário do que acontece com a preposição *a* (onde a literatura espera colocação exclusivamente enclítica dos clíticos independentemente do tipo de oração infinitiva), assume dois tipos de colocação clítica possíveis dependendo da presença ou falta de flexão na oração infinitiva. Irei primeiro abordar os contextos que a literatura descreve como sendo de possível variação na colocação dos clíticos e, posteriormente, passarei para os contextos em que se assume uma colocação exclusiva dos clíticos.

3.2.1. Variação próclise/ênclise em infinitivas não-flexionadas



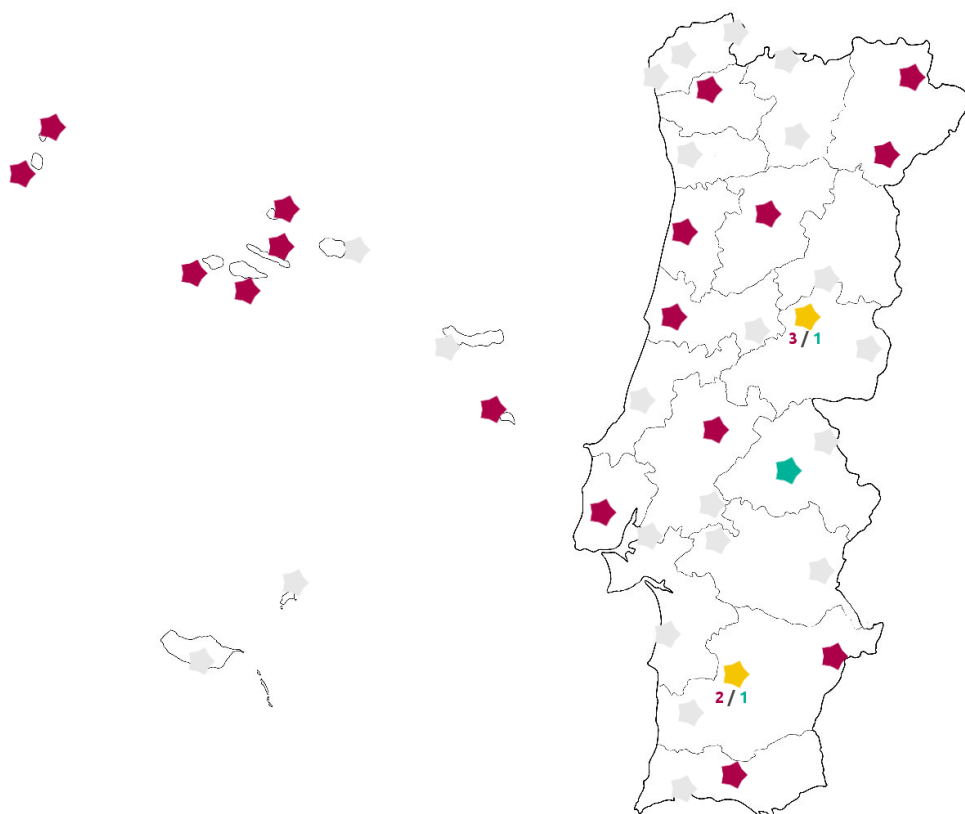
Mapa 2 – Distribuição da ênclise e da próclise nas infinitivas preposicionadas não-flexionadas introduzidas por *de*

Legenda do mapa:

- | | |
|-------------------------------------|---|
| ★ Próclise exclusiva | ◐ Localidade sem ocorr. de dados relevantes |
| ★ Ênclise exclusiva | 1 Número de ocorrências em próclise |
| ★ Variação entre ênclise e próclise | 1 Número de ocorrências em ênclise |

Em 225 clíticos realizados em infinitivas preposicionadas não-flexionadas introduzidas por *de*, contam-se 15 em posição enclítica e 210 em posição próclítica. Conforme observamos no Mapa 2, as diferentes possibilidades de colocação repartem-se, como sucede com a preposição *a*, pelo território português todo, e, se considerarmos apenas estes casos, poderíamos afirmar que dificilmente observamos alguma pista para possíveis áreas dialectais tanto para variação ênclise/próclise na colocação como para a falta da mesma (próclise exclusiva). Por outro lado, ao sobrepor os dados da preposição *a* aos dados da preposição *de* (e da preposição *para*), o panorama começará a mudar. Por uma questão de coerência, detalharei esta sobreposição no final de comentar os dados com *de* e com *para* numa perspectiva individual.

3.2.2. Variação ênclise/próclise em infinitivas flexionadas



Mapa 3 – Distribuição da ênclise e da próclise nas infinitivas preposicionadas flexionadas introduzidas por *de*

Legenda do mapa:

- | | |
|-------------------------------------|---|
| ◆ Próclise exclusiva | ◆ Localidade sem ocorr. de dados relevantes |
| ◆ Ênclise exclusiva | 1 Número de ocorrências em próclise |
| ◆ Variação entre ênclise e próclise | 1 Número de ocorrências em ênclise |

Num total de 45 clíticos, 3 clíticos ocorrem em posição enclítica. Tendo em conta que a literatura assume próclise exclusiva em infinitivas preposicionadas flexionadas introduzidas por *de*, podemos supor, por agora, que estas três ocorrências ilustram uma variante que contrasta com os comportamentos do PE padrão, na medida em que mostram a possibilidade de haver variação na colocação dos clíticos num contexto formalmente descrito como tendo obrigatoriamente próclise. Estas ocorrências, representadas no Mapa 3, encontram-se nas gravações realizadas em Unhais da Serra (Castelo Branco), Cabeço de Vide (Portalegre), e Aljustrel (Beja) concentrando-se na região do Alentejo e da Beira Baixa, incluindo a sub-área dialectal de Castelo Branco e Portalegre, área de personalidade dialectal destacada em diferentes classificações dos dialectos portugueses e delimitada, com base em traços fonéticos, como área subdialectal em Cintra 1971. Ilustro de seguida exemplos de ambas as colocações originais das localidades que permitem variação:

- (77) a. “As cebolas também *lhe* põem um bocadinho para mor de ficar-**lhe** ali a água” [UNS]
 b. “Homem, então eu não dei conta de os lobos **se** deitarem a ela”
- (78) a. “eu lembra-me de as pessoas, às vezes, *lhe* darem ataques e passarem-**lhe** com essa erva”⁴ [AJT]
 b. “guloso mas daqueles gulosos parvos, de **lhe** darem qualquer coisa...”

A localidade de Cabeço de Vide apresenta ainda exclusivamente ênclise – porém, incluo esta localidade no âmbito das localidades que permitem variação (ao invés de assumir que se produz apenas ênclise com *de*) por apenas ter encontrado uma única ocorrência de clítico em infinitiva introduzida por *de*.

- (79) “Mas eu mesmo com aquela ideia de ele odiá-**los**.” [CBV]

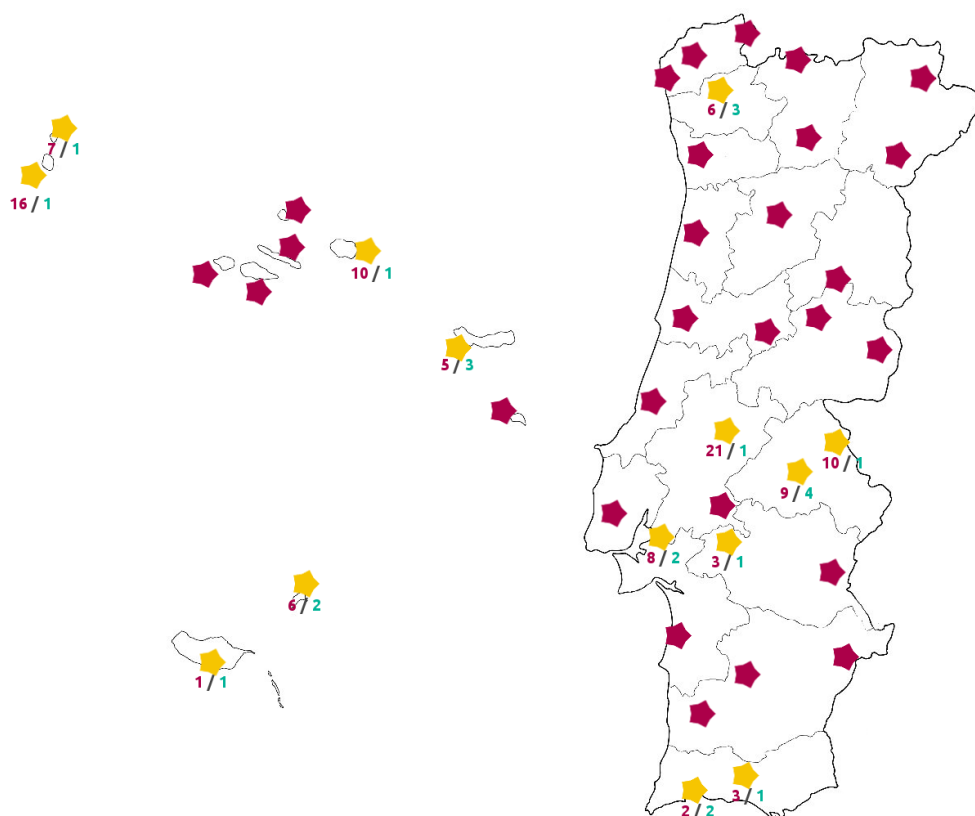
No entanto, o número de ocorrências é demasiado escasso e não nos permite formular qualquer hipótese que relacione a distribuição dos clíticos com factores geográficos se olharmos para eles num panorama individual. Os dados, no entanto, ajudar-nos-ão a obter um panorama mais amplo do comportamento dos clíticos na secção dos mapa-síntese.

⁴ Os casos como aquele apresentado em (78a), em que o domínio não-finito encontra-se separado da preposição que o introduz por outra oração, foram tidos em especial conta e menciona-los-ei na secção 3.4 do presente capítulo.

3.3. Preposição *para*

As infinitivas preposicionadas introduzidas pela preposição *para* apresentam duas particularidades que as distinguem das infinitivas preposicionadas introduzidas por *de* e *a*. A primeira prende-se com o facto de existir um elevado número de clíticos em infinitivas preposicionadas introduzidas por *para* (um total de 496 clíticos) comparativamente com aquelas introduzidas por *a* e *de* (204 e 270 clíticos, respectivamente). Adicionalmente, para além das diferenças a nível quantitativo entre a preposição *para* e as outras preposições em estudo nesta dissertação, também se tem de ter em conta as diferenças tipológicas que separam igualmente estes dois grupos de preposições, isto é existe um elevado número de adjuntos com a preposição *para* comparativamente com as preposições *de* e *a* (que consistem maioritariamente em perífrases verbais).

3.3.1. Variação ênclise/próclise infinitivas não-flexionadas



Mapa 4 – Distribuição da ênclise e da próclise nas infinitivas preposicionadas não-flexionadas introduzidas por *para*

Legenda do mapa:

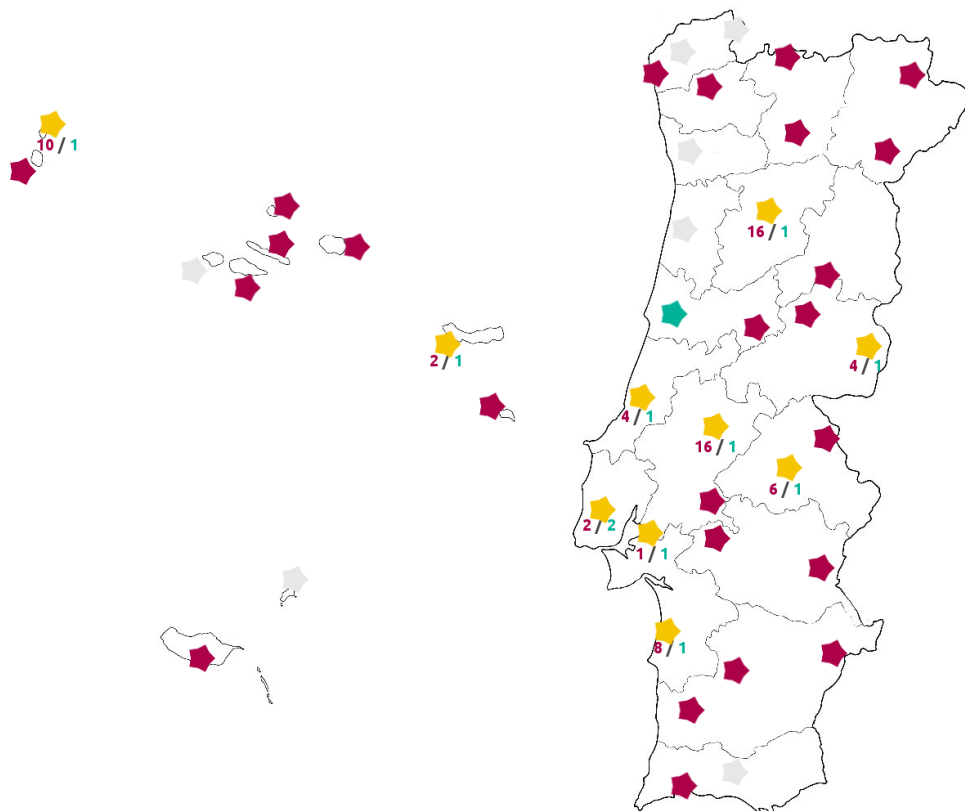
◆	Próclise exclusiva	◀	Localidade sem ocorr. de dados relevantes
◆	Ênclise exclusiva	1	Número de ocorrências em próclise
◆	Variação entre ênclise e próclise	1	Número de ocorrências em ênclise

Mais uma vez, se tivermos apenas em conta uma perspectiva isolada do comportamento dos clíticos em infinitivas preposicionadas (simples) introduzidas por *para*, não é possível qualquer interpretação dos dados que nos permita associar a distribuição da ênclise e da próclise a factores de natureza geográfica. No entanto, é de salientar que, no território insular, a próclise sistemática concentra-se largamente no grupo central do Açores. Voltaremos a este assunto na secção dos mapas-síntese, de forma a interpretar esta distribuição tendo em conta a distribuição dos clíticos nos outros contextos em estudo nesta dissertação.

Como previamente mencionado, também não é possível observar padrões associados à natureza do contexto sintáctico da infinitiva (e.g. perífrases verbais ou adjuntos) nesta secção, dado que a preposição *para* ocorre largamente com adjuntos comparativamente com as preposições *a* e *de*. Seguem outra vez alguns exemplos:

- (80) a. “Depois, para tirá-**la** da urdideira, ora bom, depois a gente cortava os fios,” [FIS]
b. “Uma canela para depois **se** meter na teia.”
- (81) a. “E eles cultivavam o linho não já para trabalhá-**lo** em obras, mas para terem para remédios.” [CDR]
b. “Mas está boa para **me** fazer jeito ou está de verdade mesmo boa?”
- (82) a. “ele está explorando esta água, que é para juntá-**la** toda e levá-la para lá.” [PST]
b. “Depois corta-se, que é para **se** fazer água-pé.”

3.3.2. Variantes não-padrão – ênclise em infinitivas flexionadas



Mapa 5 – Distribuição da ênclise e da próclise nas infinitivas preposicionadas flexionadas introduzidas por *para*

Legenda do mapa:

- | | |
|-------------------------------------|---|
| ★ Próclise exclusiva | ◊ Localidade sem ocorr. de dados relevantes |
| ★ Ênclise exclusiva | 1 Número de ocorrências em próclise |
| ★ Variação entre ênclise e próclise | 1 Número de ocorrências em ênclise |

Num total de 142 clíticos em infinitivas flexionadas introduzidas por *para*, apresentam-se 11 clíticos em posição enclítica. Tal como sucede com a preposição *de*, a literatura prevê próclise exclusiva em infinitivas preposicionadas flexionadas introduzidas por *para*, sendo que estas ocorrências ilustram uma variante com um comportamento distinto do que acontece no PE padrão, representando a possibilidade de variação na colocação dos clíticos em infinitivas preposicionadas flexionadas introduzidas por *para* em vez de próclise exclusiva.

Mais uma vez, observamos dispersão pelo território todo tanto da próclise exclusiva como da variação ênclise/próclise. Porém, tal como sucedeu com os casos de infinitivo simples, o grupo central dos Açores parece apresentar resistência à ênclise com a preposição *para*.

Apresento de seguida exemplos de algumas das localidades que apresentam variação na colocação clítica:

- (83) a. “Tinham de combinar era os dias das cozeduras e as horas, para ele desencontrarem-**se** umas das outras.” [EXB]
 b. “Pois. para ver se o caneco vinha cheio ou não, para eu **o** ganhar como os homens;”
- (84) a. “Mandei-lhe logo dizer para eles virem-**no** buscar.” [MIG]
 b. “Não é para **me** porem à água!”
- (85) a. “Uma pia para darem-**lhe** água.” [ALC]
 b. “Mas agora antigamente, para a gente **se** aquecer, era lenha.”

Apesar de podermos verificar uma concentração da variação ênclise/próclise no centro do território continental, será necessário interpretar estes dados tendo em conta aqueles que apresentei anteriormente. Mas antes desta tarefa, pretendo abordar o caso particular dos clíticos em estruturas coordenadas antes de partir para uma interpretação geral dos clíticos nas infinitivas preposicionadas com *a*, *de* e *para*.

3.4 Os casos de ênclise em estruturas coordenadas

Uma particularidade verificada nos casos de ênclise com *de* e *para* é a existência de várias ocorrências em estruturas coordenadas (no segundo membro da coordenação), tanto com o infinitivo simples como com o infinitivo flexionado, como os seguintes exemplos ilustram:

- (86) “mas ele, ele aborreceu-se *de* ele combinar e depois negar-**se** ...” [COV]
 (87) “Depois *de* ir para cima da mesa e separar-**se** o tocinho e as banhas e as costeletas e as pernas, a fressura, o porco está ali só num.” [ALC]
 (88) “tinha lá uma cheia de terra, *para* qualquer dia despejar a terra e lavá-**la** também para fazer o sal com ela.” [MIG]

Alguns dos casos apresentam, inclusive, clíticos no primeiro membro coordenado em posição proclítica, o que reforça a necessidade de olhar para estes casos de maneira diferente das ocorrências em estruturas simples.

- (89) “eu lembra-me *de* as pessoas, às vezes, lhe darem ataques e passarem-**lhe** com essa erva” [AJT]
 (90) “*Para* se tirar e comê-**lo**, depois de o pão estar lá” [PAL]

A ênclise em estruturas coordenadas é um fenómeno que já foi atestado também em orações subordinadas finitas (contexto onde esperaríamos tipicamente próclise). Martins (2013) afirma que, em contextos de coordenação entre orações subordinadas finitas em que a conjunção subordinativa

não está presente nas orações coordenadas subsequentes, a colocação enclítica nas orações subsequentes à primeira é gramatical:

(91) Quero que saiba também *que* tenho confiança e acho-**me** bem em senti-la.

(92) A lâmpada (...) ilumina francamente a calçada de poeira branca *que* se prolonga para o corredor sob o prédio, e reflecte-**se** baça (...).

Exemplos retirados de Martins (2013)

Tendo em conta que, nos casos acima, os clíticos nas orações coordenadas subsequentes não parecem ser sensíveis à presença do complementador desencadeador de próclise na primeira oração, podemos assumir também que a colocação clítica em orações infinitivas coordenadas subsequentes pode não ter necessariamente em conta a presença de elementos que favoreçam a próclise na primeira oração infinitiva.

Dada a situação, achei pertinente refazer os mapas para as preposições *de* e *para* excluindo os casos de ênclise em orações coordenadas que não sejam imediatamente antecidos pela preposição introdutora, de forma a verificar se o panorama verificado nos mapas anteriores se altera. Simultaneamente, optei por excluir, seguindo um raciocínio semelhante, os casos em que a oração infinitiva se encontra separada da preposição introdutora por factores de natureza extralinguística, como os seguintes:

(93)

INQ = Inquiridor | INF = Informante

INQ Para as porem *para* depois...

INF Secarem-**nas**, não é?

[GRJ]

Excluídos estes casos (um total de 8 ocorrências), a distribuição da ênclise e da próclise com *de* e *para* muda da seguinte forma:

(i) Nos casos de ênclise em infinitivas flexionadas introduzidas por *de*, as ocorrências concentram-se apenas na região que diz respeito à área subdialectal de Castelo Branco e Portalegre (deixamos de ter variação ênclise/próclise em Aljustrel);

(ii) Nos casos de ênclise em infinitivas flexionadas introduzidas por *para*, deixamos de ter variação no Granjal, reforçando uma separação entre um Norte mais conservador (que não permite ênclise com infinitivas flexionadas) e o resto do território continental;

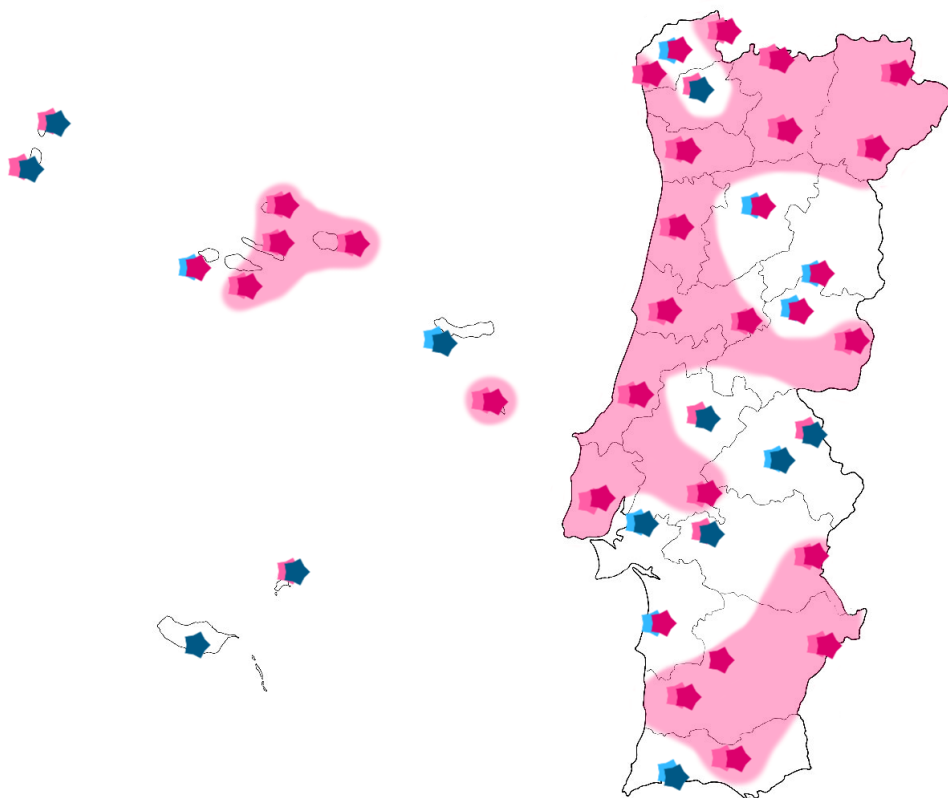
(iii) Nos casos de ênclise em infinitivas simples com *de* e *para*, o panorama geral não parece alterar-se: a única localidade que passa a deixar de ter variação com *de* é Covo (Aveiro) e a localidade que passa a deixar de ter variação com *para* é Porches, Alte (Faro). No entanto, iremos

ver na próxima secção que estas pequenas mudanças podem levar-nos a uma imagem geral muito mais nítida da distribuição dos clíticos ao juntarmos informação de todos os contextos analisados na elaboração de mapas-síntese da distribuição dos clíticos.

3.5 Mapas-síntese da distribuição dos clíticos

Para podermos ter uma ideia mais concreta das tendências gerais relativamente à colocação dos clíticos em infinitivas preposicionadas, optei por elaborar mapas-síntese de forma a justapôr a informação dos vários contextos analisados em um só mapa linguístico. Estes mapas foram realizados após a remoção dos casos mencionados na secção anterior.

O primeiro mapa-síntese diz respeito à justaposição dos dados correspondentes às orações infinitivas de infinitivo simples introduzidas por *de* e *para*, em que temos, no PE padrão, variação entre as duas possíveis colocações de clíticos.



Mapa 6 – Distribuição da ênclise e da próclise nas infinitivas preposicionadas simples introduzidas por *de* e *para*.

Legenda do mapa:

- | | |
|---|---------------------------------------|
| ★ Próclise exclusiva com <i>de</i> | ★ Variação enc./proc. com <i>de</i> |
| ★ Próclise exclusiva com <i>para</i> | ★ Variação enc./proc. com <i>para</i> |
| ■ Áreas dialectais de próclise exclusiva com ambas as preposições | |

Ao sobrepormos os dados de ênclise e próclise com as preposições *de* e *para*, começamos a observar a emergência de várias áreas nítidas que se caracterizam por ter próclise, sem variação, com as duas preposições. Estas áreas são as seguintes quatro (ou três, se considerarmos as duas primeiras como uma só área):

(i) Norte do território continental – inclui as regiões do Minho, do Douro Litoral, e Trás-os-Montes (mas exclui duas localidades minhotas), mais especificamente as seguintes localidades:

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1. Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo) | 25. Larinho (Bragança) |
| 2. Castro Laboreiro (Viana do Castelo) | 28. Gião (Porto) |
| 3. Perafita (Vila Real) | 36. Santo André (Vila Real) |
| 11. Outeiro (Bragança) | |

(ii) Litoral centro-norte e centro interior do território continental – estende-se, no litoral, de Lisboa a Aveiro e, na sua parte central, até à fronteira oriental (Castelo Branco), enquanto que na parte meridional tem o seu extremo oriental em Santarém. Inclui as seguintes localidades:

- | | |
|----------------------------------|-----------------------------------|
| 8. MST Monsanto (Castelo Branco) | 24. Moita do Martinho (Leiria) |
| 19. Covo (Aveiro) | 29. Santa Justa (Santarém) |
| 21. Porto de Vacas (Coimbra) | 31. Vila Pouca do Campo (Coimbra) |
| 22. Enxara do Bispo (Lisboa) | |

(iii) Baixo Alentejo e Algarve – as três localidades de Beja, uma da zona centro-oriental de Évora, e uma da região algarvia:

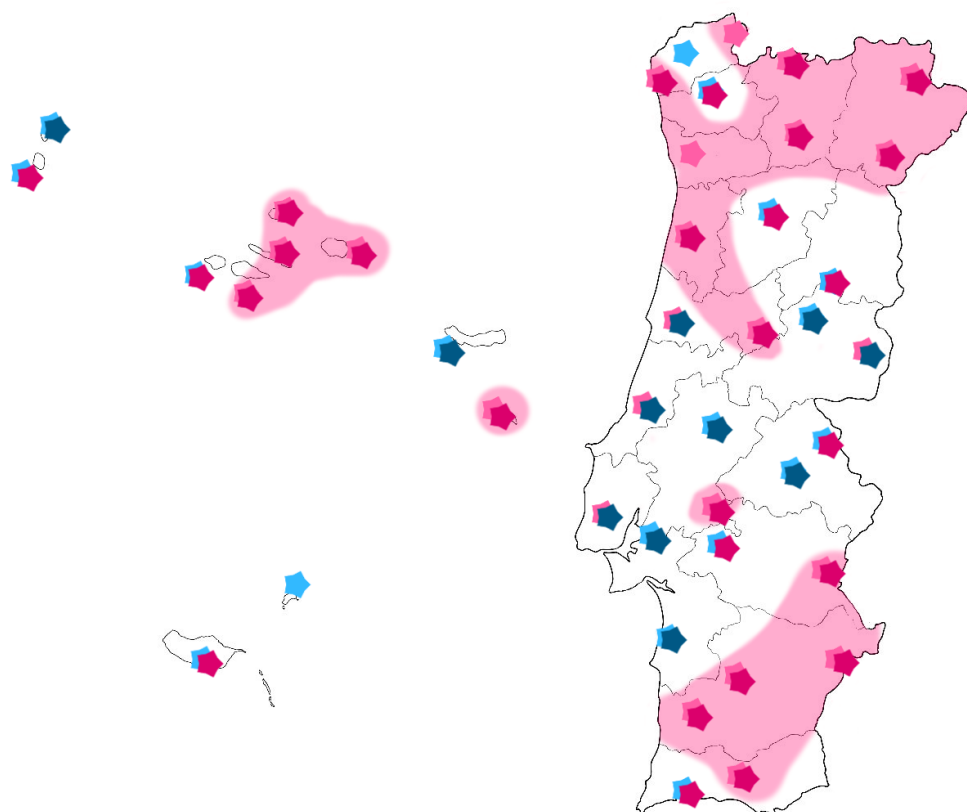
- | | |
|-------------------------|-----------------------------|
| 5. Porches, Alte (Faro) | 39. CPT Carrapatelo (Évora) |
| 16. SRP Serpa (Beja) | 40. AJT Aljustrel (Beja) |
| 26. LUZ Luzianes (Beja) | |

(iv) Açores – três ilhas do grupo central e uma ilha do grupo oriental do arquipélago dos Açores – Graciosa, São Jorge, Pico, e Santa Maria. As localidades específicas são as seguintes:

- | | |
|-------------------------------------|------------------------------------|
| 20. Bandeiras, Cais do Pico (Horta) | 38. Calheta (Angra do Heroísmo) |
| 34. Graciosa (Angra do Heroísmo) | 41. Santo Espírito (Ponta Delgada) |

Ao considerarmos as áreas (i) e (ii) como sendo uma só área dialectal, neste caso esta cobre o litoral centro-norte, com prolongamentos para o interior numa faixa setentrional e outra central.

Para o segundo mapa-síntese, juntei ao Mapa 6 os dados do infinitivo flexionado.



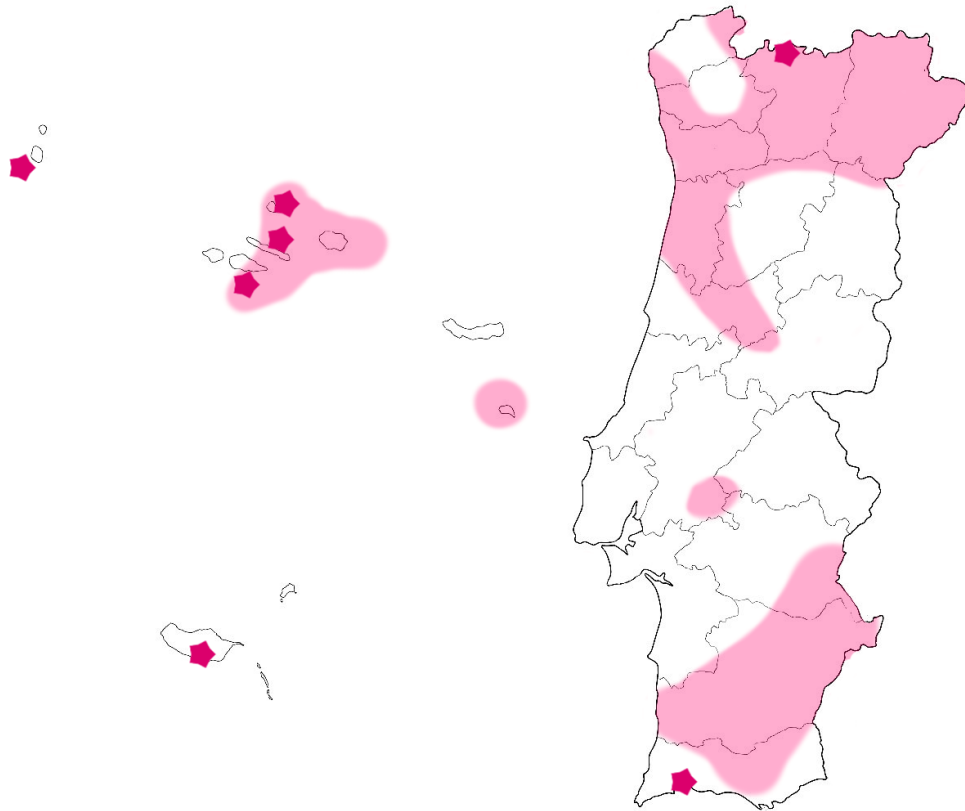
Mapa 7 – Distribuição da ênclise e da próclise nas infinitivas preposicionadas simples e flexionadas introduzidas por *de* e *para*.

Legenda do mapa:

- | | |
|--|---|
| ★ Próclise exclusiva em infinitivas simples (com <i>de</i> e <i>para</i>) | ★ Variação enc./proc. em infinitivas simples (com <i>de</i> e <i>para</i>) |
| ★ Próclise exclusiva em infinitivas flexionadas (com <i>de</i> e <i>para</i>) | ★ Variação enc./proc. em infinitivas flexionadas (com <i>de</i> e <i>para</i>) |
| ■ Áreas dialectais de próclise exclusiva com ambas as preposições | |

Ao juntarmos aos dados do infinitivo simples os dados do infinitivo flexionado, conseguimos confirmar que as áreas do Norte, do Baixo Alentejo+Algarve e dos Açores, identificadas pelo primeiro mapa-síntese, são áreas que apresentam consistentemente só próclise com as preposições *de* e *para* e, logo, são caracterizadas por um tipo de dialecto que difere do PE (que permite variação entre as duas colocações com ambas as preposições). A área do centro continental, por sua vez, perde consistência ao apresentar ocorrências de ênclise com infinitivo flexionado (em variação) em 4 das 7 localidades que apresentam próclise sistemática com o infinitivo não-flexionado.

Apesar de as infinitivas preposicionadas encabeçadas por *a* apresentarem, à partida, um comportamento diferente daquele que as infinitivas preposicionadas introduzidas por *de* e *para* manifestam, não deixa de ser pertinente a elaboração de um terceiro e último mapa-síntese que sobreponha aos dados do segundo mapa-síntese (Mapa 7) os dados que dizem respeito às localidades minoritárias que manifestam próclise com a preposição *a*:



Mapa 8 – Sobreposição das localidades que apresentam próclise (em variação) com a preposição *a* às áreas dialectais de próclise exclusiva com as preposições *de* e *para*.

Legenda do mapa:

- ★ Ocorrências de próclise em infinitivas preposicionadas introduzidas por *a*
- Áreas dialectais de próclise exclusiva com as preposições *de* e *para*

É interessante verificar que os raros casos de próclise com a preposição *a* ou se encontram dentro das áreas dialectais de próclise exclusiva com as preposições *de* e *para* ou se encontram em localidades geograficamente próximas das áreas delimitadas (Açores e Algarve), excluindo-se desta generalização uma ocorrência de próclise realizada na ilha da Madeira.

Tendo em conta o que sabemos sobre o comportamento dos clíticos numa perspectiva diacrónica (mais especificamente, que nos séculos XV-XVI, a próclise era generalizada nas orações infinitivas preposicionadas introduzidas por *a*, *de* e *para* – cf. Martins 1994), podemos deduzir que as áreas

dialectais com próclise exclusiva com *de* e *para* ou a possibilidade de próclise com *a* correspondem, diacronicamente, a um estrato mais antigo da variação linguística atestada (pelo menos no território continental).

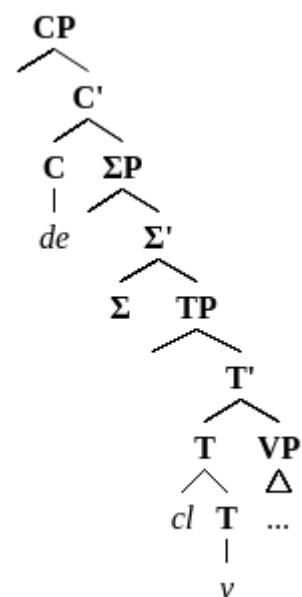
3.6 As variedades dialectais à luz de Magro (2005)

Tendo em conta a informação presente na secção 2.2.2 do primeiro capítulo que diz respeito à proposta de Magro (2005) para a configuração estrutural das infinitivas preposicionadas, torna-se agora necessário comentar cada um dos tipos de variedade dialectal identificados na secção anterior de acordo com a proposta da autora.

Primeiro, vamos esclarecer de novo os diferentes padrões identificados ao longo da análise do presente capítulo. Podemos identificar três grupos de dialectos a partir da análise realizada:

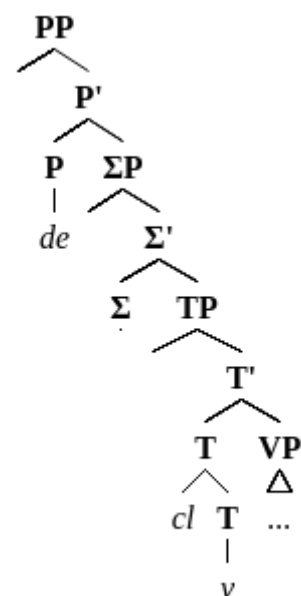
- (i) Dialectos com próclise exclusiva (com as preposições *de* e *para*);
- (ii) Dialectos com ênclise exclusiva (com a preposição *a*);
- (iii) Dialectos que apresentam variação ênclise/próclise, seja com qual for a preposição.

De acordo com Magro (2005), nos dialectos do tipo (i), que se destacam por apresentarem um comportamento distinto do PE padrão, o que parece verificar-se é que as preposições *de* e *para* apresentam, na verdade, sistematicamente o estatuto categorial de complementador e seleccionam exclusivamente um IP pleno como complemento. O que sucede é uma configuração estrutural como aquela representada na Configuração 1 (secção 2.2.2, cap. I, reproduzida de novo ao lado do presente parágrafo). Tendo em conta que C tem conteúdo lexical (a preposição em causa), este legitima Σ e obtemos directamente a colocação proclítica sistemática que se observa nos dados correspondentes a estes dialectos. Em alguns casos, a preferência por interpretar as preposições como tendo traços típicos de complementador



é tal que esta se estende à preposição *a*, resultando nos casos escassos de próclise em infinitivas introduzidas pela preposição *a*. Considero que a coincidência dos casos de próclise com *a* com as áreas dialectais de próclise sistemática com *de* e *para* não é por acaso, e que estes dialectos se destacam dos outros por terem uma forte preferência por interpretar as várias preposições como complementadores e não como preposições.

Nos dialectos do tipo (ii), em que encontramos ênclise exclusiva com a preposição *a*, a preposição *a* apresenta sistematicamente o estatuto categorial de verdadeira preposição e selecciona, nestes casos, um IP pleno como complemento. Simultaneamente, as poucas localidades que apresentam sistematicamente variação com *de* e *para*, tanto em infinitivas flexionadas como não-flexionadas (ver localidades marcadas sistematicamente a azul nos mapas-síntese 6 e 7) nunca coincidem com ocorrências de próclise com a preposição *a*. Defendo que, nestas localidades, as tendências para interpretar as preposições como sendo de facto preposições são superiores às tendências dos outros dialectos identificados neste trabalho (apesar de a interpretação sistemática do elemento introdutor da infinitiva como preposição só se manifestar com a preposição *a*). Nestes casos temos subjacente uma estrutura como aquela ilustrada na Configuração 2 (que, mais uma vez, reproduzo aqui de lado como referência) e opera um processo de fusão morfológica com inversão, do qual resulta a ênclise, derivado da necessidade de legitimar Σ (que não apresenta conteúdo lexical nem pode ser legitimado por C, por este não ser projectado nesta configuração).



Finalmente, nos dialectos do tipo (iii), bem como nos casos de variação tidos em conta nos dialectos do tipo (i) e (ii), o que temos é a existência de ambiguidade lexical em relação às preposições que admitem ambos os tipos de colocação clítica, i.e. da mesma preposição podem derivar ambas as configurações mencionadas acima. Por exemplo:

- (94) “Às vezes, a gente abala *para se* perder um bocado...” [ALV]
 (95) “diz que já pôs lá para umas sacas *para* elevá-**lo** todo; não basta ser pouco!” [ALV]

Nos exemplos ilustrados acima, temos, na mesma localidade (Alvor, Faro), a possibilidade de realizar tanto ênclise como próclise em infinitivas introduzidas por *para*. Neste tipo de situação, existe ambiguidade lexical em relação ao elemento introdutor em questão, que tanto pode ter o estatuto de preposição como ter o estatuto de complementador. Nos casos em que estamos perante um complementador, estamos perante uma estrutura como aquela presente na Configuração 1 e resulta a próclise, como sucede no exemplo (94). Por outro lado, em casos como (95), temos na realidade um elemento com o estatuto de preposição que implica uma estrutura subjacente do tipo daquela ilustrada na Configuração 2, da qual resulta a ênclise.

Uma outra particularidade a comentar é o facto de estes exemplos (como vários outros) terem sido realizados pelo mesmo informante. Quando tal sucede, trata-se simplesmente de um caso de dupla entrada lexical na gramática do falante, em que tanto podemos ter uma preposição como um complementador a introduzir a oração.

3.7. A distribuição dos clíticos e as propriedades dos verbos – comentário dos dados com base em Rodygina (2009)

Relembro que a autora encontrou, nos seus dados, uma maior preferência por parte dos verbos (semi-)auxiliares pela ênclise, por oposição às estruturas que não envolvem estes verbos (e que apresentam tendencialmente próclise).

Excluindo desta discussão os casos com a preposição *para* por causa de a mesma raramente ocorrer em perífrases com verbos (semi-)auxiliares (a única excepção é a expressão *ir para*), os casos de infinitivo flexionado (os verbos auxiliares só seleccionam como complemento orações infinitivas simples, sendo muito poucas as ocorrências dialectais de infinitivos flexionados neste contexto – cf. Martins 2018) e as localidades que apresentam uma colocação sistemática com uma determinada preposição (seja ênclise com *a*, seja próclise com *de*), vejamos agora se os dados do CORDIAL-SIN nos dizem o mesmo.

Primeiro, apresento aqui as localidades tidas em conta nesta discussão (isto é, as que apresentam variação com *a* ou com *de*). As localidades que apresentam variação ênclise/próclise com a preposição *a* são as seguintes:

6. Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)

9. Fajãzinha (Horta)

15. Alvor (Faro)

20. Bandeiras, Cais do Pico (Horta)

34. Graciosa (Angra do Heroísmo)

36. Santo André (Vila Real)

38. Calheta (Angra do Heroísmo)

As localidades que apresentam variação ênclise/próclise com a preposição *de* são as seguintes:

10. Ponta Garça (Ponta Delgada)

12. Cabeço de Vide (Portalegre)

13. Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria (Viana do Castelo)

14. Figueiró da Serra (Guarda)

15. Alvor (Faro)

18. Alcochete (Setúbal)

30. Unhais da Serra (Castelo Branco)

32. Granjal (Viseu)

35. Melides (Setúbal)

42. Cedros (Horta)

Os dados do CORDIAL-SIN mostram o seguinte:

	(Semi-)auxiliares		Outras estruturas	
	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise
a	84,2% (16)	15,8% (3)	55,6% (5)	44,4% (4)
de	15% (3)	85% (17)	18,5% (10)	81,5% (44)

Tabela 4: Distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas introduzidas por *a* e *de* por tipo de verbo-matriz.

De acordo com o que observamos na Tabela 4, não é possível, à primeira vista, formular a mesma conclusão que Rodygina (2009) formula no seu trabalho (ainda que observemos uma diferença potencialmente significativa em relação à preposição *a*). Por outro lado, o número de ocorrências para cada contexto em questão é de tal forma reduzido que não considero adequado formular conclusões em relação a este tópico nem comparar os resultados apresentados na tabela 4 aos de Rodygina, devido à grande diferença quantitativa dos dados. Apresento de seguida, como exemplo ilustrativo do meu argumento, os números relativos ao contexto sintático das infinitivas preposicionadas com as preposições *a* e *de*, apresentando, à esquerda, os dados da análise da presente secção e, à direita, os números de Rodygina para fins comparativos:

Verbos (semi-)auxiliares:	Ênclise	Próclise
<i>Estar a</i>	4	0
<i>Chegar a</i>	1	1
<i>Começar a</i>	1	0
<i>Atrever a</i>	1	0
<i>Ficar a</i>	1	1
<i>Tocar a</i>	7	0
<i>Usar a</i>	1	0
<i>Voltar a</i>	0	1

Completivas verbais	2	2
Completivas nominais	0	0
Completivas adverbiais	3	1
Completivas adjectivais	0	1

Tabela 5: Distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas introduzidas por *a* – versão detalhada (CORDIAL-SIN)

Verbos (semi-)auxiliares:	Ênclise	Próclise
<i>Estar a</i>	317	4
<i>Chegar a</i>	122	0
<i>Começar a</i>	370	3
<i>Ficar a</i>	72	0
<i>Andar a</i>	96	0
<i>Continuar a</i>	212	0
<i>Passar a</i>	91	1
<i>Voltar a</i>	172	0
<i>Vir a</i>	191	0
Completivas verbais	340	3
Completivas nominais	25	0
Completivas adverbiais	528	1
Completivas adjectivais	84	0

Tabela 6: Distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas introduzidas por *a* – versão detalhada (Rodygina 2009)

Verbos (semi-)auxiliares:	Ênclise	Próclise
<i>Acabar de</i>	0	0
<i>Deixar de</i>	0	1
<i>Haver de</i>	2	10
<i>Ter de</i>	0	6
<i>Dever de</i>	1	0
Completivas verbais	1	11
Completivas nominais	5	14
Completivas adverbiais	2	12
Completivas adjectivais	2	4

Tabela 7: Distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas introduzidas por *de* – versão detalhada (CORDIAL-SIN)

Verbos (semi-)auxiliares:	Ênclise	Próclise
<i>Acabar de</i>	13	45
<i>Deixar de</i>	71	294
<i>Haver de</i>	39	18
<i>Ter de</i>	119	377

Completivas verbais	90	403
Completivas nominais	34	940
Completivas adverbiais	7	838
Completivas adjectivais	7	155

Tabela 8: Distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas introduzidas por *de* – versão detalhada (Rodygina 2009)

Como os dados acima ilustram, não é possível formular conclusões com uma discrepância tão grande no número de dados. A necessidade de ter em conta os factores de natureza geográfica mencionados na secção anterior levou à exclusão da maior parte dos dados, o que resultou num número de ocorrências demasiado escasso para comparar com os resultados de Rodygina.

Não obstante, os dados parecem é indiciar tendências dos verbos na selecção categorial dos seus complementos (e, logo, tendências nas suas propriedades categoriais), tal como foi previamente mencionado na secção 2.2.3 do capítulo I. Esta tendência não parece é estabelecer claramente uma separação entre os verbos (semi-)auxiliares e os outros verbos que seleccionam orações infinitivas como complemento, na minha opinião. Nos dados de Rodygina, não podemos observar uma diferença significativa para as infinitivas introduzidas por *a* dado que o número de ocorrências de próclise é marginal (ou seja, há muito pouca variação ênclise/próclise com *a*). Para os dados de Rodygina em relação às infinitivas introduzidas por *de*, se tivermos em conta a média da percentagem de ênclise com (semi-)auxiliares (23,8%) contrastivamente com a percentagem em outros contextos(5,6%), parece haver de facto uma diferença significativa; no entanto, se olharmos para os números verbo a verbo, percebemos que a percentagem de ênclise no primeiro grupo é inflacionada pelas ocorrências com *haver de* (68,4%) e percebemos também que as completivas verbais apresentam um comportamento distinto daquele observado com as restantes completivas. As percentagens que dizem respeito aos outros verbos (semi-)auxiliares, *acabar de* (22,4%), *deixar de* (19,5%) e *ter de* (20,7%) aproximam-se muito do valor que corresponde à ênclise nas restantes completivas verbais (18,3%). Assim sendo, parece-me que aquilo que se observa é, na verdade, uma diferença entre a colocação clítica atestada em complementos infinitivos seleccionados por verbos

(22,6%) e a colocação clítica atestada em complementos infinitivos seleccionados por elementos não-verbais (2,4%).

As propriedades categoriais do elemento introdutor *e*, consequentemente, a natureza estrutural do seu complemento, parecem sobretudo ser sensíveis a três factores:

(i) à preposição em questão;

(ii) à natureza do elemento que selecciona o complemento infinitivo (verbos *versus* outros elementos);

(iii) em menor escala, ao verbo que selecciona a preposição.

Em relação ao factor (i), aponto para os números de Rodygina, os de Magro (2005) e os da presente dissertação (expostos nas secções 3.1, 3.2 e 3.3 do presente capítulo, os quais resumirei na próxima secção) que mostram claramente uma tendência na colocação clítica esmagadoramente maioritária em detrimento da outra, por parte de cada uma das preposições (ênclise com a preposição *a* e próclise com as preposições *de* e *para*), apesar de todas elas permitirem algum tipo de variação (de uma perspectiva geral ao território português todo, tendo em conta que, tal como vimos anteriormente, existem dialectos que não manifestam variação de todo na colocação dos clíticos com uma determinada preposição). Isto implica que esteja subjacente a este fenómeno uma forte preferência na interpretação das propriedades categoriais do elemento introdutor da infinitiva que, consequentemente, selecciona como complemento uma ou outra configuração estrutural que promove uma determinada colocação do clítico na oração infinitiva. Ou seja, a preposição *a* está sobretudo associada a propriedades categoriais típicas de uma verdadeira preposição *e*, conforme vimos na secção anterior, seleccionará como complemento uma configuração estrutural que resulta na ênclise. Por outro lado, as preposições *de* e *para* tendem a manifestar propriedades categoriais típicas dos complementadores e seleccionam como complemento uma configuração estrutural diferente daquela que uma verdadeira preposição selecciona, da qual resulta a próclise.

Em relação ao factor (iii), aponto para a existência de alguns verbos em perífrase verbal com a preposição *a* que possibilitam, ainda que a um nível muito baixo de ocorrências, a possibilidade de colocar o clítico em posição próclítica, contrastivamente com as várias perífrases que inibem completamente a próclise. Adicionalmente, Rodygina verifica no seu trabalho que 81 das 90 ocorrências de ênclise com completivas verbais com *de* acontecem apenas com dois verbos específicos:

Completivas verbais com <i>de</i> :	Ênclise	Próclise
<i>Gostar de</i>	21% (42)	79% (151)
<i>Precisar de</i>	30% (39)	70% (90)
<i>Outros verbos</i>	5% (9)	95% (162)

Tabela 9: Distribuição da ênclise e da próclise em completivas verbais com a preposição *de*

Deixo fora da presente discussão os dados que dizem respeito a *haver de*, devido a esta perífrase apresentar a particularidade de alguns falantes interpretarem o verbo e a preposição *de* como uma unidade morfológica apenas, como ilustram exemplos como os seguintes:

(96) “Deixa estar que nós agora 'haviademos' os amolar, aos da Junta” [GRJ]

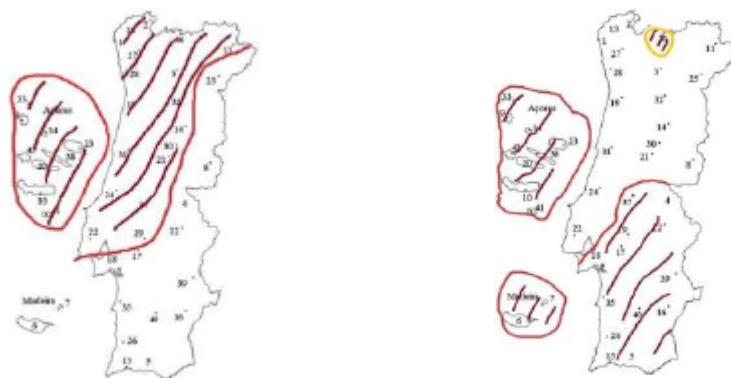
(97) “E olha que um homem para lá, ‘há-dem’ *lhe* dar uma bofetada e apanhar outra” [COV]

A distribuição dos clíticos com *haver de* no trabalho de Rodygina contrasta com os números da colocação clítica com os restantes (semi-)auxiliares com *de* por apresentarem preferência por ênclise ao invés de próclise. Nos dados do CORDIAL-SIN voltamos a observar preferência por próclise, mas o peso quantitativo dos dados é muito menor. Seria tentador simplesmente assumir que os casos de incorporação levam ao (elevado) número de ênclise, mas produções como aquela presente em (96) forçar-nos-iam a uma análise mais complexa. A incorporação da preposição no verbo implicará alterações na configuração estrutural da infinitiva que fogem ao escopo da discussão presente, sendo que me limito a não considerar estes dados da mesma forma que os restantes. Apesar disto, é de notar que são estes dados que fazem subir consideravelmente a percentagem de próclise com *de* com os verbos (semi-)auxiliares nos dados do CORDIAL-SIN, consistindo 10 das 17 ocorrências de próclise.

Em suma, não me é possível, a partir dos dados em discussão, estabelecer um paralelo com os resultados de Rodygina; no entanto, considero pertinente incluir as propriedades de selecção do verbo matriz na discussão da colocação clítica em infinitivas preposicionadas para poder explicar alguns dos números observados tanto no trabalho de Rodygina como na presente dissertação.

3.8. Resumo das tendências observadas

Apesar de os dados recolhidos para a realização deste trabalho não terem um peso quantitativo significativo para um tratamento estatístico dos mesmos, os dados parecem mostrar-nos um panorama geográfico muito interessante que parece apontar para a existência de diferentes dialectos associados a diferentes estratos linguísticos. Existem áreas geográficas (identificadas na secção 3.5 do presente capítulo) que parecem ilustrar a persistência de traços de um estrato linguístico mais antigo, nomeadamente, a dominância da próclise que caracterizava a língua portuguesa anterior ao século XVII, século onde se começou a identificar uma inovação linguística que levou à distribuição contextual da ênclise e da próclise que caracteriza o português europeu contemporâneo (cf. secção 2 acima e Martins 2016). Nestes dialectos, contrastivamente ao que sucede no PE padrão, a possibilidade de ênclise é inibida com as preposições *de* e *para* e, em casos muito pontuais, a próclise manifesta-se em infinitivas introduzidas por *a*. Estas áreas dialectais caracterizadas por uma maior dominância da próclise (sob forma de próclise exclusiva com *de* e *para* ou variação ênclise/próclise com *a*) definem as regiões do norte continental, do Baixo Alentejo e parte do Algarve, e do grupo central dos Açores e têm pontos de contacto com as Configurações 2 e 3 de Pereira (2014b), consideradas conjuntamente, que volto a apresentar de seguida para referência:



Em relação à influência das propriedades dos verbos matriz na colocação clítica em orações infinitivas, conclui-se que estas terão certamente, ainda que muito subtilmente, um papel na explicação dos comportamentos atestados nas diferentes perífrases verbais.

Finalmente, como referência, volto aqui a apresentar os valores que Magro (2005) observou nos seus dados (previamente expostos na Tabela 2, na página 12 da presente monografia):

	<i>a</i>	<i>de</i>	<i>para</i>
próclise	4,5%	90,2%	92,8%
ênclise	95,5%	9,8%	7,2%

Adicionadas as 20 novas localidades do CORDIAL-SIN, bem como as infinitivas flexionadas (não tidas em conta em Magro 2005), os valores que se obtiveram a partir da totalidade do corpus são os que se encontram na Tabela 3 (que volto a apresentar abaixo):

	<i>a</i>	<i>de</i>	<i>para</i>
próclise	3,9% (8)	93,3% (252)	92,7% (460)
ênclise	96,1% (195)	6,7% (18)	7,3% (36)
TOTAL	203	270	496

As conclusões em relação a uma comparação dos dados com os de Magro (2005) são óbvias: tudo aponta para que as conclusões da autora possam ser aplicadas à generalidade do CORDIAL-SIN. Volto a sumariar aqui as conclusões de Magro, agora reforçadas pelos dados recolhidos nesta dissertação:

(i) Com a preposição *a*, ao contrário do que a norma gramatical assume, observamos variação na distribuição (enclítica/proclítica) dos clíticos ao invés de ênclise sistemática;

(ii) Verifica-se uma clara tendência preferencial para cada uma das preposições, o que leva a considerar que a variação na colocação dos clíticos não é completamente arbitrária: os falantes preferem ênclise em infinitivas introduzidas por *a*, e preferem próclise em infinitivas introduzidas por *de* e *para*;

(iii) Ambas as colocações para uma dada preposição podem manifestar-se na produção de um mesmo falante, o que ilustra a existência de variação idiolectal na colocação dos clíticos.

Através da elaboração do trabalho apresentado neste capítulo, adiciono a estas conclusões de Magro mais duas que explicitarei anteriormente:

(iv) Existem pistas que apontam para a presença de factores de natureza geográfica por detrás da distribuição da colocação clítica em orações infinitivas introduzidas pelas preposições *a*, *de* e *para*. Mais explicitamente, existem dialectos que revelam traços de um estrato linguístico mais antigo que é caracterizado pela próclise exclusiva em orações infinitivas introduzidas por *de* e *para* e pela variação ênclise/próclise em infinitivas introduzidas por *a*, comparativamente a um estrato linguístico mais recente em que se passou a permitir a ênclise com todas as preposições, seja em

variação com a próclise preferencial (casos de *de* e *para*) seja como colocação preferencial ou exclusiva (caso de *a*);

(v) É pertinente considerar as propriedades de selecção do verbo matriz para explicar divergências na colocação clítica em orações infinitivas introduzidas pela mesma preposição. Certos verbos podem apresentar diferentes preferências na selecção de um tipo de elemento introdutor (preposição ou complementador) comparativamente a outros que se insiram na mesma categoria de verbos. Será interessante (e necessário) explorar melhor estas diferentes preferências e procurar explicá-las de um ponto de vista teórico e diacrónico em trabalhos futuros.

Concluindo: mantendo-se os valores semelhantes aos que Magro verifica no seu trabalho, nada aqui parece ir contra a hipótese formulada pela autora de que diferentes colocações dos clíticos em infinitivas se devem a diferenças no estatuto categorial do elemento introdutor das orações. A autora desenvolve adicionalmente a discussão à volta do assunto explorando a relação entre as preferências verificadas e o fenómeno de subida de clítico. Será este o principal assunto abordado no próximo capítulo desta dissertação.

CAPÍTULO III – RELAÇÃO ENTRE A COLOCAÇÃO CLÍTICA E O FENÓMENO DE SUBIDA DE CLÍTICO

Este capítulo serve de complemento ao assunto abordado nos anteriores capítulos, apresentando mais informação (e dados) sobre fenómenos de natureza sintáctica que possam ajudar a solidificar a hipótese formulada por Magro (2005). O conteúdo reparte-se pelas diferentes secções da seguinte maneira:

- Na primeira secção, apresento o conceito de subida de clítico e a aparente semelhança em termos de opcionalidade que a subida dos clíticos em orações infinitivas (contrastivamente a orações de participípio passado e gerundivas) apresenta com a colocação dos clíticos em orações infinitivas;
- Na segunda secção, apresento trabalhos dialectais previamente realizados que procuram relacionar o fenómeno de subida de clítico com a distribuição da ênclise e da próclise em infinitivas preposicionadas;
- Na última secção, comentarei os dados extraídos do CORDIAL-SIN em função da hipótese exposta em Magro (2005), como complemento à análise realizada no capítulo anterior.

1. O fenómeno de subida de clítico (*clitic climbing*)

Para perceber o fenómeno de subida de clítico, é primeiro necessário estar-se familiarizado com o conceito de reestruturação.

Falamos de reestruturação quando nos deparamos com estruturas onde interpretamos um verbo matriz e um verbo não-finito seu complemento como sendo uma só unidade sintáctica. Para existir esta reinterpretação (de ambos os verbos como sendo uma só unidade verbal), é necessário haver controlo do sujeito do verbo não-finito por parte do sujeito do verbo da oração matriz. Naturalmente, esta reinterpretação não é possível quando o sujeito do verbo matriz não é o mesmo que o do verbo infinitivo: a presença de dois sujeitos implica dois domínios oracionais autónomos, o que impossibilita a interpretação do verbo matriz e do seu complemento como um único elemento verbal.

A pergunta pertinente para colocar no âmbito deste trabalho é a seguinte: qual passa a ser o comportamento dos clíticos quando reinterpretemos um verbo infinitivo e o verbo de que depende como sendo uma só unidade verbal? É a partir desta pergunta que introduzimos o conceito de subida de clítico.

A reestruturação está associada a um duplo padrão possível de colocação dos pronomes clíticos: a possibilidade de o clítico, argumento interno do verbo complemento, se deslocar para junto do verbo matriz, permite-nos verificar a afirmação anterior de que existe uma reanálise do verbo matriz e do verbo complemento como sendo uma só unidade verbal. A este fenómeno dá-se o nome de subida do clítico(=SC).

- (98) a. A Ana quer ver-te.
b. A Ana quer-te ver.

- (99) a. Eu não pude telefonar-lhe antes da reunião.
b. Eu não lhe pude telefonar antes da reunião.

No entanto, nem todos os verbos que seleccionam um complemento infinitivo cujo sujeito controlam permitem que a reestruturação (logo, a subida de clítico) ocorra:

- (100) a. Lamento ter-te distraído durante o exame.
b. *Lamento-te ter distraído durante o exame.

O trabalho de Gonçalves et al. (2016) permite-nos perceber melhor quais são as propriedades que caracterizam as frases em que opera o processo de reestruturação. As autoras expõem quatro particularidades que descrevem as diferenças na autonomia do domínio infinitivo em construções com reestruturação *versus* contextos em que não opera a reanálise dos dois domínios como sendo uma só unidade sintáctica.

As autoras começam por ilustrar, através dos exemplos em (101) e (102), que a coocorrência de modificadores que têm como alvo de modificação domínios distintos permite revelar se estamos ou não perante um verbo que desencadeia o processo de reestruturação.

(101) Os jornalistas, ontem, prometeram entrevistar este candidato amanhã.

(102) *Os jornalistas, ontem, quiseram entrevistar este candidato amanhã.

Exemplos retirados de Gonçalves et al. (2016)

Quando um verbo não desencadeia reestruturação, os dois domínios alvejados pelos diferentes modificadores mantêm a independência necessária para tornar a coocorrência dos modificadores gramatical, como sucede em (101). Por outro lado, quando opera a reestruturação, o verbo do complemento infinitivo (e o próprio complemento) perde a autonomia sintáctica necessária para a coocorrência ser legítima, resultando numa construção agramatical como aquela em (102). Estas observações baseiam-se em observações prévias de Rizzi (1978) que propõem que, nas construções com reestruturação, estejamos perante apenas um único domínio frásico.

Outra particularidade das construções com reestruturação, que fortalece a ideia de que o complemento infinitivo perde autonomia neste contexto, é a impossibilidade de ocorrência de um advérbio de negação frásica no domínio encaixado. Se os verbos passam a formar uma única unidade sintáctica no âmbito da reestruturação, então deixa de ser possível que o escopo da negação se limite apenas ao domínio encaixado, resultando na agramaticalidade verificada em (103).

(103) *Depois de terem faltado à aula, os alunos só a queriam não enfrentar.

(104) Depois de terem faltado à aula, os alunos só queriam não a enfrentar.

Exemplos retirados de Gonçalves et al. (2016)

Por contraste, se não se forma um predicado complexo através da reestruturação, mantendo-se assim a autonomia de ambos os domínios oracionais, é possível ocorrer negação cujo escopo se limite ao domínio encaixado, como em (104). Se a SC em (103) decorre do processo de

reestruturação, então a falta da mesma em (104) leva-nos a assumir que, neste último caso, o processo não opera e ambos os domínios mantêm a sua autonomia sintáctica.

Adicionalmente, as autoras reforçam a relevância da autonomia sintáctica do domínio infinitivo ao mostrar que o mesmo não pode deslocar-se de forma independente em contextos em que opera a reestruturação, conforme se observa em (105) (por contraste a (106)).

(105) *Enfrentar, os alunos não a quiseram.

(106) Enfrentá-la, os alunos não quiseram.

Exemplos retirados de Gonçalves et al. (2016)

Seguindo a mesma lógica, também não é possível separar os dois verbos por uma frase parentética quando estamos perante um predicado complexo (cf. 107), ao passo que o mesmo não se verifica quando os dois verbos mantêm a sua autonomia sintáctica (cf. 108).

(107) *Depois de terem faltado à aula, os alunos queriam-na – mas sabiam que não deviam – enfrentar.

(108) Depois de terem faltado à aula, os alunos queriam – mas sabiam que não deviam – enfrentá-la.

Exemplos retirados de Gonçalves et al. (2016)

Para mais informação sobre as propriedades dos domínios infinitivos em construções de reestruturação, cf. Gonçalves (1999) e Gonçalves et al. (2016).

Identificadas as propriedades gerais que caracterizam o domínio infinitivo encaixado em estruturas em que opera a reestruturação, as autoras comentam a afinidade entre os verbos que permitem reestruturação e os verbos auxiliares. De acordo com Raposo (2013), o fenómeno de subida de clítico é uma propriedade sintáctica dos verbos auxiliares, isto é esperamos a possibilidade de subida de clítico quando o verbo da oração matriz é um auxiliar, ao passo que os verbos plenos poderão inibir a realização do fenómeno. No entanto, Gonçalves et al. notam que existem aspectos que tornam impossível estabelecer uma relação necessária entre verbos auxiliares e verbos de reestruturação. Para começar, as autoras notam que, contrariamente ao que acontece em construções de reestruturação, existem complexos verbais com auxiliares em que o clítico não se pode associar aos verbos do domínio infinitivo como nos seguintes exemplos:

(109) *A mãe do Zé só tem visto-o aos fins-de-semana.

(110) *Foram apresentadas-me provas concretas de falsificação de documentos.

Exemplos retirados de Gonçalves et al. (2016)

Com efeito, Martins (2013) menciona que a SC é obrigatória em perífrases verbais com gerúndio e participio passado, verificando-se opcional apenas em algumas estruturas em que o verbo auxiliar selecciona um verbo no infinitivo.

Adicionalmente, Gonçalves et al. observam que os verbos de reestruturação podem ocorrer em contextos em que não se verifica reestruturação (cf. exemplos (103) a (110)), resultando em dois resultados possíveis na aceitabilidade de negação do domínio encaixado, conforme vimos em (103) e (104) e verificamos agora em (111). Pelo contrário, com verbos plenamente auxiliares é impossível ter um operador de negação frásica no interior do domínio não finito, como podemos observar em (112):

(111) A Teresa está tão aborrecida com o Miguel que só quer não o ver.

(112) *A documentação foi não entregue dentro do prazo legal de candidaturas.

Exemplos retirados de Gonçalves et al. (2016)

Gonçalves et al. afirmam que as diferenças acima apresentadas ilustram propriedades que distinguem os verbos de reestruturação dos verbos auxiliares. Mais explicitamente, os exemplos acima mostram que os verbos de reestruturação ocorrem em domínios bioracionais e que a possibilidade de se verificar reestruturação com os mesmos advém da possibilidade de estes verbos seleccionarem complementos defectivos, conforme já mencionámos ao apresentar a proposta de Magro (2005) para a análise da colocação clítica em infinitivas preposicionadas. Por outro lado, os verbos auxiliares ocorrem em domínios verdadeiramente monoracionais em que o domínio encaixado não apresenta autonomia face ao domínio matriz. Mais uma vez, redirecciono os leitores para Gonçalves (1999) para leituras adicionais sobre as propriedades dos verbos auxiliares e dos verbos de reestruturação, e para mais informação sobre o conceito de bioracionalidade *versus* monoracionalidade, assim como a distinção entre verbos auxiliares e semi-auxiliares.

Feita esta contextualização, uma pergunta que podemos colocar (e que já foi colocada por Magro 2004) é a seguinte: até que ponto a opcionalidade da reestruturação com verbos no infinitivo se poderá relacionar com a opcionalidade nas diferentes colocações clíticas no interior do domínio infinitivo como os casos que analisámos anteriormente?

2. Em que nos ajuda o fenómeno de subida de clítico?

2.1 Trabalhos (dialectais) prévios

2.1.1 Magro (2004, 2005)

Magro (2004) traz para a discussão sobre o fenómeno de SC no PE os casos que envolvem infinitivas preposicionadas em variedades dialectais, um grupo de dados com pouca presença e consideração na literatura acerca da SC.

Suplementando a informação que já expus na secção 2.2.2 do capítulo I, Magro verifica que o uso de SC apresenta igualmente comportamentos distintos dependendo da preposição envolvida: verifica mais produtividade de SC com a preposição *a* (72,9% do total de ocorrências em contextos passíveis de desencadear SC são casos com SC), contrastivamente com aquilo que se observa com a preposição *de* (apenas 42,3% das ocorrências são casos com SC).

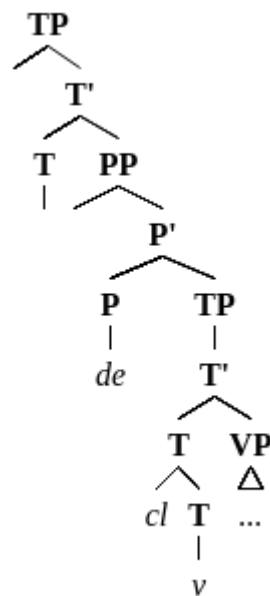
Ou seja, nos contextos que favorecem a ênclise dentro do domínio infinitivo (o caso de infinitivas introduzidas por *a*) parece favorecer-se fortemente a SC, por oposição aos contextos em que verificamos predominantemente próclise dentro do domínio infinitivo (infinitivas introduzidas por *de*), em que a SC é muito menos produtiva.

Raposo (2013) explica a resistência ao fenómeno de subida de clítico em infinitivas preposicionadas com *de* afirmando que a preposição forma com o verbo matriz um único elemento de um ponto de vista morfológico, mas as várias ocorrências (ainda que não preferenciais) de subida de clítico nestes contextos tornam pertinente colocar em causa esta análise das infinitivas preposicionadas.⁵

Voltando à hipótese apresentada pela autora em Magro (2005) de que a preposição em questão pode ter dois estatutos categoriais diferentes (preposição e complementador) que implicam a seleção de complementos diferentes, é possível compreender o que motiva os comportamentos atestados de SC nos dados da autora: quando a preposição é, na verdade, um complementador e estamos perante a projecção de C, o domínio infinitivo apresenta-se como CP, que bloqueia a extracção do clítico para fora do seu domínio. Quando se trata de uma “verdadeira preposição”, não temos projecção de C e o domínio infinitivo apresenta-se como IP. O tipo de IP é determinado pelas propriedades de selecção semântica do verbo matriz, e este pode seleccionar ou um IP pleno (=ΣP) ou um IP funcionalmente defectivo (=TP), proposta compatível com aquela que Gonçalves (1999,

⁵ Quero chamar a atenção para a diferença entre *haver de*, que impossibilita, no PE contemporâneo, a SC (**hei-os de ver*), e os restantes verbos. Se *haver de* se verificar um caso particular então é porque podemos associar esta particularidade à incorporação da preposição.

2016) apresenta. Quando estamos perante um IP pleno, a cliticização ao infinitivo é derivada na componente morfológica (fusão morfológica com inversão), processo do qual resulta a ênclise, conforme vimos na secção 2.2.2. do capítulo I. Quando estamos perante um TP, opera o processo de reestruturação e, por conseguinte, manifesta-se o fenómeno de SC associado ao processo. A estes casos está subjacente uma configuração estrutural do tipo Configuração 3, apresentada na secção 2.2.2 do capítulo I e que volto a apresentar de seguida:



Nestes casos, os clíticos têm de sair do domínio infinitivo a fim de satisfazerem os seus requisitos morfológicos contra T matriz, porque T encaixado não pode satisfazê-los (sobre a defectividade de T infinitivo nos contextos de reestruturação, veja-se Gonçalves et al. e trabalhos anteriores de Gonçalves aí referidos; análises alternativas de SC podem encontrar-se, por exemplo, em Martins 1995, 2000, trabalhos seguidos por Magro 2004, ou Costa e Martins 2003). É principalmente esta descoberta que torna pertinente observar os casos de SC nos dados do CORDIAL-SIN, por estabelecer um paralelo interessante entre o fenómeno de SC e os padrões de colocação estudados neste trabalho, dentro das exactas mesmas estruturas (infinitivas preposicionadas). Complementar os achados de Magro (2004, 2005) poderá simultaneamente fornecer-nos mais informação em relação à variedade atestada na secção 3 do capítulo II.

2.1.2 Barbosa, Paiva e Martins (2017)

Este trabalho explora o fenómeno de SC com dados dialectais/sociolectais de forma a perceber melhor os factores que motivam ou restringem o fenómeno.

Apesar de as autoras não observarem nenhuma relação da distribuição de SC *versus* cliticização ao infinitivo com factores de natureza geográfica, temos de ter em conta que as autoras estudaram apenas dados de duas regiões do país (Braga e Lisboa) e, portanto, o âmbito do seu estudo é diferente do da presente dissertação. O que as autoras afirmam, por outro lado, é que o fenómeno de SC está restringido a propriedades de selecção do verbo matriz. Por exemplo, dentro da classe dos verbos de controlo, alguns verbos, como *querer*, apresentam uma produtividade considerável da SC mas outros, como *decidir*, parecem inibir a mesma.

(113) Depois viemos a saber que andava uns colegas que **lhe** *queriam* arrear.

(114) *O João decidiu-lhe dar um livro.

Exemplos retirados de Barbosa et. al (2017)

Igualmente, dentro da classe dos verbos de elevação, encontramos verbos que permitem SC, como *ir*, e outros que não parecem admitir SC, como *demorar*.

(115) Ora, o autocarro sai da paragem, *vai-se* deparar com uma rotunda...

(116) *O João *demorou-lhe* a dar um livro.

Exemplos retirados de Barbosa et al. (2017)

Um resultado interessante do estudo de Barbosa et al. é que as autoras verificam que, dentro do conjunto de verbos que incontestavelmente admitem SC, existe ainda variação entre a produtividade da mesma com os vários verbos, o que as leva a identificar dois tipos diferentes de verbos de SC: existe um grupo de verbos com os quais a SC é categórica ou quase categórica, por oposição a outro grupo em que a produtividade da SC é variável a vários níveis. Mais especificamente, as autoras observam SC categórica com as seguintes perífrases verbais: *chegar a*, *pegar a*, *passar a*, *pôr-se a*, *tornar a*, *vir a*, *ficar a* e *meter-se a*. No entanto, as autoras admitem que os dados não têm o peso quantitativo necessário para formular conclusões sólidas em relação ao assunto. No entanto, existe um grupo de verbos que tem um número de ocorrências mais confiável que possibilitam às autoras concluir que a SC é, de facto, associada às propriedades de selecção dos verbos. Em relação a este aspecto, Barbosa et al. verificam SC categórica ou quase categórica (acima de 90% de SC) com as perífrases verbais com *estar a*, *costumar*, *dever*, *poder* e o auxiliar temporal *ir*. Os outros verbos de SC manifestam um maior nível de variação na produtividade da SC, seja em relação aos verbos de SC categórica ou entre as duas variedades dialectais estudadas neste trabalho (por exemplo, a SC manifesta-se em 97% das ocorrências com o verbo *querer* em Braga, ao passo que Lisboa apresenta 76% de SC com o mesmo verbo). Não obstante, as autoras confirmam as observações de trabalhos

prévios (cf. Gonçalves 1996, 1999; Martins 2016; Andrade 2010a; Fiéis e Madeira 2012) de que a maioria dos verbos de SC categórica ou quase categórica pertencem à classe dos verbos semi-auxiliares modais, aspectuais e temporais. Estes dados são compatíveis com os resultados de Rodygina (2009) e com a premissa de que a colocação clítica em oração infinitivas preposicionadas pode relacionar-se com as propriedades de selecção do verbo matriz, na medida em que podemos assumir que estes verbos seleccionam preferencialmente preposições como elemento introdutor do domínio infinitivo seu complemento (algumas das quais encabeçam domínios defectivos, resultando em SC) em vez de complementadores.

As autoras também acabam por recorrer à proposta de Magro (2005) para explicar as diferenças atestadas na produtividade da SC em infinitivas introduzidas por *a* por oposição a outros elementos introdutores de infinitiva (nos quais se encontra *de*), verificando que a SC ocorre em 95% (Braga) e 88% (Lisboa) dos contextos com verbos de SC que seleccionam um domínio encabeçado por *a*, ao passo que os verbos de SC que seleccionam um domínio introduzido por *de* apresentam apenas 45,8% (Braga) e 26% (Lisboa) dos casos com SC.

2.2. A SC e factores de natureza sintáctica

Antes de responder à pergunta anteriormente colocada, observemos primeiro alguns factores que, apesar de não terem sido confirmados ou tidos em conta por Magro (2004), foram reconhecidos como influenciadores do fenómeno de SC noutros estudos (cf. Duarte 2003 e Fiéis e Madeira 2012 para a influência da presença de desencadeadores de próclise na produtividade da SC).

O primeiro é a relação entre o fenómeno de SC e a presença de um elemento desencadeador de próclise na oração matriz. Os dados de Magro não parecem ilustrar a dita relação, mas existem trabalhos que exploram a relação do comportamento de certos clíticos no contexto da reestruturação com a presença de elementos proclisadores na oração superior. Um deles é o de Fiéis e Madeira (2012), que estuda os juízos de gramaticalidade de vários tipos de informantes e verifica vários níveis de aceitabilidade em construções com SC. Mais especificamente, as autoras verificam um maior nível de aceitabilidade de SC com certos complexos verbais aquando da presença de um desencadeador de próclise na oração matriz (ao passo que a falta do mesmo resultaria num juízo agramatical do mesmo enunciado por parte de certos informantes). De acordo com as autoras, o que estes juízos de aceitabilidade ilustrariam seria a existência de um grupo de falantes com uma gramática mais conservadora, que aceitaria reestruturação (logo, SC) em contextos nos quais outros falantes, com uma gramática mais inovadora, teriam deixado de realizar reestruturação, dado que no

Português Antigo a SC era um fenómeno mais generalizado do que no Português Contemporâneo (cf. Martins 1994, 2016).

Outra questão que pode influenciar os padrões de SC *versus* cliticização ao infinitivo são as estruturas com *se*-nominativo. O *se*-nominativo tem a particularidade de ser um clítico sujeito e, por isso, espera-se que o *se*-nominativo possa associar-se ao verbo matriz se este for um verbo de elevação de sujeito, tal como os sujeitos não-clíticos, independentemente de haver ou não reestruturação. Apresento de seguida exemplos retirados do CETEMPúblico com o verbo de elevação (mas não de reestruturação) *parecer*:

- (117) Por aí *se parece* indicar o valor de um pensamento religioso na resolução dos conflitos que afectam a vida das cidades ocidentais, contrapondo uma ideia de entrega e de serviço a uma outra de êxito pessoal e monetário. Ext 32664 (clt, 94a)
- (118) E há casos onde *se parece* ter utilizado o «*numerus clausus*» como instrumento de contenção de alunos. Ext 32913 (soc, 94b)
- (119) Atenas entrou em decadência, os abusos sucedem-se e *parece-se* ter perdido as referências políticas de conduta na cidade. Ext 1505701 (soc, 98b)

Magro (2004) não considera contextos de SC obrigatória os casos em estruturas com *se*-nominativo, apesar de o sujeito da infinitiva se poder mover para a posição de sujeito da oração matriz em construções de elevação de sujeito. A autora defende esta decisão apontando a opcionalidade de subida de *se*-nominativo com verbos de elevação que sejam simultaneamente verbos de subida de clítico (120), ao passo que a SC seria agramatical com verbos de elevação que não sejam verbos de subida de clítico (121) – uma observação que os dados apresentados em (117)-(119) tornam necessário modalizar.

- (120) a. Pode morrer-se de um momento para o outro.
b. Pode-se morrer de um momento para o outro.
- (121) a. Parece comer-se bem neste restaurante.
b. *Parece-se comer bem neste restaurante.

Exemplos retirados de Magro (2004)

Com o objectivo de espelhar a metodologia de Magro (2004), terei em conta ambos estes casos como sendo contextos de possível variação livre na análise dos dados de SC *versus* cliticização ao infinitivo na próxima secção, retomando-os posteriormente na discussão se verificar uma relação entre a presença destes dois factores e uma tendência particular na colocação do clítico.

3. Complementar Magro (2004, 2005) com os dados do CORDIAL-SIN

Mais uma vez, como sucedeu no capítulo anterior, começo por comparar os meus números com aqueles que Magro (2004) apresenta no seu trabalho. Apresento primeiro uma tabela que resume os resultados encontrados por Magro (2004):

	<i>a</i>	<i>de</i>	<i>para</i>
Subida de Clítico	72,9% (132)	42,3% (44)	20% (1)
Cliticização ao infinitivo	27,1% (49)	57,7% (60)	80% (4)
TOTAL	181	104	5

Tabela 10: distribuição da SC e da cliticização ao infinitivo em infinitivas preposicionadas (Magro, 2004).

Como mencionado previamente, os dados de Magro (2004) parecem demonstrar uma relação entre a distribuição da ênclise e da próclise e a produtividade da SC em infinitivas preposicionadas: observamos preferência por SC em contextos onde a colocação é tendencialmente enclítica, ao passo que se verifica preferência por cliticização ao infinitivo nos contextos onde a colocação é preferencialmente proclítica. Para complementar estes resultados, mais uma vez, extraí do CORDIAL-SIN as restantes ocorrências relevantes para analisar esta relação. Os resultados são os seguintes:

	<i>a</i>	<i>de</i>
Subida de Clítico	80,5% (350)	49,4% (84)
Cliticização ao infinitivo	19,5% (85)	50,6% (86)
TOTAL	435	170

Tabela 11: distribuição da SC e da cliticização ao infinitivo em infinitivas preposicionadas na totalidade do CORDIAL-SIN.

Optei por excluir da análise as ocorrências com a preposição *para* devido à falta de contextos passíveis de desencadear SC (existe apenas o complexo verbal *ir para*) e, logo, ao número quantitativamente insignificante de ocorrências relevantes.

A primeira e principal observação que tenho a fazer é que os números, desta vez, parecem diferir daqueles que Magro (2004) observou: continuamos a observar preferência por SC em contextos que favorecem a ênclise (infinitivas introduzidas por *a*) mas já não é possível constatar preferência por

cliticização ao infinitivo em contextos que favorecem a próclise (infinitivas introduzidas por *de*). E depois de olharmos mais minuciosamente para os dados, a situação revela-se mais complexa.

Antes de iniciar a discussão, apresento os resultados respectivamente a cada contexto verbal onde se observou SC. Primeiro apresento os contextos que foram tidos em conta na análise de Magro e, separadamente (destacados a *itálico*) apresento os novos contextos onde se verificou SC:

Preposição <i>a</i>	SC	Não-SC	Preposição <i>de</i>	SC	Não-SC
andar a...	14	13	acabar de...	28	5
chegar a...	17	5	deixar de...	6	3
começar a...	92	15	haver de...	33	25
costumar a...	22	1	dever de...	2	1
estar a...	85	25	ter de...	7	19
tornar a...	57	2			
voltar a...	4	1	<i>ser capaz de...</i>	6	14
empeçar a...	3	0	<i>começar de...</i>	1	0
ir a...	24	13	<i>gostar de...</i>	1	20
dever a...	1	0			
<i>pegar a...</i>	12	2			
<i>vir a...</i>	3	0			
<i>conseguir a...</i>	2	1			
<i>passar a...</i>	1	0			
<i>continuar a...</i>	2	3			
<i>custar a...</i>	4	4			
<i>calhar a...</i>	2	2			
<i>resultar a...</i>	1	0			
<i>ajudar a...</i>	3	1			
<i>dar a...</i>	1	0			

Tabela 12: os vários contextos de opcionalidade de SC e a respectiva distribuição de SC *versus* cliticização ao infinitivo

Primeiramente, verifiquei um maior número de verbos de subida de clítico do que aqueles que Magro verificou no seu trabalho, e observei inclusive casos de subida de clítico em complementos de adjectivo (em estruturas com *ser capaz de*). Se tivermos em conta apenas os contextos que Magro (2004) teve em conta, passamos a ter, com a preposição *de*, uma preferência de 59,2% por SC *versus* os 40,3% que ilustram os casos de cliticização ao infinitivo, e todos os complexos verbais excluindo *ter de* apresentam maior número de SC contrastivamente com cliticização ao infinitivo.

Em relação aos novos contextos onde se verificou SC, exceptuando *começar de*, trata-se de contextos que normalmente excluem a SC e só muito marginalmente a permitem (cf. Barbosa et al.), como é o caso do verbo *gostar de* e do predicado complexo *ser capaz de*.

Apresento exemplos para cada um dos novos contextos onde se manifestou SC nos dados do CORDIAL-SIN:

Pegar a:

(122) “Já ele em Março então já *se* pega **a** lavar terras para batatas.” [CDR]

Vir a:

(123) “Então, vinham-*me* **a** apoquentar, vinham a cantar, vinham...” [MTV]

Conseguir a:

(124) “Se *lhe* nós conseguir **a** virar o carro, muito bem;” [COV]

Passar a:

(125) “Depois passou-se **a** usar só duas peneiras:” [CDR]

Continuar a:

(126) “Mas, quer dizer, aqui em casa continua-se **a** cozer sempre.” [TRC]

Custar a:

(127) “Agora, custa-se **a** encontrar.” [MIG]

Calhar a:

(128) “Então eu não *lhe* calhei **a** dar atrás da cabeça, aí dois palmos?!” [UNS]

Resultar a:

(129) “Pode-se resultar **a** estar pior.” [MLD]

Ajudar a:

(130) “Tinha muitos irmãos, tive que andar com eles ao colo. Ajudei-os **a** criar a todos.” [GRJ]

Dar a:

(131) “Mas desde o momento que *me* deram **a** fazer mal, (...) larguei-as das mãos.” [LUZ]

Ser capaz de:

(132) “e eu agora não *lhe* sou capaz **de** dizer essa pergunta por isto...” [LVR]

Começar de:

(133) “Já algum dia, quando *me* começa **de** lembrar, não havia linhas a vender como há agora nas ...” [PVC]

Gostar de:

(134) “As pessoas usavam pouca linguiça não é porque não *a* gostassem **de** a comer,” [CDR]

É de notar, no entanto, que as realizações de SC com este novo grupo de verbo parecem restringir-se a um falante ou uma área geográfica. Por exemplo, as ocorrências de SC com *ajudar a* foram todas realizadas na localidade de Granjal, e todas as ocorrências de SC com *ser capaz de* foram realizadas em duas localidades muito próximas: Lavre e Santa Justa.

Para procurar perceber melhor o panorama com que nos deparamos (que parece, nesta fase, começar a deixar de reforçar a relação da distribuição dos clíticos com o estatuto categorial dos introdutores da oração infinitiva através dos dados de SC), procurei excluir os dois tipos de contextos sintáticos, previamente mencionados na secção 2.2 do presente capítulo, que Magro (2004) incluiu na sua análise (e, logo, repliquei para os dados serem comparáveis), para verificar se os resultados se alterariam de alguma forma interessante.

Excluídos os casos que ocorrem nestes dois contextos (165 casos com desencadeadores de próclise na oração matriz e 133 casos com *se-nominativo*), encontramos os seguintes números:

Preposição <i>a</i>	SC	Não-SC	Preposição <i>de</i>	SC	Não-SC
andar a...	4	13	acabar de...	5	5
chegar a...	9	5	deixar de...	0	3
começar a...	40	15	haver de...	0	25
costumar a...	1	1	dever de...	0	1
estar a...	41	25	ter de...	0	19
tornar a...	15	2			
voltar a...	2	1	<i>ser capaz de...</i>	0	14
empeçar a...	2	0	<i>começar de...</i>	0	0
ir a...	7	13	<i>gostar de...</i>	0	20
dever a...	1	0			
<i>pegar a...</i>	3	2			
<i>vir a...</i>	3	0			
<i>conseguir a...</i>	0	1			
<i>passar a...</i>	0	0			
<i>continuar a...</i>	0	3			
<i>custar a...</i>	1	4			
<i>calhar a...</i>	1	2			
<i>resultar a...</i>	0	0			
<i>ajudar a...</i>	3	1			
<i>dar a...</i>	0	0			

Tabela 13: os vários contextos de opcionalidade de SC (excluindo os casos com elementos proclizadores na oração matriz e os casos com *se-nominativo*)

Preposição <i>a</i>	+DP	+se-N	-DP -seN	Preposição <i>de</i>	+DP	+seN	-DP -seN
andar a...	7	7	4	acabar de...	17	21	4
chegar a...	5	3	9	deixar de...	1	5	0
começar a...	21	45	40	haver de...	31	4	0
costumar a...	4	21	1	dever de...	2	1	0
estar a...	38	16	41	ter de...	3	4	0
tornar a...	9	36	15				
voltar a...	0	2	2	<i>ser capaz de...</i>	5	0	0
empeçar a...	1	0	2	<i>começar de...</i>	1	0	0
ir a...	6	12	7	<i>gostar de...</i>	1	0	0
dever a...	0	0	1				
<i>pegar a...</i>	7	6	3				
<i>vir a...</i>	0	0	3				
<i>conseguir a...</i>	2	0	0				
<i>passar a...</i>	0	1	0				
<i>continuar a...</i>	0	2	0				
<i>custar a...</i>	1	2	1				
<i>calhar a...</i>	1	0	1				
<i>resultar a...</i>	0	1	0				
<i>ajudar a...</i>	0	0	3				
<i>dar a...</i>	1	0	0				

Tabela 14: os vários contextos de opcionalidade de SC com contabilização dos dados de elementos proclizadores na oração matriz (+DP) e se-nominativo (+seN).

Desta vez, os números mostram uma realidade diferente, que já volta a ser compatível com a proposta de Magro (2004):

	<i>a</i>	<i>de</i>
Subida de Clítico	61% (133)	4,4% (4)
Cliticização ao infinitivo	39% (85)	95,6% (86)
TOTAL	218	90

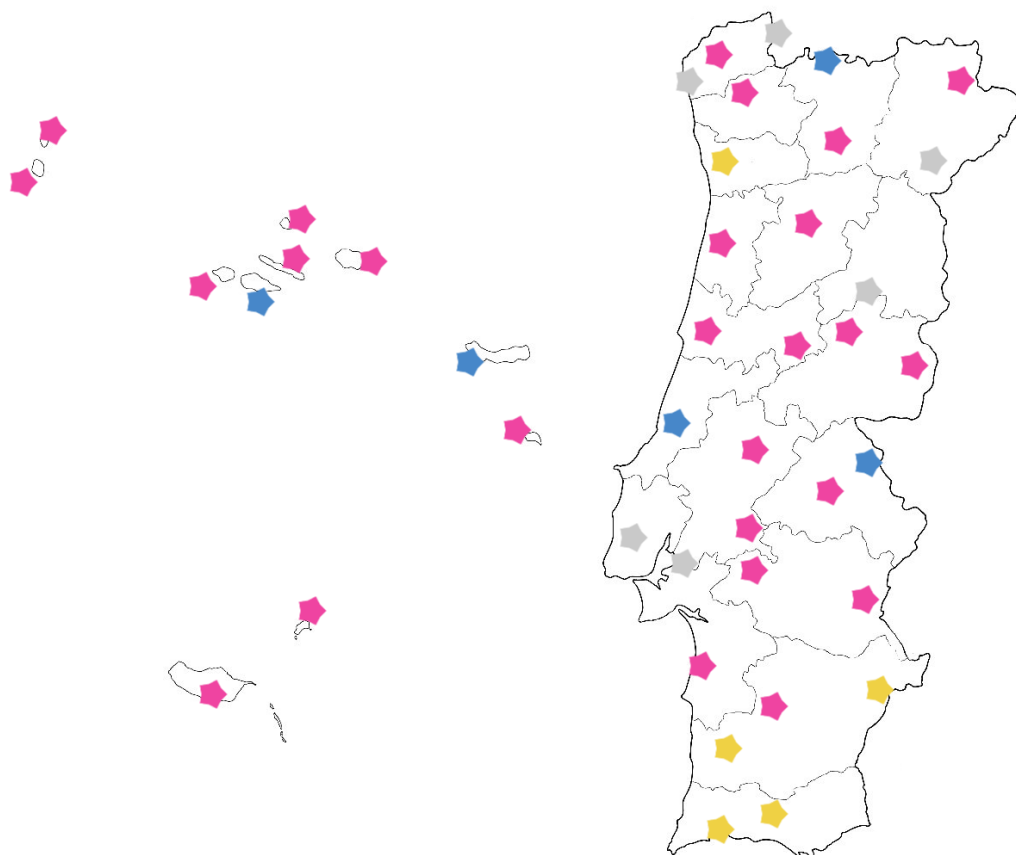
Tabela 15: distribuição da SC e da cliticização ao infinitivo em infinitivas preposicionadas (excl. desencadeadores de próclise e se-nominativo) na totalidade do CORDIAL-SIN.

Apesar de não verificarmos propriamente preferência por SC com a preposição *a*, existe claramente uma diferença entre as infinitivas preposicionadas introduzidas pelas duas preposições,

em que um caso parece permitir claramente a opção de haver SC ao passo que o outro parece apresentar inibição do mesmo fenómeno. Assumo, no entanto, que não tenho nenhuma explicação teórica a oferecer relativamente à presença de nenhum destes dois factores sintácticos, para além do que descrevi na secção 2.2 do presente capítulo.

Posteriormente, procurei também ver se algum dos verbos acima listado podia ser considerado como sendo verbo de aparente SC apenas, isto é, que apresente SC apenas com *se-nominativo* (que, como já foi explicado anteriormente, por ser um clítico sujeito, pode ter comportamentos distintos dos outros clíticos). Dos verbos listados acima, podemos deixar de considerar os seguintes como sendo verbos de SC por apenas apresentarem SC com *se-nominativo*: *continuar a*, *resultar a*, *passar a*. É de notar também que, apesar de o verbo *costumar a* ser tipicamente considerado um verbo de SC, apenas uma do total de 22 ocorrências atestadas não ocorre com *se-nominativo*.

Uma vez colocada a hipótese de que os casos com *se-nominativo* podem ser enganadores, procurei verificar se conseguia observar tendências dialectais na distribuição da SC com a preposição *de* uma vez excluídos os casos com *se-nominativo*. O mapa resultante desta tarefa é o seguinte:



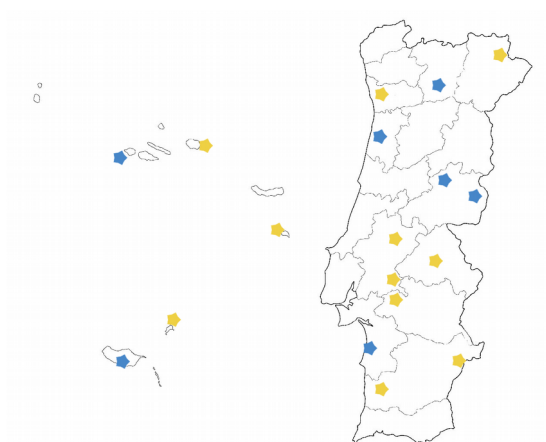
Mapa 9 – Localidades com SC em infinitivas preposicionadas introduzidas por *de* (com exclusão dos casos com *se-nominativo*)

Legenda do mapa:

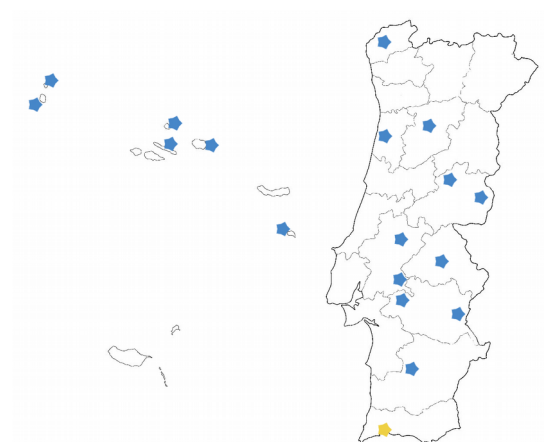
- ◆ Localidades com SC com *de* após exclusão dos casos de *se-nominativo*
- ◆ Localidades sem SC com *de* após exclusão dos casos de *se-nominativo*
- ◆ Localidades sem SC com *de* geral
- ◆ Localidades sem SC nem cliticização ao infinitivo em contextos de possível SC

Apesar de não podermos identificar áreas dialectais através da distribuição da SC com *de*, é de notar que as localidades que parecem apresentar SC apenas com *se-nominativo* (a amarelo no mapa 9) parecem concentrar-se na área dialectal de próclise exclusiva com *de* e *para* do Baixo Alentejo e parte do Algarve identificada na secção 3.5 do capítulo II, havendo duas excepções. A primeira (Alvor) encontra-se geograficamente próxima da dita área e a segunda (Gião) também está inserida numa das áreas dialectais de próclise exclusiva.

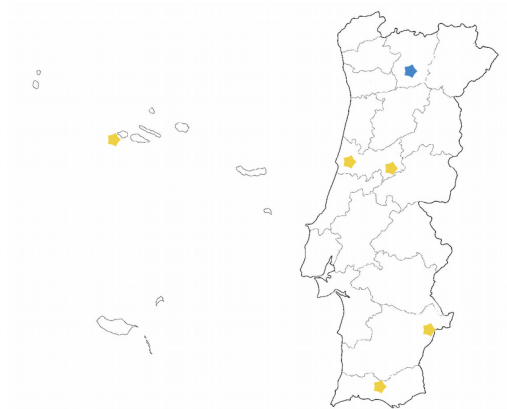
Adicionalmente, uma análise verbo-a-verbo mostra-nos que a SC com determinados complexos verbais se concentra em localidades geográficas específicas.



Mapa 10: Distribuição da SC com *acabar de*.



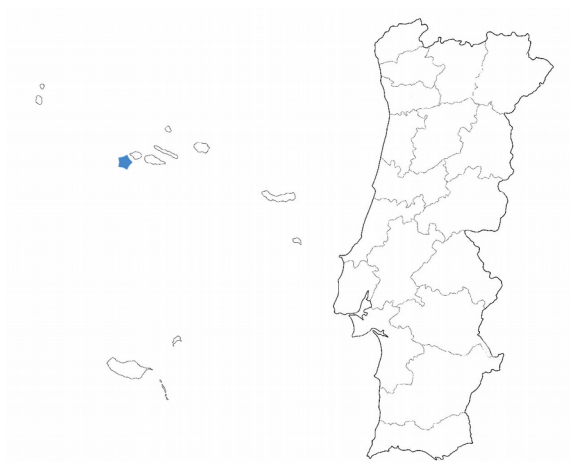
Mapa 11: Distribuição da SC com *haver de*.



Mapa 12: Distribuição da SC com *deixar de*.



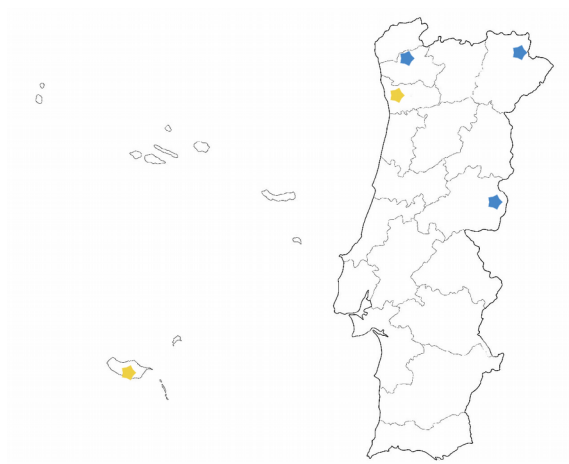
Mapa 13: Distribuição da SC com *dever de*.



Mapa 14: Distribuição da SC com *gostar de*.



Mapa 15: Distribuição da SC com *começar de*.



Mapa 16: Distribuição da SC com *ter de*.



Mapa 17: Distribuição da SC com *ser capaz de*.

Legenda do mapa:

- ◆ Localidades com SC após exclusão dos casos de *se-nominativo*
- ◆ Localidades sem SC após exclusão dos casos de *se-nominativo*

Os casos de SC (excluindo os casos com *se-nominativo*) com *acabar de* (cf. Mapa 10) e *haver de* (cf. Mapa 11) encontram-se repartidos por todo o território, os casos com *deixar de*, *dever de*, *começar de* e *gostar de* (cf. Mapas 12 a 15) têm ocorrências pontuais numa única localidade (Perafita, Melides, Porto de Vacas e Cedros, respectivamente), mas as ocorrências de SC com *ser capaz de* (cf. Mapa 16) e *ter de* (cf. Mapa 17) limitam-se a áreas geográficas mais limitadas: as seis ocorrências com *ser capaz de* limitam-se a duas localidades muito próximas, Lavre (Évora) e Santa Justa (Santarém); as três ocorrências de SC com *ter de* encontram-se na metade norte do território continental – Monsanto (Castelo Branco), Fiscal (Braga) e Outeiro (Bragança).

Finalmente, procurei também confirmar a observação de Andrade (2010b) de que os clíticos dativos sobem mais facilmente para a oração matriz comparativamente aos clíticos acusativos. Em relação a esta observação, verifiquei os seguintes resultados:

		<i>a</i>	<i>de</i>
Acusativo	Subida de Clítico	38	12
	Cliticiz. Inf.	46	20
Dativo	Subida de Clítico	91	25
	Cliticiz. Inf.	18	19

Tabela 16: distribuição da SC e da cliticização por tipo de clítico (acusativo e dativo).

Os dados parecem confirmar as conclusões de Andrade, na medida em que os dados nos mostram uma clara preferência de SC com dativo em infinitivas preposicionadas introduzidas por *a* (e uma preferência, ainda que mais subtil, igualmente presente com a preposição *de*), ao passo que os clíticos de caso acusativo parecem realizar-se preferencialmente com cliticização ao verbo infinitivo.

Em suma, o que verifico após analisar os dados extraídos é que a hipótese de Magro (2004) é perfeitamente compatível com a totalidade dos dados do CORDIAL-SIN à data de redacção desta dissertação. No entanto, não posso reafirmar a ideia de Magro de que os dados não parecem demonstrar uma relação entre a SC e a existência de um desencadeador de próclise na frase matriz – há que ter claramente esta relação em conta para conseguir explicar a produtividade de SC com infinitivas introduzidas por *de* (cf. Tabela 14), onde esperamos (de acordo com a hipótese de Magro) que o estatuto categorial da preposição implique uma fronteira sintáctica que inibe o fenómeno.

Mais de metade (17 ocorrências) dos casos (30 ocorrências) de SC com *acabar de* estão na presença de um desencadeador de próclise na oração superior, bem como todas as ocorrências de SC com as seguintes perífrases verbais com *de*: *dever de*; *ser capaz de*; *começar de*; *gostar de*. Sobre *ter de* (7 ocorrências), que apresenta 3 casos com desencadeador de próclise e 4 com *se*-nominativo.

Dever de:

(135) “aplica-se essa palavra no lugar preciso, aonde é que *se* deve **de** empregar. ”

[PAL]

(136) “Não *se* eu deve **de** admirar que eu para tudo estou mulher”

[MLD]

Ser capaz de:

- (137) “Então eu alguém *me* era capaz **de** fazer uma conversa dessas?!” [LVR]
(138) “Alguém *me* era capaz **de** meter na cabeça que o plástico aguentava ali?” [LVR]
(139) “E eu, alguém *me* era capaz **de** convencer disso!” [LVR]
(140) “e eu agora não *lhe* sou capaz **de** dizer essa pergunta por isto ...” [LVR]
(141) “Ó pá, não *me* és capaz **de** arranjar aí um cesto?” [LVR]
(142) “Mas tinha que se deixar a panela (...) para depois *lhe* sermos capaz **de** colocar a asa.” [STJ]

Começar de:

- (143) “Já algum dia, quando *me* começa **de** lembrar, não havia linhas a vender como há agora nas ...” [PVC]

Gostar de:

- (144) “As pessoas usavam pouca linguíça não é porque não *a* gostassem **de** a comer,” [CDR]

Excluo o caso de *haver de* da presente discussão, em que nos 33 casos de SC podemos excluir logo 31 deles por apresentarem na oração matriz um elemento desencadeador de próclise, devido às particularidades que este verbo apresenta (incorporação) comparativamente aos outros verbos.

Simultaneamente, a hipótese de Magro é mais facilmente ilustrada nos dados se assumirmos que a possibilidade de cliticização ao infinitivo em estruturas de elevação de sujeito não implica opcionalidade arbitrária, e que os falantes podem ser sensíveis ao fenómeno de elevação de sujeito, sendo que apenas uma parte dos informantes do CORDIAL-SIN produz cliticização ao infinitivo neste contexto. Ao removermos os casos com *se-nominativo* (assumindo já a remoção dos casos com elemento desencadeador de próclise), sobram apenas 4 ocorrências de SC com *de*, todas elas realizadas com a mesma perífrase verbal (*acabar de*). Estas ocorrências encontram-se repartidas pelo território todo, realizando-se em Câmara de Lobos (Funchal), Monsanto (Castelo Branco), Unhais da Serra (Castelo Branco) e Melides (Setúbal).

Em relação à distribuição geográfica dos casos de SC onde, de acordo com Magro (2004), assumimos a maior presença de elementos que inibem o fenómeno (SC em infinitivas preposicionadas introduzidas por *de*), não parece haver concentração das ocorrências em áreas geográficas específicas que nos permitam delimitar áreas dialectais para a produtividade de SC geral com a preposição *de*. Podemos, no entanto, verificar a presença de alguns factores geográficos na distribuição de SC com determinados verbos que seleccionam um complemento infinitivo introduzido por *de*, sobretudo no que diz respeito à concentração dos casos de SC com *ser capaz de* em duas localidades muito próximas.

4. O papel da SC na delimitação de áreas dialectais

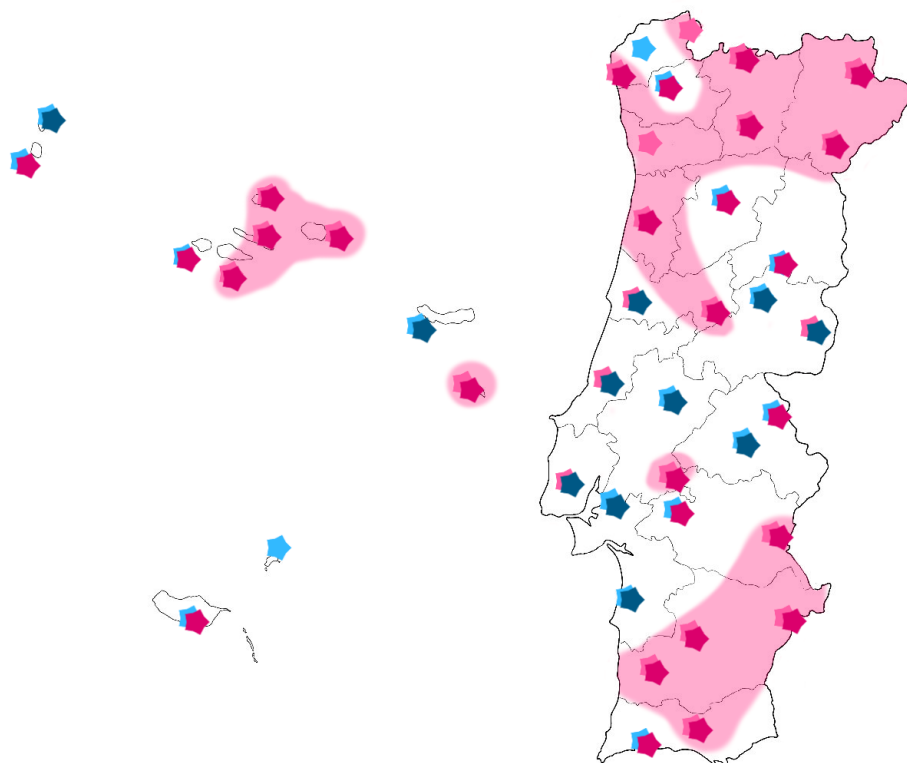
Uma vez estudados os casos de SC no CORDIAL-SIN, precisamos de tê-los em conta para continuar a análise presente na secção 3.6 do capítulo II, em que identificámos áreas dialectais e as caracterizámos com base na proposta de Magro (2005).

Recapitulando, foram identificados três grupos de dialectos a partir da análise realizada na secção 3 do capítulo II: dialectos de próclise exclusiva com *de* e *para*, dialectos de ênclise exclusiva com *a*, e dialectos que apresentam variação ênclise/próclise com seja qual for a preposição.

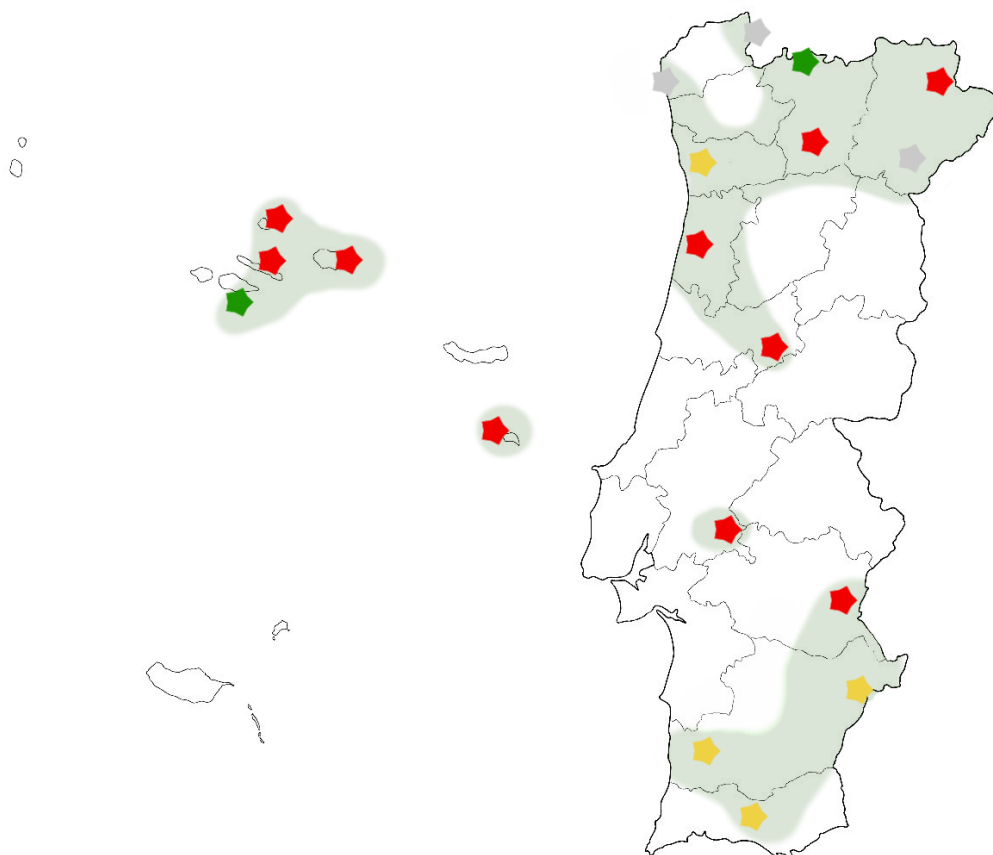
O que verificamos com a elaboração do Mapa 9 é que algumas das localidades que apresentam próclise exclusiva com *de* e *para* apresentam, simultaneamente, ocorrências de SC. Tendo em conta que a análise presente na secção 3.6 assumia que o dialecto destas localidades era caracterizado por as preposições *de* e *para* apresentarem sistematicamente o estatuto categorial de complementador, estes dados complexificam a situação e tornam necessário fazer a distinção entre dois tipos de comportamento diferentes dentro destas áreas:

- (i) Próclise exclusiva com *de* e *para* e ausência de SC com *de*;
- (ii) Próclise exclusiva com *de* e *para* e realização de SC com *de*.

Como referência, volto a apresentar aqui o Mapa 7, em que foram identificadas as áreas de próclise exclusiva com *de* e *para*:



Sobrepondo os dados de SC com *de* às áreas identificadas, obtemos o seguinte:



Mapa 18 – Distribuição da SC nas áreas dialectais de próclise exclusiva com *de* e *para*.

Legenda do mapa:

- ★ Localidades com SC com *de* após exclusão dos casos de *se-nominativo*
- ★ Localidades sem SC com *de* após exclusão dos casos de *se-nominativo*
- ★ Localidades sem SC com *de* geral
- ★ Localidades sem SC nem cliticização ao infinitivo em contextos de possível SC

Primeiro, quero apontar para o facto de os 4 casos (não representados no mapa) de SC sem a presença de desencadeadores de próclise (nem *se-nominativo*) não se encontrarem dentro das áreas dialectais de próclise exclusiva com *de* e *para*. Ou seja, podemos atribuir, nas áreas dialectais, os casos de SC após exclusão dos casos de *se-nominativo* à presença dos ditos desencadeadores de próclise. Isto significaria que estes casos não representam necessariamente possibilidade de realizar SC com a preposição *de* na ausência de forças de natureza sintáctica como a presença de desencadeadores de próclise, e podem consistir casos de SC excepcionais. Dentro das áreas dialectais de próclise exclusiva com *de* e *para*, observam-se três tendências diferentes em relação ao fenómeno de SC:

(i) Presença de SC em contextos com elementos desencadeadores de próclise na oração matriz (localidades identificadas a vermelho);

(ii) Presença de SC apenas em contextos com *se*-nominativo (localidades identificadas a amarelo);

(iii) Ausência de SC (localidades identificadas a verde).

A área dialectal do Baixo Alentejo e parte do Algarve parece apresentar predominantemente um comportamento do tipo (ii), em que temos três localidades que realizam SC unicamente com *se*-nominativo. No entanto, as realizações de SC em Carrapatelo na presença de elementos desencadeadores de próclise na oração matriz restringem-se a ocorrências com *haver de*:

(145) “E depois por força que eu que *me* havia **de** embebedar.” [CPT]

(146) “e não sabia como é que *lhe* havia **de** bater.” [CPT]

Se considerarmos estes casos como sendo excepcionais devido à questão da incorporação, então a área do Baixo Alentejo e parte do Algarve deixa de apresentar SC a não ser com estruturas de *se*-nominativo.

Do mesmo modo, também podemos verificar que as ocorrências de SC com desencadeadores de próclise na área do grupo central dos Açores mudam ao excluirmos as ocorrências com *haver de*: todas as localidades passam a deixar de ter SC de todo com a preposição *de*.

Sobra a área do Norte, que se mantém igual mesmo removendo os casos com *haver de* e, logo, se destaca das outras duas áreas por apresentar SC na presença de elementos desencadeadores de próclise na oração matriz.

A partir destes dados conseguimos concluir que as três áreas dialectais de próclise exclusiva com *de* e *para* apresentam, na realidade, comportamentos diferentes em relação à SC: a área do Baixo Alentejo e parte do Algarve apresenta SC apenas com *se*-nominativo, a área do Norte apresenta SC na presença de elementos desencadeadores de próclise na oração superior, e a área do grupo central dos Açores não apresenta SC nem com *se*-nominativo nem na presença de elementos desencadeadores de próclise.

Assim sendo, os dados de SC parecem reforçar a ideia de que estas áreas caracterizam-se pelo facto de a preposição *de* manifestar sistematicamente propriedades categoriais de complementador. A presença de desencadeadores de próclise e *se*-nominativo, no entanto, parece implicar um comportamento dos clíticos diferente daquele observado na ausência dos mesmos, situação para a qual não consegui encontrar explicação teórica aquando da elaboração desta dissertação.

CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho pode repartir-se em duas principais partes. A primeira era a de verificar se a hipótese proposta por Magro (2004, 2005) se podia aplicar à generalidade dos dados do CORDIAL-SIN ou se os dados revelavam a necessidade de uma nova proposta teórica para dar conta da distribuição dos clíticos em infinitivas preposicionadas.

Os dados extraídos durante a realização desta dissertação revelam números que reforçam a hipótese de Magro de que podemos atribuir as diferentes tendências na colocação dos clíticos às propriedades categoriais das diferentes preposições. Sumariando, estas foram as principais conclusões formuladas em relação a este ponto:

(i) Existe variação na colocação clítica com todas as preposições tidas em conta nesta dissertação, incluindo nos contextos que a literatura previa manifestarem uma colocação exclusiva. No entanto, ao passo que as infinitivas preposicionadas introduzidas por *a* favorecem fortemente a ênclise, o oposto se passa com as infinitivas introduzidas por *de* e *para*, onde verificamos tendências fortemente proclíticas.

(ii) De acordo com a análise proposta por Magro, as diferentes preferências relacionam-se com o estatuto categorial dos elementos que introduzem as orações infinitivas: quando estamos perante uma “verdadeira” preposição, manifesta-se a ênclise; quando estamos perante uma preposição que apresenta propriedades categoriais tipicamente associadas aos complementadores, resulta a próclise. Esta hipótese é reforçada pelos dados que dizem respeito ao fenómeno de SC, em que observamos uma clara opcionalidade entre SC e cliticização ao infinitivo com a preposição *a* e encontramos uma forte resistência ao fenómeno com a preposição *de*, o que aponta para a existência de uma fronteira sintáctica com esta última preposição que resulta na inibição da SC. A análise dos dados na totalidade do corpus CORDIAL-SIN aponta, no entanto, para a possível influência de outros factores sintácticos (nomeadamente, o *se*-nominativo e a presença de desencadeadores de próclise na oração superior) na produtividade da SC para explicar os resultados obtidos, aspectos que não são explicados pela análise de Magro e para os quais não foi possível avançar uma explicação. Ficam assim identificados para investigação futura.

Adicionalmente, complemento os dados de Barbosa et al. (2017) e os de Rodygina (2009) para defender a proposta de que a variação na colocação clítica (e na produtividade da SC) pode depender das propriedades de selecção do verbo matriz.

A segunda parte que motiva a realização desta dissertação diz respeito à possibilidade de se poder relacionar a variação na distribuição dos clíticos com factores de natureza geográfica. Em relação a

este ponto, os dados parecem revelar a existência de variedades dialectais com comportamentos distintos daquele que apresenta o PE padrão, da seguinte maneira:

(i) Existem localidades caracterizadas por próclise exclusiva em infinitivas preposicionadas introduzidas por *de* e *para*;

(ii) Existem localidades que apresentam variação ênclise/próclise em infinitivas preposicionadas introduzidas por *a*.

Nesta dissertação, proponho que ambas as manifestações, apesar de não coocorrerem necessariamente de uma maneira óbvia, sejam manifestações de um estrato linguístico mais antigo que resiste, a vários níveis, à emergência e expansão da ênclise nas infinitivas preposicionadas depois do século XVI. Estas localidades concentram-se em três principais áreas dialectais: o norte continental, o Baixo Alentejo e parte do Algarve, e o grupo central dos Açores. Os dados que dizem respeito à SC oferecem pistas, ainda que subtis, que mostram que as áreas caracterizadas pelo estrato linguístico mais conservador mencionadas acima são reforçadas pela produtividade (ou, neste caso, inibição) do fenómeno de SC, na medida em que as três áreas identificadas apenas apresentam (ainda que em níveis diferentes de área para área) SC na presença dos factores sintácticos mencionados acima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Said (1964), *Gramática histórica da língua portuguesa*, São Paulo: Edições Melhoramento.
- ANDRADE, Aroldo (2010a), *A subida de clíticos em Português: Um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*, Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de Campinas.
- ANDRADE, Aroldo (2010b) “The application of clitic climbing in European Portuguese and the role of register” in *Selected Proceedings of the 12th Hispanic Linguistics Symposium*, Somerville: Cascadia Proceedings Project, pp.97-108.
- BARBIERS, Sjef e Leonie CORNIPS (2002), “Introduction to Syntactic Microvariation”, in Sjef Barbiers, Leonie Cornips e Susanne van der Kleij (eds.) *Syntactic Microvariation*, Amsterdão: Instituto Merteens, vol.2, pp.1-11.
- BARBIERS, Sjef (2008), “Locus and limits of syntactic microvariation”, in *Lingua*, vol.199, pp.1607-1623.
- BARBOSA, Pilar, Maria da Conceição de PAIVA e Kellen Cozine MARTINS (2017), “Clitic climbing in the speech of Braga and Lisbon”, in Pilar Barbosa, Maria da Conceição de Paiva e Celeste Rodrigues (eds.) *Studies on Variation in Portuguese*, Amsterdão: John Benjamins, vol. 14, pp.200-217.
- BOBALJIK, Jonathan (1995), *Morphosyntax: On the syntax of verbal inflection*, Tese de Doutorado, Cambridge, Mass. e Londres: MIT.
- BRESNAN, Joan (1977), “Variables in the theory of transformations”, in Peter W. Culicover, Thomas Wasow e Adrian Akmajian (eds.) *Formal Syntax*, Nova Iorque: Academic Press.
- CARRILHO, Ernestina (2005), *Expletive ele in European Portuguese dialects*, Tese de Doutorado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CARRILHO, Ernestina e Sandra PEREIRA (2011), “Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em Português europeu”, in *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp.125-139.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1971), “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, in *Boletim de Filologia*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, vol. 22, pp. 81-116.

CORNIPS, Leonie e Cecilia POLETTTO (2005), “On standardizing syntactic elicitation techniques”, in *Lingua*, vol.115, pp.939-957.

COSTA, João e Ana Maria MARTINS (2003), “Clitic placement across grammar components. Comunicação”, in *Going Romance 2003 (Seventeenth Conference on Romance Linguistics)*, Nijmegen: Nijmegen University.

COSTA, João e Ana Maria MARTINS (2004), “What is a strong functional head?”, in *Lisbon Workshop on Alternative Views on the Functional Domain*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

DUARTE, Inês e Gabriela MATOS (2000), "Romance clitics and the minimalist program", in João Costa (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*, Oxford: Oxford University Press.

DUARTE, Inês (2003), “Subordinação completiva – as orações completivas”, in Maria Helena Mateus et al (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, pp.593-652.

DUARTE, Inês, Anabela GONÇALVES e Matilde MIGUEL (2005), “Propriedades de C em frases completivas”, in *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp.549-562.

DUBINSKY, Stanley e Kemp WILLIAMS (1995), "Recategorization of prepositions as complementizers: The case of temporal prepositions in English", in *Linguistic inquiry*, vol. 26.1, pp.125-137.

EMBICK, David e Rolf NOYER (2001), “Movement Operations after Syntax” in *Linguistic Inquiry*, vol.32, p.555-595.

EMONDS, Joseph E. (1985), *A Unified Theory of Syntactic Categories*, Dordrecht: Foris.

FIÉIS, Alexandra e Ana MADEIRA (2012), “Predicados de controlo na diacronia do português”, in *Textos Seleccionados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp.271-284.

GONÇALVES, Anabela (1996), “Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu”, in *AAVV Quatro Estudos em Sintaxe do Português*, Lisboa: Colibri, pp.7-50.

GONÇALVES, Anabela (1999), *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não flexionado do Português europeu*, Tese de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, Anabela, Ernestina CARRILHO e Sandra PEREIRA (2016), "Predicados complexos numa perspetiva comparativa", in Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*, Berlim/Boston: De Gruyter, pp.523-557.

KAYNE, Richard S. (1991), "Romance Clitics, Verb Movement, and PRO", in *Linguistic Inquiry*, vol.22, pp.647-681.

KAYNE, Richard S. (1994), *The Antisymmetry of Syntax*, Cambridge, Mass. e Londres: MIT Press.

KAYNE, Richard S. (1999), "Prepositional complementizers as attractors", in *Probus*, vol.11.1, pp.39-73.

LOBO, Maria (2008), "Variação morfo-sintáctica em dialectos do Português europeu: o gerúndio flexionado", in *Diacrítica*, vol.22.1, Braga: Universidade do Minho, pp. 25-55.

MAGRO, Catarina (2004), *O fenómeno de Subida de Clítico à luz de dados não-standard do PE*, manuscrito para o seminário Temas de Sintaxe II, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MAGRO, Catarina (2005), "Introdutores de orações infinitivas: o que diz a sintaxe dos clíticos", in *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp.649-664.

MAGRO, Catarina (2007), *Clíticos: variações sobre o tema*, Tese de doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MARTINS, Ana Maria (1994), *Clíticos na História do Português*, Tese de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MARTINS, Ana Maria (1995), "A minimalist approach to clitic climbing", in *Proceedings of CLS 31: Parassession on Clitics*, Califórnia: Universidade de Stanford, pp.215-233.

MARTINS, Ana Maria (2000), "A Minimalist Approach to Clitic Climbing", in João Costa (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*, Oxford: Oxford University Press, pp.169-190.

MARTINS, Ana Maria (2005) "Clitic placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance", in Monserrat Batllori et al. (eds.) *Grammaticalization and Parametric Change*, Oxford: Oxford University Press, pp.175-193.

MARTINS, Ana Maria (2006) "Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese", in Randall Gess e Deborah Arteaga (eds.) *Historical Romance linguistics: Retrospective and perspectives*, Amsterdão/Filadélfia: John Benjamins, pp.327-355.

MARTINS, Ana Maria (2013), "A posição dos pronomes pessoais clíticos", in Eduardo Paiva Raposo *et al.* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.2229-2302.

MARTINS, Ana Maria (2016), "A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia", in Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*, Berlim/Boston: De Gruyter, pp.401-430.

MARTINS, Ana Maria (2018), "Infinitival complements of causative/perception verbs in a diachronic perspective", in Anabela Gonçalves e Ana Lúcia Santos (eds.), *Complement Clauses in Portuguese: Syntax and Acquisition* Amsterdão/Filadélfia: John Benjamins, pp.101-128.

PEREIRA, Sandra (2003), *Gramática comparada de a gente – variação no PE*, Tese de mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PEREIRA, Sílvia (2014a), *Áreas sintáticas no território português*, Tese de doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PEREIRA, Sílvia (2014b), "A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses", in *Textos Seleccionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp.445-464.

PESETSKY, David e Esther TORREGO (2001), "T-to-C movement: Causes and consequences", in *Current Studies in Linguistics Series*, vol. 36, pp.355-426.

RAFEL, Joan (2001), "As for as/for, they are semi-lexical heads", in Norbert Corver e Henk van Riemsdijk (eds.) *Semi-lexical Categories. The Function of Content Words and the Content of Function Words*, Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, pp.475-504.

RAPOSO, Eduardo Paiva (2013), "Verbos auxiliares", in Eduardo Paiva Raposo *et al.* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.1221-1281.

RIZZI, Luigi (1978), "A Restructuring rule in Italian Syntax", in Samuel Keyser (ed.) *Recent Transformational Studies in European Languages*, Cambridge, Mass. e Londres: MIT Press, pp.133-158.

RODYGINA, Olga Vadimovna (2009), *Colocação dos pronomes átonos nas orações infinitivas no Português Europeu*, Tese de Mestrado, Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

SHLONSKY, Uri (2004), "Enclisis and proclisis", in Luigi Rizzi (ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol.2, pp.329-353.

Ferramentas:

ANTHONY, Laurence, *AntConc (versão 3.4.3u)*, Tóquio: Waseda University [URL: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc>]

MARTINS, Ana Maria, *CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-Oriented Corpus of Portuguese Dialects*, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa [URL: <http://www.clul.ul.pt/en/resources/411-cordial-corpus>]

RANDALL, Beth, Ann TAYLOR e Anthony KROCH, *CorpusSearch*, Pennsylvania: University of Pennsylvania [URL: <http://corpussearch.sourceforge.net>]

ROCHA, Paulo e Diana SANTOS, *CETEMPúblico: Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público* [URL: <http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>]

SHANG, Miles, *Syntax Tree Generator* [URL: <http://mshang.ca/syntree/>]

ANEXO

ÍNDICE

ANEXO I: Distribuição da Próclise de da Ênclise por Preposição e por Localidade.....	6
1. Preposição <i>a</i>	6
1.1. Localidade 1: VPA (Vila Praia de Âncora – Viana do Castelo).....	6
1.2. Localidade 2: CTL (Castro Laboreiro – Viana do Castelo).....	6
1.3. Localidade 3: PFT (Perafita – Vila Real).....	6
1.4. Localidade 4: AAL (Castelo de Vide, Porto da Esperança, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa - Portalegre).....	7
1.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro).....	7
1.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal).....	8
1.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal).....	8
1.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco).....	8
1.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta).....	9
1.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada).....	9
1.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança).....	11
1.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre).....	11
1.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo).....	12
1.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda).....	12
1.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro).....	13
1.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja).....	13
1.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora).....	14
1.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal).....	14
1.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro).....	15
1.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta).....	16
1.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra).....	16
1.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa).....	17
1.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo).....	17
1.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria).....	18
1.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança).....	18
1.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja).....	19
1.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga).....	19
1.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto).....	20
1.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém).....	20
1.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco).....	20
1.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra).....	21
1.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu).....	21
1.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta).....	22
1.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo).....	23
1.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal).....	23
1.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real).....	24
1.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém).....	25
1.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo).....	25
1.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora).....	26
1.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja).....	26

1.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada).....	27
1.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta).....	27
2. Preposição <i>de</i>	29
2.1. Localidade 1: VPA - Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo).....	29
2.2. Localidade 2: CTL - Castro Laboreiro (Viana do Castelo).....	29
2.3. Localidade 3: PFT – Perafita (Vila Real).....	29
2.4. Localidade 4: AAL – Castelo de Vide, Porto da Esperança, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre).....	30
2.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro).....	31
2.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal).....	31
2.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal).....	31
2.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco).....	32
2.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta).....	32
2.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada).....	33
2.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança).....	33
2.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre).....	34
2.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo).....	35
2.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda).....	35
2.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro).....	36
2.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja).....	36
2.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora).....	37
2.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal).....	38
2.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro).....	38
2.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta).....	39
2.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra).....	39
2.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa).....	40
2.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo).....	41
2.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria).....	41
2.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança).....	42
2.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja).....	42
2.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga).....	42
2.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto).....	43
2.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém).....	43
2.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco).....	44
2.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra).....	44
2.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu).....	45
2.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta).....	46
2.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo).....	46
2.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal).....	47
2.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real).....	48
2.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém).....	48
2.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo).....	49
2.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora).....	49
2.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja).....	50
2.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada).....	50

2.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta).....	51
3. Preposição <i>para</i>	53
3.1. Localidade 1: VPA - Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo).....	53
3.2. Localidade 2: CTL - Castro Laboreiro (Viana do Castelo).....	53
3.3. Localidade 3: PFT – Perafita (Vila Real).....	54
3.4. Localidade 4: AAL – Castelo de Vide, Porto da Esperança, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre).....	54
3.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro).....	55
3.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal).....	56
3.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal).....	56
3.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco).....	57
3.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta).....	57
3.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada).....	58
3.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança).....	59
3.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre).....	60
3.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo).....	61
3.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda).....	61
3.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro).....	63
3.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja).....	63
3.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora).....	64
3.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal).....	65
3.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro).....	65
3.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta).....	66
3.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra).....	67
3.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa).....	67
3.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo).....	68
3.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria).....	69
3.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança).....	70
3.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja).....	70
3.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga).....	71
3.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto).....	71
3.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém).....	72
3.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco).....	73
3.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra).....	74
3.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu).....	75
3.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta).....	76
3.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo).....	77
3.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal).....	78
3.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real).....	79
3.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém).....	80
3.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo).....	81
3.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora).....	82
3.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja).....	83
3.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada).....	83
3.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta).....	84

ANEXO II: Subida do Clítico por Preposição e Localidade.....	86
1. Preposição <i>a</i>	86
1.1. Localidade 1: VPA (Vila Praia de Âncora – Viana do Castelo).....	86
1.2. Localidade 2: CTL (Castro Laboreiro – Viana do Castelo).....	86
1.3. Localidade 3: PFT (Perafita – Vila Real).....	87
1.4. Localidade 4: AAL (Castelo de Vide, Porto da Esperança, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa – Portalegre).....	87
1.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro).....	87
1.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal).....	87
1.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal).....	88
1.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco).....	88
1.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta).....	88
1.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada).....	89
1.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança).....	89
1.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide – Portalegre).....	90
1.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo).....	90
1.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda).....	90
1.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro).....	90
1.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja).....	91
1.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora).....	91
1.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal).....	91
1.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro).....	92
1.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta).....	92
1.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra).....	92
1.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa).....	93
1.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo).....	93
1.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria).....	94
1.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança).....	94
1.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja).....	95
1.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga).....	95
1.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto).....	95
1.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém).....	96
1.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco).....	96
1.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra).....	96
1.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu).....	97
1.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta).....	97
1.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo).....	97
1.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal).....	98
1.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real).....	98
1.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém).....	98
1.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo).....	99
1.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora).....	100
1.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja).....	100
1.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada).....	100
1.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta).....	101

2. Preposição <i>de</i>	103
2.1. Localidade 1: VPA (Vila Praia de Âncora – Viana do Castelo).....	103
2.2. Localidade 2: CTL (Castro Laboreiro – Viana do Castelo).....	103
2.3. Localidade 3: PFT (Perafita – Vila Real).....	103
2.4. Localidade 4: AAL (Castelo de Vide, Porto da Esperança, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa - Portalegre).....	103
2.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro).....	103
2.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal).....	103
2.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal).....	103
2.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco).....	104
2.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta).....	104
2.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada).....	104
2.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança).....	104
2.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre).....	104
2.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo).....	104
2.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda).....	104
2.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro).....	105
2.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja).....	105
2.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora).....	105
2.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal).....	105
2.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro).....	105
2.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta).....	105
2.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra).....	106
2.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa).....	106
2.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo).....	106
2.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria).....	106
2.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança).....	106
2.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja).....	106
2.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga).....	106
2.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto).....	107
2.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém).....	107
2.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco).....	107
2.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra).....	107
2.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu).....	107
2.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta).....	107
2.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo).....	108
2.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal).....	108
2.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real).....	108
2.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém).....	108
2.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo).....	108
2.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora).....	108
2.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja).....	109
2.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada).....	109
2.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta).....	109

ANEXO I: Distribuição da Próclise de da Ênclise por Preposição e por Localidade

1. Preposição *a*

1.1. Localidade 1: VPA (Vila Praia de Âncora – Viana do Castelo)

1.1.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“eu não desejo ao maior meu inimigo o que custou a mim *a pôr-me* aquele barco.” (VPA16-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.1.2. Próclise

INEXISTENTE

1.2. Localidade 2: CTL (Castro Laboreiro – Viana do Castelo)

1.2.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Ele era obrigado *a dedicar-se* aos animais.” (CTL08-C)

“E depois, então, claro, pôs-se *a contar-lhe* àqueles homens.” (CTL43-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.2.2. Próclise

INEXISTENTE

1.3. Localidade 3: PFT (Perafita – Vila Real)

1.3.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“E foi assim que arranjei **a** metê-*lo* no Sanatório Marítimo do Norte.” (PFT20-C)

“Eu já ia a mandar um homem lá **a** procurá-*lo*, à noite,” (PFT21-C)

“Os filhos já estavam por lá, **a** governar-*se*.” (PFT21-C)

“mas é estar **a** rir-*se* e a conversar.” (PFT31-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.3.2. Próclise

INEXISTENTE

1.4. Localidade 4: AAL (Castelo de Vide, Porto da Esperança, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa - Portalegre)

1.4.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“depois andavam ali à volta, as galgas **a** passar-*lhe* por cima” (AAL11-C)

“Chega-me aí um senhor **a** rogar-*me* parafusos e fusos de carroça.” (AAL46-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.4.2. Próclise

INEXISTENTE

1.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro)

1.5.1. Ênclise

INEXISTENTE

1.5.2. Próclise

INEXISTENTE

1.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal)

1.6.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Cheguei **a** tirar-*lhe* quarenta quilos duma baleia”

(CLC33-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.6.2. Próclise

Infinitivo simples:

“E depois aquilo a gente ali todo o dia ali a remar, ali **a** se transpirar, puxava-se”

(CLC28-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal)

1.7.1. Ênclise

INEXISTENTE

1.7.2. Próclise

INEXISTENTE

1.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco)

1.8.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“aquilo é tão engraçado a tosquiar, **a** tirar-*lhe* a lâ.”

(MST02-C)

“As barrigas vão à parte para a gente não estar **a** metê-*las* junto com o velo.”

(MST05-C)

“Se já estão podadas, a gente começa então **a** cavá-*las*.”

(MST31-C)

“Ele em Março, começa a gente a tratar da terra: a meter batata, ou **a** amanhá-*las*, ou a cavá-*las* ou amanhá-*las* com umas máquinas, ou de toda maneira.”

(MST31-C)

“Ele em Março, começa a gente a tratar da terra: a meter batata, ou a amanhá-las, ou **a** cavá-las ou amanhá-las com umas máquinas, ou de toda maneira.” (MST31-C)

“Que é preciso a gente continuar **a** fazê-los.” (MST31-C)

“Depois ia a gente **a** secá-lo, a lavá-lo.” (MST39-C)

“Depois ia a gente a secá-lo, **a** lavá-lo.” (MST39-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.8.2. Próclise

INEXISTENTE

1.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta)

1.9.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“e ele já não se atreveu **a** deixá-los e a ir outra vez para a América.” (FLF55-C)

“Sempre todos os dias a fazer lume, **a** virá-las dum lado e doutro,” (FLF64-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.9.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Bota-se a carne ali, naquela água, a ela não ficar muito encostada – não sabe? -, a ficar **a** se poder mexer bem.” (FLF64-C)

Infinitivo flexionado:

“Com uma chucha, chegam **a** se criarem em casa.” (FLF66-C)

1.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada)

1.10.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“estava sempre **a** pedir-se.” (MIG03-C)

“E elas estavam aqui, *a dar-lhe* o jeito sempre.”

(MIG52-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.10.2. Próclise

INEXISTENTE

1.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança)

1.11.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Depois eu andei, então, *a ensinar-lhe*”

(OUT15-C)

“mas se me puser *a fazê-los*, sei.”

(OUT19-C)

“torna *a pôr-se*, até que leva aí sessenta, ou setenta”

(OUT44-C)

“(INQ: Diz que está a fazer o quê ao cão?) *A* assomá-lo, que se atire a ele.”

(OUT45-C)

“Quantos há que quando vão *a colhê-la* já lá encontram o sítio!”

(OUT52-C)

“eu fui *a podá-la*,”

(OUT56-C)

“(INQ: E portanto os homens iam lá fazer o quê às uvas?) *A* pisá-las.”

(OUT57-C)

“Pisadas, era preciso ir lá todos os dias, *a dar-lhe* ...”

(OUT57-C)

“Era preciso lá ir todos os dias *a dar-lhe* uma volta”

(OUT57-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.11.2. Próclise

INEXISTENTE

1.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre)

1.12.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Não esteja a pensar que eu que estou *a semeá-la* assim e que não sei como a hei-de regar.”

(CBV14-C)

“As mulheres **a** explicar-*lhe* as quais era as ervas que ele havia de arrancar.” (CBV19-C)

“Mas a gente **a** pôr-se assim a tomar a nota, aqui no bico é que é que se nota assim uma diferençazinha qualquer” (CBV24-C)

“Parece que só de estar **a** vê-*las* que fico bem.” (CBV26-C)

“isto, onde quer que aparece, começa a crescer e **a** agarrar-se a isto, àquilo ...” (CBV51-C)

“Mas, com a continuação, começaram **a** comê-*los*, lá mesmo debaixo.” (CBV61-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.12.2. Próclise

INEXISTENTE

1.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo)

1.13.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Até quase que **a** juntar-se ao rio da Barca.” (MIN16-C)

“e toca **a** chamuscá-*lo*.” (MIN22-C)

“E depois **a** desmanchá-*lo*, eu ia desmanchá-*lo*.” (MIN22-C)

“Atava-se só ali ao meio, **a** fazer-se as gavelas” (MIN36-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.13.2. Próclise

INEXISTENTE

1.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda)

1.14.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“A gente andar aí **a** ganhá-*lo* todo o Inverno para depois ficar aí no Verão todo cheio de (FIG26-C)

bicho...”

“mas não era **a** dar-*lhe* um murro à pessoa.” (FIG27-C)

“Era **a** parti-*lo* a murro.” (FIG27-C)

“tem que a gente andar **a** matá-*las* porque senão não cria nada.” (FIG36-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.14.2. Próclise

INEXISTENTE

1.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro)

1.15.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Faz mal ao organismo estar **a** cozê-*lo*.” (ALV33-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.15.2. Próclise

Infinitivo simples:

“eu cheguei **a** *me* deitar ao mar” (ALV25-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja)

1.16.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“põe a gente para quando tem outro homem que manda fazer as coisas para saber, sem ir lá ao pé, **a** dizer-*lhe* onde há-de fazer.” (SRP13-C)

“Não vês essa gavela da semente que está aí **a** safar-*se* do molho?” (SRP14-C)

“Lá estava a tal dita tina de madeira **a** apará-*lo*.” (SRP22-C)

“também não vai **a** perdoar-*lhe* três ou quatro pães para *lhe* levar um por o mesmo.” (SRP27-C)

“Vamos **a** pesá-*los*.” (SRP33-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.16.2. Próclise

INEXISTENTE

1.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora)

1.17.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“tínhamos de ser dois **a** guardá-*las*.” (LVR08-C)

“Porque à tarde, ficava um **a** guardá-*las* e vinha outro tratar das manjedouras” (LVR08-C)

“**A** guardá-*las*.” (LVR09-C)

“**A** tocá-*las*.” (LVR09-C)

“começavam **a** engordá-*los*.” (LVR18-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.17.2. Próclise

INEXISTENTE

1.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal)

1.18.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Quanto mais arrebentos a árvore tem de roda, mais está **a** explorá-*la*.” (ALC17-C)

“e começa **a** mirrar-*se*” (ALC38-C)

“Que a pessoa ser mordida por um cão estragado também está arriscada **a** estragar-se também.” (ALC38-C)

Infinitivo flexionado:

“Porque chama a gente um pátio, que é para elas andarem ali à vontade, **a** espojarem-se e tudo.” (ALC31-C)

1.18.2. Próclise

INEXISTENTE

1.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro)

1.19.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“**A** dar-*lhe* remédio, dar-*lhe* remédio, dar-*lhe* remédio, um dia é um poço de doença.” (COV01-C)

“**A** dar-*lhe* remédio, dar-*lhe* remédio, dar-*lhe* remédio, um dia é um poço de doença.” (COV01-C)

“**A** dar-*lhe* remédio, dar-*lhe* remédio, dar-*lhe* remédio, um dia é um poço de doença.” (COV01-C)

“já começa **a**, **a** conversar com a gente, e **a** rir-se e **a** abraçar a gente, pronto!” (COV01-C)

“e eu estava assentado e ela lá **a** dar-*me* a ceia,” (COV02-C)

“e eu até estava **a** desmanchá-*los*.” (COV08-C)

“mas depois apareceu logo três pessoas **a** dar-*lhe* a medula.” (COV09-C)

“Estive eu **a** contar-*lhe*, que era só aquele filho e que tinha só aquele filho” (COV11-C)

“diz ela assim: (...) Assim, **a** rir-se logo.” (COV12-C)

“Não vás tu dizer e eu ir para lá **a** dizê-*lo* ao padre” (COV13-C)

“Eu quando vi aquela carne e fui **a** prová-*la*, disse: “Não, não.” (COV14-C)

“Fomos só quatro pessoas, quatro homens **a** levá-*lo*, o homem, à cova.” (COV18-C)

“Você, nós vamos ver se conseguimos **a** virar-*lhe* o carro.” (COV21-C)

“E a gente foi obrigados **a** matá-*los*,” (COV36-C)

“**A** galá-*la*.” (COV36-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.19.2. Próclise

INEXISTENTE

1.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta)

1.20.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“toca **a** caminhar para se casar, aparelhar-se para se casar” (PIC04-C)

“E ele então estava **a** preparar-se para jogar a luta” (PIC20-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.20.2. Próclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“Eu não tenho sorte nenhuma então de ter muita gente **a** *me* ajudar.” (PIC29-C)

1.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra)

1.21.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Andava um destes **a** *fazê-lo* com os barcos,” (PVC03-C)

“Era um sedeiro **a** *assedá-lo*,” (PVC06-C)

“Até chegavam cá a andar a perguntar dela, **a** *comprá-la* por mor de levar para as farmácias.” (PVC06-C)

“E depois a gente, ao fim de o ripar, ia então a gente **a** *mergulhá-lo* no rio.” (PVC06-C)

“estávamos **a** *ripá-lo*, e assim.” (PVC06-C)

“Andavam uns homens **a** *fazê-lo*” (PVC22-C)

“Mas a minha mãe costumavam sempre **a** *convidá-la* a levar-lhe alguma coisa” (PVC24-C)

“Mas a minha mãe costumavam sempre a convidá-la **a** *levar-lhe* alguma coisa” (PVC24-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.21.2. Próclise

INEXISTENTE

1.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa)

1.22.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Uma couve levava seis meses **a** fazer-se.” (EXB02-C)

“E toca eu com as mãos lá **a** ajeitá-*las* dentro.” (EXB12-C)

“isto está outra vez **a** ver-se coisas que nunca se viu.” (EXB17-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.22.2. Próclise

INEXISTENTE

1.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo)

1.23.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“o outro lá está **a** esperá-*lo* com muitos foguetes” (TRC18-C)

“Mas era **a** fazer-se grande também.” (TRC61-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.23.2. Próclise

INEXISTENTE

1.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria)

1.24.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“E depois ela, coitada, não lhe apetecia **a** dizer-*lhe* que não” (MTM12-C)

“E eu estou aqui **a** ensiná-*la*.” (MTM15-C)

“e depois então dava-se uma passagem **a** tirar-*lhe* o resto dos bagos de milho” (MTM18-C)

“se ainda não for continuando **a** dar-*lhe* o emprego, ela não ganha,” (MTM19-C)

Infinitivo flexionado:

“com umas tantas pessoas **a** ajudarem-se uns aos outros, pois o resto tirava-se então à mão.” (MTM18-C)

1.24.2. Próclise

INEXISTENTE

1.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança)

1.25.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“lá estava ele no meio das ovelhas **a** fazê-*las*...” (LAR01-C)

“A vaca pega **a** lambê-*lo* com a língua” (LAR04-C)

“com a boca aberta, é obrigada **a** entrar-*lhe* ar e a sair” (LAR06-C)

“era ir logo a saber dumas giestas, **a** abrir-*lhe* a boca, fazer-*lhe* atar” (LAR06-C)

“está ali no tapado até que calhe **a** levá-*lo* para outro terreno.” (LAR07-C)

“(chama-*lhe*) **A** acarrá-*las*.” (LAR11-C)

“Vamos **a** abalá-*las*” (LAR11-C)

“e logo vamos **a** abalá-*las* para ir a comer, pronto.” (LAR11-C)

“Vamos **a** apriscá-*las*.” (LAR13-C)

“(INQ: costuma) **A** ordenhá-*las*, a apriscá-*las*.” (LAR13-C)

“(INQ: costuma) **A** ordenhá-*las*, **a** apriscá-*las*.” (LAR13-C)

“e não se está ali **a** arrasá-*lo*.” (LAR27-C)

“A gente é obrigada **a** tapar-se.” (LAR35-C)

“porque senão passa a noite **a** coçar-se.” (LAR35-C)

“parece que era restelo que chamam, o restelo, **a** restelá-lo para ficar...” (LAR36-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.25.2. Próclise

INEXISTENTE

1.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja)

1.26.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Toca **a** retraçar cevada e caldear com palha e dar-lhe para eles comerem.” (LUZ23-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.26.2. Próclise

INEXISTENTE

1.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga)

1.27.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Ora, eu vi bem - que quem ia **a** chamá-la era o meu filho” (FIS11-C)

“Agora como há ponte, ora como isto é antiguidade, continuam **a** fazê-lo igual.” (FIS31-C)

“há uns pequeninos (...) que andavam **a** apanhá-los ...” (FIS32-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.27.2. Próclise

INEXISTENTE

1.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto)

1.28.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“e elas andam sempre a consumir-*me*.” (GIA05-C)

“Mas eu estou a referir-*me* ao meu tempo.” (GIA18-C)

“Quando aparece o marco, é a primeira coisa a respeitar-*se*” (GIA28-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.28.2. Próclise

INEXISTENTE

1.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém)

1.29.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“era com dois rapazes (...) –, e a beijá-*lo*, (...) e eu a ver... E a empurrá-*lo* assim para o quintal.” (STJ06-C)

“era com dois rapazes (...) –, e a beijá-*lo*, (...) e eu a ver... E a empurrá-*lo* assim para o quintal.” (STJ06-C)

Infinitivo flexionado:

“A empurrarem-*no* para o quintal as duas, a empurrarem para dentro do quintal” (STJ06-C)

1.29.2. Próclise

INEXISTENTE

1.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco)

1.30.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Olhe, eu custava-*me* lá a deixá-*lo* ficar” (UNS14-C)

“Custava-*me* lá a deixá-*lo* ficar,” (UNS14-C)

“Só de lá saíram de manhã quando lá chegou o sol, **a** assomar-se à janela, ainda com medo!” (UNS18-C)

“Só que, claro, agora, quer dizer, começou **a** deixá-lo cair, a deixá-lo cair,” (UNS19-C)

“Só que, claro, agora, quer dizer, começou a deixá-lo cair, **a** deixá-lo cair,” (UNS19-C)

Infinitivo flexionado:

“**A** assomarem-se, a verem se viam alguma coisa!” (UNS18-C)

1.30.2. Próclise

INEXISTENTE

1.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra)

1.31.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Se estivessem **a** ver-se erva daninha (...) que fosse má, tinham de o mondar.” (VPC07-C)

“Começávamos **a** ceifá-lo à mão.” (VPC13-C)

“Eu é que não me atrevo **a** bebê-lo.” (VPC34-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.31.2. Próclise

INEXISTENTE

1.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu)

1.32.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“A gente custa-lhe assim **a** lembrar-se de repente” (GRJ15-C)

“Até que tivemos de nos tornar **a** vir-nos aqui meter.” (GRJ20-C)

“Chegou a casa **a** queixar-se: “Ai minha perna!”” (GRJ24-C)

“Nós andámos **a** tirá-lo.” (GRJ31-C)

“E até chegámos **a** levá-*lo* a Vila Nova de Paiva.” (GRJ35-C)

“Tive-o mesmo em minha casa **a** criá-*lo*.” (GRJ37-C)

“E andámos **a** pô-*lo* de noite!” (GRJ55-C)

“Andava **a** guardá-*las*.” (GRJ57-C)

“habitua-mos logo **a** dar-*lhe* alguma coisinha à boca. ” (GRJ59-C)

Infinitivo flexionado:

“Todos *lhe* davam já as cadeiras melhores, **a** puxarem-*lhe* a cadeira.” (GRJ29-C)

“as colegas (diz) que chegaram a andar, **a** juntarem-*se* e a comprarem-*me* toalhinhas até de rosto.” (GRJ49-C)

“as colegas (diz) que chegaram a andar, a juntarem-*se* e **a** comprarem-*me* toalhinhas até de rosto.” (GRJ49-C)

“E os lobos, dois, **a** seguirem-*nos*!” (GRJ67-C)

1.32.2. Próclise

INEXISTENTE

1.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta)

1.33.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“ele só receava era **a** dá-*lo* no outro dia.” (CRV15-C)

“O meu tio só ouvia era o meu pai **a** dar-*lhe* assim para baixo” (CRV49-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.33.2. Próclise

INEXISTENTE

1.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo)

1.34.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Ia-se tirando para fora com uma colherinha para eles depois ficarem ali **a** fazer-se.” (GRC26-C)

“a senhora já estava **a** mover-se sozinha, sem precisar ajuda.” (GRC37-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.34.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Essa senhora custava-se **a** se sentar na água” (GRC37-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal)

1.35.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Esse tipo, estava uma senhora também **a** fazer-*lhe* perguntas.” (MLD21-C)

“Levámos a manhã **a** despachá-*la*.” (MLD33-C)

“quando soube estava o barco **a** encher-se de água” (MLD33-C)

“E **a** entreter-*me* lá com outras, esta começou-se a ajeitar também” (MLD49-C)

“A gente abriu os olhos mais um bocadinho **a** evitar-se,” (MLD49-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.35.2. Próclise

INEXISTENTE

1.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real)

1.36.1. Ênclise

Infinitivo simples:

- “Olhe, principiando, agora estamos **a** usar já a pôr-*lhe* o milho,” (STA01-C)
- “Depois toca **a** chamuscá-los e a pelá-*los*.” (STA03-C)
- “Depois toca a chamuscá-los e **a** pelá-*los*.” (STA03-C)
- “Depois toca **a** lavá-*los* bem lavados, com água e com umas pedras de esfregar” (STA03-C)
- “toca **a** estripá-*los*.” (STA03-C)
- “toca a continuar com os recos **a** estripá-*los* e a acabar de os lavar.” (STA03-C)
- “Toca a desmanchar os porcos, **a** abri-*los* para os salgar, cortar-*lhe* as patas e abri-*los*.” (STA03-C)
- “Se eu tinha o meu povo todo assim **a** ajudar-*nos* a esbandalharmos aquilo tudo, tudo ali,” (STA09-C)
- “e depois andámos a praticar, com os médicos **a** ensinar-*nos*.” (STA39-C)
- “andei aí treze dias e treze noites **a** tirar-*lhe* a urina pela barriga.” (STA39-C)

Infinitivo flexionado:

- “De manhã toca **a** porem-*se* à lareira, ao lume, logo de manhã, a matar,” (STA03-C)
- “Que eu já dei com eles **a** virem-*me* aqui às vezes por eles.” (STA08-C)
- “Eles **a** meterem-*se* comigo porque foi um desafio que tivemos.” (STA19-C)
- “e toca **a** desafiarmo-*nos*.” (STA19-C)

1.36.2. Próclise

Infinitivo simples:

- “Mas também volto **a** *lhe* dizer outra ...” (STA19-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém)

1.37.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“e de vez em quando íamos molhando, **a** desinfectá-*la*.” (MTV04-C)

“Eu estou **a** chateá-*las* por causa...” (MTV05-C)

“Estive em casa duma tia (...) e ela **a** espremer-*me* limão aqui para dentro da boca.” (MTV09-C)

““Então onde era as uvas”? – O homem **a** perguntar-*me* tudo.” (MTV23-C)

“Comecei: “Ah, ah, ah”, e a modo **a** rir-*se*. “ (MTV23-C)

““Ah compadre resina! Compadre resina"! **A** chamar-*me* compadre resina.” (MTV49-C)

“E a gente com aquilo a fazer que está a beber, assim o povo **a** rir-*se*, tudo.” (MTV51-C)

“Ele é que sabe bailar à moda de agora. E a acenar, e assim com a cabeça e depois assim **a** voltar-*se* todo.” (MTV61-C)

Infinitivo flexionado:

“E **a** quererem-*me* roubar a 'calda' dos animais, (...) a quererem-*me* roubar aquilo que era para os arreios,” (MTV59-C)

“E a quererem-*me* roubar a 'calda' dos animais, (...) **a** quererem-*me* roubar aquilo que era para os arreios,” (MTV59-C)

“eles estavam-*se* a rir e a falar uns para os outros. E **a** rirem-*se*.” (MTV59-C)

1.37.2. Próclise

INEXISTENTE

1.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo)

1.38.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“a gente não nos servia estar **a** botar-*lhe* muito cedo ...” (CLH23-C)

“Depois começo **a** dar-*lhe* sulfato.” (CLH25-C)

“quando resolviam **a** semeá-*la* outra vez, ele quase sempre plantavam a batata-doce.” (CLH32-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.38.2. Próclise

Infinitivo simples:

“porque o Nosso Senhor não teve destinado **a** *me* dar” (CLH18-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora)

1.39.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“fiz tudo quanto pude por ele, e ele cada vez **a** ligar-*me* menos.” (CPT06-C)

“E cheguei **a** prestar-*lhe* coisas” (CPT06-C)

“Tanta vez lá foram que ele foi lá **a** dizer-*me*.” (CPT11-C)

“Começo **a** experimentá-*lo*, começo-*lhe* a dizer.” (CPT19-C)

“Olha, o vento, se calhar, está aí **a** tratá-*las* mal.” (CPT36-C)

Infinitivo flexionado:

“Pois se já estavam (...) **a** chatearem-*me*, a dizerem aquilo que não deviam dizer, com o que eu calei-*me*.” (CPT06-C)

“Chegámos-se a juntar além em baixo – (...) –, **a** juntarmos-*se* além.” (CPT06-C)

“Sempre havia pessoas **a** atirarem-*me*.” (CPT45-C)

1.39.2. Próclise

INEXISTENTE

1.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja)

1.40.1. Ênclise

INEXISTENTE

1.40.2. Próclise

INEXISTENTE

1.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada)

1.41.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“estava **a** dizer-*lhe* do forno da cal” (STE15-C)

“e depois de estarem pousadas, então a gente vai **a** recolhê-*las*.” (STE46-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.41.2. Próclise

INEXISTENTE

1.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta)

1.42.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Pega-se **a** pô-*las* a curtir.” (CDR01-C)

“E foi por aí que começou **a** fazer-*se* mais festa de matança com familiares.” (CDR12-C)

“Mas isso quando acontecia até eu já cheguei a ajudar **a** criá-*los*” (CDR16-C)

“começaram **a** rapar-*se* melhor.” (CDR17-C)

“começaram **a** fazer-*se* as sandálias” (CDR25-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

1.42.2. Próclise

INEXISTENTE

2. Preposição *de*

2.1. Localidade 1: VPA - Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo)

2.1.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.1.1. Próclise

Infinitivo simples:

“há dias **de** se apanhar trinta ou quarenta quilos, ou cinquenta até.” (VPA10-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.2. Localidade 2: CTL - Castro Laboreiro (Viana do Castelo)

2.2.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.2.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Daí, eles usaram mais o cão para **de** se defender dos lobos.” (CTL08-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.3. Localidade 3: PFT – Perafita (Vila Real)

2.3.2. Ênclise

INEXISTENTE

2.3.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Passado **de** os semear, os passarinhos comiam tudo.” (PFT02-C)

“põe-se assim aqui por cima, para pesar, só, e depois é que trata **de** se tender” (PFT08-C)

“E depois só se deixa **de** se amassar, desde que ficaram as mãos limpas.” (PFT08-C)

“não teve tempo **de** *a* levar para casa, e o cão agarrou naquele avental de massa e correu pelo povo fora.” (PFT11-C)

“Depois digo: "Bem, tratem **de** *me* comprar um forno".” (PFT11-C)

“Foi **de** *se* aborrecer.” (PFT21-C)

“Cada um tem **de** *o* ganhar onde estiver” (PFT21-C)

“Pegou – em vez **de** *se* deitar – pôs-se de cá, em casa dela” (PFT25-C)

“Digo: "Não, o colete não lhe tiro. Porque senão tenho **de** *lhe* ir botar outro". ” (PFT28-C)

“Depois tivemos **de** *o* levar para a capela.” (PFT30-C)

“Tinha medo **de** *me* equivocar.” (PFT31-C)

“Eu, eu gosto **de** *o* meter azedo.” (PFT38-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.4. Localidade 4: AAL – Castelo de Vide, Porto da Esperança, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)

2.4.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.4.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Lá fui então a ver, por causa dele, **de** *lhe* ser agradável.” (AAL45-C)

“Está o degrau redondo que é essa escada **de** *se* colher azeitonas ...” (AAL49-C)

“E o senhor será capaz **de** *me* responder, depois de eu dar os meus ditos, as minhas palavras?” (AAL53-C)

“Eu, se soubesse ler, estas letras não era capaz **de** *as* ler.” (AAL59-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro)

2.5.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.5.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Portanto, tudo para evitar **de se** gastar dinheiro.” (PAL10-C)

“Olhe, não há-**de se** conhecer os homens das mulheres!” (PAL13-C)

“Fomos a gente que fomos da iniciativa **de se** renovar a fazer a festa novamente.” (PAL17-C)

“mas olhe que ela tem **de se** pôr boa.” (PAL25-C)

“chamam uma vara, até quase de varejar, **de se** varejar alfarrobas ou azeitonas ou uma coisa qualquer” (PAL36-C)

Infinitivo flexionado:

“mas é do fim **de** a gente já se ter gasto é uma grande quantidade de anos.” (PAL32-C)

2.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal)

2.6.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.6.2. Próclise

INEXISTENTE

2.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal)

2.7.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.7.2. Próclise

Infinitivo simples:

“porque minha mãe (...) gostava **de lhe** dar um calor no forno” (PST18-C)

“era o que chamava-se o tempero **de a** abaixar ou altear.” (PST23-C)

“Olhe, e não havia uma coisinha que servia para ... *de a* trancar, por causa de dividir o grão.” (PST24-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco)

2.8.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.8.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Porque eu, eu não era capaz **de a** arranjar.” (MST19-C)

“Há-**de me** dar tantos alqueires.” (MST40-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta)

2.9.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.9.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Um produto da farmácia que deitam em água para bem **de** ele *se lhe* acabar.” (FLF13-C)

“há-**de se** mudar agora para outra terra.” (FLF16-C)

“O fuso tinha uns ganchos **de se** 'dir' botando o fiado;” (FLF25-C)

“Que eu não tinha confiança em mim **de a** botar.” (FLF26-C)

“E depois, quando era dia de sol, aquilo ficava a modos **de se** malhar.” (FLF39-C)

“‘Dia-se’ pondo a modos **de lhe** dar o sol para aquecer - não sabe? - para depois se malhar em cobertas com um pau.” (FLF39-C)

“Já está aquelas tirinhas - não sabe? - que se fez já ao jeito **de se** picar.” (FLF64-C)

“Mas, quando o porco é mui gordo, a gente gosta **de** *lhe* ver o toucinho”

(FLF71-C)

Infinitivo flexionado:

“Não fazes conta mesmo **de** *te* vires deitar hoje?”

(FLF27-C)

2.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada)

2.10.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“a gente chama a cantadeira é **de** aguentá-*lo*”

(MIG17-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.10.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Ai, senhor, do linho, haver **de** *me* dizer ...”

(MIG03-C)

“e os carpinteiros, o que tem jeito **de** *se* fazer este vasilhame faz.”

(MIG20-C)

“Um mosquito que em vez **de** *se* alimentar de sangue alimenta-se de erva.”

(MIG39-C)

“e elas até, se estão amarradas, elas tentam **de** *se* soltar.”

(MIG41-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança)

2.11.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.11.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Depois **de** *se* pôr em maçadeiros, seca.”

(OUT10-C)

“Depois **de** *lhe* tirar o linho, quer dizer, põe-se assim a secar”

(OUT10-C)

“Antes até de o espadar, desde que sai do maçadeiro, nós esfregamo-lo com as mãos”	(OUT12-C)
“e depois até se ata às dúzias antes de o assedar”	(OUT12-C)
“Ó senhor Aristóteles, cale-se lá que já nos dói até a barriga de tanto <i>nos</i> rir.”	(OUT14-C)
“Depois de se lavar, enxuga-se”	(OUT22-C)
“E depois de <i>a</i> pelar, fia-se também.”	(OUT22-C)
“Depois de se amassar na masseira, (...) corta-se aos rolos”	(OUT23-C)
“Mas primeiro ainda se tem de <i>se</i> fazer o seguinte:”	(OUT54-C)

Infinitivo flexionado:

ainda ficou com as raízes de o arrancarem

2.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre)

2.12.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Depois de ter-lhe uma certa simpatia, uma certa 'mordade' por eles, vem assim ...”

“Eu tenho sido sempre um observador de quando vejo um bicho, inspeccioná-lo...”

Infinitivo flexionado:

“Mas eu mesmo com aquela ideia de ele odiá-los.”

2.12.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Só depois de se saber.”	(CBV24-C)
“Antes de se chegar à casa de cantoneiros, há ali umas paredes velhas, ali assim,”	(CBV36-C)
“Mas, quer dizer, isso de se dizer o de rabisco, é costume a haver aqui esta coisa:”	(CBF43-C)
“é hábito tirar as tripas antes de o pendurar.”	(CBV57-C)
“E eu gosto de conversar e de <i>me</i> entender com toda a gente”	(CBV29-C)
“e não sou capaz de <i>me</i> arranjar.”	(CBV29-C)
“Ó alma dum raio, que não sou capaz de <i>lhe</i> tirar a maniota da mão!”	(CBV41-C)
“O animal via que não era capaz de <i>me</i> dar saída,”	(CBV73-C)

“mas há-**de** se pôr a gente a direito”

(CBV42-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo)

2.13.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Que eu hei-**de** buscar-*lhe* o menino ainda que tenha que a matar!”

(MIN07-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.13.2. Próclise

Infinitivo simples:

“lá ficou, coitado - não havia meios **de** o poder trazer.”

(MIN06-C)

“Mas tenho **de** o ir receber a Viana.”

(MIN02-C)

“e não gosto **de** *as* ouvir falar”

(MIN06-C)

“Foi para a Madeira uns meses porque senão tinha **de** *se* mudar ...”

(MIN07-C)

“E os filhos dele tive **de** *os* pôr cada um para o seu lado.”

(MIN07-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda)

2.14.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Depois **de** semeá-*lo*.”

(FIG27-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.14.2. Próclise

Infinitivo simples:

“E eu gosto **de** os honorar, tanto a um como ao outro.”

(FIG07-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro)

2.15.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“E não há ordem **de** apanhá-*las*.”

(ALV32-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.15.2. Próclise

Infinitivo simples:

“A gente não é **de** se fazer é ...”

(ALV24-C)

“Se vir cedo, alguma coisa há-**de** se arranjar para o almoço.”

(ALV24-C)

“Alguma coisa há-**de** se arranjar.”

(ALV24-C)

“Se vir cedo, alguma coisa há-**de** se arranjar.”

(ALV24-C)

“O que é que há-**de** se fazer?”

(ALV50-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja)

2.16.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.16.2. Próclise

Infinitivo simples:

- “mas qual é a aldeia, não é muito bom **de** se conhecer.” (SRP01-C)
- “E depois **de** se voltar as costas, que eles vão ver, já não se chama loba.” (SRP08-C)
- “Antes **de** os vender, quando chegou a altura de eles já não mamarem, andam à parte.” (SRP31-C)
- “E há uma outra maneira **de** se capar com uma agulha.” (SRP31-C)
- “mas depois **de** a tirar dali para fora é que a água começa a aparecer.” (SRP32-C)
- “Acaba **de** se pôr a massa no cincho - que chama-se depois massa” (SRP32-C)
- “E então tem **de** se começar:” (SRP16-C)

Infinitivo flexionado:

- “Depois **de** o sol *se* pôr?” (SRP02-C)
- “A gente já deixava de ver os terrenos, **de** se vermos uns aos outros,” (SRP03-C)
- “A água só se vê depois **de** a gente *a* fabricar.” (SRP32-C)

2.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora)

2.17.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.17.2. Próclise

Infinitivo simples:

- “**De** *as* comer, não, não, não, não.” (LVR24-C)
- “antes **de** *se* meter o pão no forno, (...) punha-se para lá um punhadinho de farinha.” (LVR35-C)
- “e se a farinha ficasse a corar, estava capaz **de** *se* meter o pão no forno.” (LVR35-C)
- “Acabou-se **de** *se* tosquiar,” (LVR16-C)
- “Gosto muito **de** *as* achar” (LVR24-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal)

2.18.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Cornos, isso é já mais prático **de** dizer-se” (ALC23-C)

“Depois **de** ir para cima da mesa e separar-se o toicinho e as banhas e as costeletas e as pernas, a fressura, o porco está ali só num.” (ALC30-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.18.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Chega o tempo **de** se fazer a vindima” (ALC16-C)

“As senhoras não se importavam **de** me dar as chavinhas das senhoras?” (ALC41-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro)

2.19.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“mas ele, ele aborreceu-se **de** ele combinar e depois negar-se ...”

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.19.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Eu precisava **de** lhe pedir um alqueire de milho.” (COV40-C)

“Não sei o que há-de ser, que há-**de** me...” (COV13-C)

“E olha que um homem para lá, ‘há-**dem**’ lhe dar uma bofetada e apanhar outra” (COV20-C)

Infinitivo flexionado:

“depois **de** a gente se aproximar, ia atrás do sítio donde gritavam.” (COV21-C)

“Ó senhora Gabriela, ele desculpe **de** *lhe* eu dizer.” (COV35-C)

2.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta)

2.20.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.20.2. Próclise

Infinitivo simples:

“O mês bom **de** o apanhar é em Abril, no mês de Abril.” (PIC18-C)

“Pois então, há-**de**-se jogar.” (PIC20-C)

“ia quatro e cinco vezes, para bem **de** o passar.” (PIC27-C)

“Têm gosto **de** *lhe* dar acolá umas lançadas.” (PIC16-C)

Infinitivo flexionado:

“Porque ele estava com medo **de** ele o querer roubar.” (PIC04-C)

“vai na véspera do dia **de** ele se estar a casar e manda os cães lá à casa do rei” (PIC04-C)

2.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra)

2.21.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.21.2. Próclise

Infinitivo simples:

“E depois a gente, ao fim **de** o ripar, ia então a gente a mergulhá-lo no rio.” (PVC06-C)

“E depois, então, a gente, ao fim **de** se estar a ..., botava-o no rio assim uns tantos dias.” (PVC06-C)

“Depois ao fim **de** o tascar, botava-o a gente aos molhinhos,” (PVC06-C)

“depois, ao fim **de** o fiar, a gente fazia na roca ...” (PVC06-C)

“Sim, no fim **de** o tascar.” (PVC20-C)

“No fim de se curtir, tirava-se,”	(PVC20-C)
“No fim de se tascar é que se espadanava.”	(PVC20-C)
“No fim de se enrodilhar a teada ao órgão, então punha-se no resteleiro.”	(PVC21-C)
“Depois, no fim, quando era para mor de as guiar já era cortado o fio no fundo, por mor de a atar”	(PVC21-C)
“Depois, no fim, quando era para mor de as guiar já era cortado o fio no fundo, por mor de a atar”	(PVC21-C)
“coitada, com a precisão de o ganhar como ela tinha, e levava um carregio tão grande, e deixou-o cair.”	(PVC26-C)
“foi-se-lhe tudo embora com tanta precisão de o ganhar, coitadinha!”	(PVC26-C)
“Ia, com licença de vossemecês, lá comprar os porcos, para mor de os matar”	(PVC26-C)
“Havia muitas que não eram capazes de o passar,”	(PVC26-C)
“Aquilo eram poucas, às vezes, que eram capazes de os passar.”	(PVC26-C)
“mas tinha de o ir buscar longe:”	(PVC28-C)
Infinitivo flexionado:	
“e depois ao fim de se elas apagarem ...”	(PVC22-C)
“Quando acabavam, tapavam que era para mor de se apagarem”	(PVC22-C)
“lá pedíamos para mor de <i>nos</i> deixarem lá dormir”	(PVC24-C)

2.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa)

2.22.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.22.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Estava sujeitos de se aleijar.”	(EXB13-C)
“Agora em moderno é que há uns cinchos de o apertar;”	(EXB34-C)
“Ah, eu não me importo de <i>lhe</i> dar um conto de réis ou quinhentos escudos”	(EXB37-C)

Infinitivo flexionado:

Há sempre aqueles truques **de** se enganarem uns aos outros

(EXB04-C)

2.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo)

2.23.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.23.2. Próclise

Infinitivo simples:

“A gente vai matar os bezerros. E depois **de** os matar, já estão pessoas – umas senhoras preparadas – a cozer o sangue.” (TRC12-C)

“É a vara **de** o mexer.” (TRC22-C)

“Mas a gente tinha sempre coisa **de** *lhe* deitar.” (TRC54-C)

“Mas ele não levou nada **de** *lhe* fazer o parto à mulher” (TRC61-C)

“para a gente *lhe* poisar nas 'condições' **de** *se* poder semear milho.” (TRC69-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria)

2.24.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.24.2. Próclise

Infinitivo simples:

“e depois **de** *se* acravar, ia-se acravando na calda até começar a mudar de cor” (MTM01-C)

“Deixava-se-*lhe* um pinguito para eles mamarem depois **de** os soltar” (MTM13-C)

“uma vez ao menos, tem **de** *se* andar a tratar para não *lhe* dar o mórdio” (MTM01-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança)

2.25.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.25.2. Próclise

Infinitivo simples:

“E, depois, ao fim **de** *as* matar todas então é que come uma um bocado” (LAR01-C)

“Não é assim o costume muito **de** *lhe* chamar bezerro” (LAR04-C)

“em vez **de** *se lhe* dar dinheiro, dá-se-lhe um cântaro de leite, ou dois.” (LAR13-C)

“Ah, há muitos modos **de** *o* tirar.” (LAR31-C)

“Há muito modo **de** *o* tirar!” (LAR31-C)

“A cama é **de** *se* pôr a dormir.” (LAR34-C)

Infinitivo flexionado:

“É a razão **de** *se* ele fabricar.” (LAR24-C)

“E é a razão **de** *se* ele dar,” (LAR24-C)

2.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja)

2.26.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.26.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Deixavam de comer, a gente deixava **de** *lhe* dar.” (LUZ23-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga)

2.27.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.27.2. Próclise

Infinitivo simples:

“em antes de começar a tecer, gostava **de** *me* benzer.” (FIS23-C)

Infinitivo flexionado:

“depois, a gente **de** *a* meter ao sedeiro, ela fica numa estriguinha depois.” (FIS16-C)

“que depois era difícil **de** uma pessoa *lhe* poder ajeitá-lo.” (FIS22-C)

2.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto)

2.28.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.28.2. Próclise

Infinitivo simples:

“tem uns paus grandes **de** *o* mexer,” (GIA03-C)

“**De** *os* mexer.” (GIA03-C)

“tira aquela nata antes **de** *o* aquecer.” (GIA12-C)

“Mas o Cosme amanhã é capaz **de** *se* ele saber explicar o macho como é que se chama.” (GIA30-C)

“Tinha **de** *as* esfolar, não é?” (GIA15-C)

“e porque eles gostam mais **de** *se* pousar nas palheiras.” (GIA35-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém)

2.29.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.29.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Não venham elas para aqui com ideias **de** *te* enganar.” (STJ06-C)

“andas já há um ano aí no médico e ele não há-**de** *te* curar”

(STJ60-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco)

2.30.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Dá-lhe então um jeito **de** escangalhá-*la* assim”

(UNS39-C)

Infinitivo flexionado:

“As cebolas também lhe põem um bocadinho para mor **de** ficar-*lhe* ali a água,”

(UNS31-C)

2.30.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Depois **de** *a* varrer, amassa um bocado de bosta das vacas numa poça”

(UNS04-C)

“Depois **de** *se* estrar o pão na eira, vão os homens”

(UNS04-C)

“E depois chegava-se a altura **de** *lhe* deitar o fogo.”

(UNS42-C)

“Se o meu pai ia com elas, o meu irmão tinha **de** *o* lá ir esperar.”

(UNS07-C)

Infinitivo flexionado:

“Depois **de** *o* malharem, tiram a palha”

(UNS04-C)

“Antes **de** *o* meterem ...”

(UNS24-C)

“Homem, então eu não dei conta **de** *os* lobos se deitarem a ela”

(UNS10-C)

2.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra)

2.31.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.31.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Antes **de** *se* fazer o regadio.”

(VPC06-C)

“Quando a gente vinha **de** o atar do campo.” (VPC14-C)

“Se estivessem a ver-se erva daninha (...) que fosse má, tinham **de** o mondar.” (VPC07-C)

“Mas eu disto tenho um pouco medo, até **de** os apanhar.” (VPC32-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu)

2.32.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Hei-**de** perguntar-*lhe* se tem este livro.” (GRJ06-C)

Infinitivo flexionado:

2.32.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Ainda tinha eu vontade **de** *me* tornar a casar!” (GRJ18-C)

“Não tenho vergonha **de** o dizer.” (GRJ20-C)

“Não vê o Ernestino da Esmeralda que morreu **de** *se* deitar além no lameiro?” (GRJ26-C)

“Depois **de** *se* fazer o fermento, que o fermento esteja finto, a gente acaba de peneirar” (GRJ58-C)

“eu hei-**de**-*lhe* pedir.” (GRJ06-C)

“Até que tivemos **de** *nos* tornar a vir-nos aqui meter.” (GRJ20-C)

“Deixa estar que nós agora 'havi**ademos**' os amolar, aos da Junta” (GRJ67-C)

“Nem sou crendeira, nem deixo **de** o ser.” (GRJ26-C)

“Eu não gosto **de** *me* deitar de dia.” (GRJ19-C)

“eu não gosto **de** *me* deitar assim de barriga para o ar” (GRJ20-C)

“Não me lembrou porque havia **de** *lhe* trazer o meu retrato que tirei de solteira.” (GRJ41-C)

“Vai-os a gente rogar, há-**de**-*lhe* pagar bem...” (GRJ68-C)

Infinitivo flexionado:

- “Na vez **de** o morderem, lamberam-no as chagas todas que tinha.” (GRJ29-C)
- “Tantos retratos **de** *lhe* irem agradecer.” (GRJ29-C)
- “E ele foi ver, contar quantas bicas eram por causa **de** o Epitácio lhas pagar.” (GRJ24-C)
- “em me vendo, já vinha: "A mãe! A mãe! A mãe"! **De** *lhe* eu dar o peito.” (GRJ37-C)
- “Porque ela era amiga **de** *lhe* dar a mama.” (GRJ37-C)
- “**De** *lhe* eu dar o peito, chamava-me mãe.” (GRJ37-C)

2.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta)

2.33.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.33.2. Próclise

Infinitivo simples:

- “Não gostava nada **de** *as* tosquiá.” (CRV55-C)
- “Porque a minha avó já trabalhou talvez pouco nisso depois **de** *se* casar.” (CRV70-C)
- “E eu gosto **de** *me* desembaraçar e todos como eu.” (CRV60-C)
- “Tudo gosta **de** *se* despachar dessas coisas.” (CRV60-C)

Infinitivo flexionado:

- “não contavam muito **de** *me* irem achar lá.” (CRV75-C)
- “foi antes **de** Florbela *se* casar” (CRV39-C)
- “a lã é que fazia a roupa **de** a gente *se* vestir.” (CRV54-C)

2.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo)

2.34.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.34.2. Próclise

Infinitivo simples:

“A minha irmã falou a um rapazote de lá por causa **de** poder meter a criança no mar e *lhe* dar o banho,” (GRC37-C)

“porque tem **de** *a* pagar.” (GRC10-C)

“Homem, você há-**de** *me* arranjar uns cachos de uva verdelha cá da ilha.” (GRC22-C)

Infinitivo flexionado:

“Porque eu tive uns grandes aborrecimentos de vida derivado **de** *me* ter carregado muito de família” (GRC34-C)

2.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal)

2.35.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“e o gajo fez com que o patrão vendesse aquilo por um conto de réis, logo à conta **de** dar-*me*.” (MLD22-C)

“devem **de** acabar-se os oleiros também cá em Melides.” (MLD19-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.35.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Foi a maneira **de** o trazer para a terra, senão tinha morrido.” (MLD33-C)

“Guerreávamos e o sacana dava conta de mim, **de** *me* pegar e ir comigo à rojo” (MLD49-C)

“E eu depois **de** *me* bater, fui-me embora, fui servir para o Pinhal de Cima.” (MLD49-C)

“Até muitas das vezes tinha **de** *se* cavar tudo a alferce.” (MLD11-C)

“mais tarde é que apareceu isso **de** *se* dar com um motorzinho.” (MLD29-C)

“Agora já não precisa **de** *me* ensinar!” (MLD21-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real)

2.36.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.36.2. Próclise

Infinitivo simples:

“toca a continuar com os recos a estripá-los e a acabar **de** os lavar.” (STA03-C)

“E eu já farto **de** o saber;” (STA09-C)

“Depois acabaram **de** se lavar,” (STA03-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém)

2.37.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.37.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Tem **de** se tirar aí com quatro e cinco décimos só.” (MTV16-C)

“... para (...) ver se está ou não em condições **de** se ir apanhar para fabricar o vinho” (MTV21-C)

“Ele em vez **de** se ajoelhar: "Não,não, não, não, não."” (MTV59-C)

“Antes **de** se chegar ao Cabaço, está uma estrada que volta” (MTV62-C)

“Por isso, eles hoje estão-me a dar alguma coisa, mas haviam **de** *me* dar mais.” (MTV12-C)

“Haviam **de** *me* ter dado mais.” (MTV12-C)

“Agora há-**de-me** aqui explicar e dizer porque é que o senhor disse que não há nenhum agricultor.” (MTV06-C)

“a cabeça depois mais tarde acabou **de** se criar, porque já está oca” (MTV45-C)

“Os rapazes têm medo **de** se agarrar às cachopas.” (MTV64-C)

Infinitivo flexionado:

“Que é a tal coisa da prova **de** ela se galar, de a azeitona se galar.” (MTV05-C)

“Que é a tal coisa da prova de ela se galar, **de** a azeitona se galar.” (MTV05-C)

2.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo)

2.38.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.38.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Em lugar **de** os levar, eu venho-os tomar a casa” (CLH04-C)

“quando a gente estava perto **de** o matar, se tinha muita, deitava mais” (CLH23-C)

“deitava mais, se tinha, e se não era perto **de** o matar,” (CLH23-C)

“Agora parece que ali uns tempos antes **de** os apanhar, que têm que tapar a água para ela não correr até o dia de os apanhar” (CLH29-C)

“Agora parece que ali uns tempos antes de os apanhar, que têm que tapar a água para ela não correr até o dia **de** os apanhar” (CLH29-C)

“e tem dias certos **de** as ir levar e de as ir buscar.” (CLH31-C)

“e tem dias certos de as ir levar e **de** as ir buscar.” (CLH31-C)

“se a pedra estava à feição **de** se poder arrancar, arrancava” (CLH34-C)

“a gente não tinha medo **de** a arrebentar ...” (CLH40-C)

“Há-**de** *me* ensinar, senhora Josefa, a fazer!” (CLH17-C)

Infinitivo flexionado:

“A gente tinha medo **de** o furtarem.” (CLH09-C)

“Mesmo depois **de** *eu* me casar (...), penei muito.” (CLH18-C)

2.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora)

2.39.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.39.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Mas eu não sou capaz **de** *lhe* dizer.” (CPT19-C)

“e também gosto, quando vêm pessoas à de mim, **de** *as* tratar bem.” (CPT23-C)

“Mas (...) nunca foi capaz **de** *o* prender.” (CPT50-C)

“eles não eram capazes **de** *se* apresentar em parte nenhuma.” (CPT12-C)

“Nunca foram capazes **de** *se* apresentar em parte nenhuma a fazerem mais figura do que eu.” (CPT12-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja)

2.40.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“eu lembra-me **de** as pessoas, às vezes, *lhe* darem ataques e passarem-*lhe* com essa erva” (AJT08-C)

2.40.2. Próclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“eu lembra-me **de** as pessoas, às vezes, *lhe* darem ataques e passarem-*lhe* com essa erva” (AJT08-C)

“guloso mas daqueles gulosos parvos, **de** *lhe* darem qualquer coisa...” (AJT28-C)

2.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada)

2.41.1. Ênclise

INEXISTENTE

2.41.2. Próclise

Infinitivo simples:

“a gente já fizemos uma recolha **de** se fazer cores com coisas naturais.” (STE31-C)

“um rapaz que era muito manhoso, e gostava **de** as ouvir falar ...” (STE13-C)

“gostavam **de** o ouvir falar.” (STE15-C)

Infinitivo flexionado:

“Ah, eu gostava **de** se desmascararem” (STE18-C)

“Nunca me lembro **de** isso se usar ...” (STE44-C)

2.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta)

2.42.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Que deixei de usar mistura por ser muito difícil **de** adquiri-la” (CDR22-C)

“eu lembro-me **de** fazer-se alguma eira nova aqui” (CDR57-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

2.42.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Lembro-me **de** se semear o linho.” (CDR07-C)

“A linguiça era cheia ao fim de quatro dias depois **de** se fazer a vinha-de-alhos,” (CDR12-C)

“E hoje então há muita facilidade **de** se rapar e limpar os porcos.” (CDR17-C)

“eu nunca me já me lembro **de** se limpar tripas na ribeira” (CDR18-C)

“Mas antes **de** se lavar as tripas, fazia-se uma poça na terra” (CDR18-C)

“Mas a maior vantagem **de** se tratar bem a galinha é nos ovos” (CDR22-C)

“quando vê que está (...) a modo **de** se tender...” (CDR30-C)

“Em vez **de** se pôr os ovos, punha-se o leite.” (CDR31-C)

“Havia a condessa aberta **de** se usar em casa” (CDR43-C)

- “e procurava ideias **de** se ir desenrascando ...” (CDR51-C)
- “ainda dava tempo **de** se debulhar o calcadoiro e limpar” (CDR54-C)
- “Eu não me lembro **de** se fazer nenhuma eira nova ...” (CDR57-C)
- “As pessoas usavam pouca linguiça não é porque não a gostassem **de** a comer” (CDR11-C)

Infinitivo flexionado:

- “sempre foi o lugar **de** as pessoas se juntarem e trabalharem em grupo.” (CDR08-C)
- “aqui tinha-se o costume **de** se enfeitarem os galhos das vacas” (CDR38-C)
- “Os inhames, era sempre a açafata **de** os pormos.” (CDR43-C)

3. Preposição *para*

3.1. Localidade 1: VPA - Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo)

3.1.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.1.2. Próclise

Infinitivo simples:

“**Para** *lhe* ir ajudar, porque naquele tempo vivia-se mal.” (VPA15-C)

“eu sempre pedi a Deus **para** *me* dar um barco para ir pescar aos Açores” (VPA16-C)

“ia tudo na câmara do frigorífico, para congelar, **para** *se* aguentar” (VPA30-C)

“a vizinhança chama por a minha mulher **para** *lhe* preparar aquelas carnes” (VPA42-C)

“No dia catorze de Agosto, vieram aqui **para** *lhe* alugar dois quartos” (VPA20-C)

Infinitivo flexionado:

“E depois vou para o médico com eles, que é **para** *se* eles lembrarem:” (VPA15-C)

“os espanhóis dão uns tiros fortes (...) **para** *a* caçarem.” (VPA26-C)

3.2. Localidade 2: CTL - Castro Laboreiro (Viana do Castelo)

3.2.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.2.2. Próclise

Infinitivo simples:

“o rapaz é que fazia o fuso **para** *lhe* dar.” (CTL02-C)

“Ó avô, mas como é que ela é inteligente e eu vou fazer **para** *a* caçar?” (CTL18-C)

“como já ela é grande e é crescida, não dá **para** *se* meter dentro tudo.” (CTL18-C)

“Armade-lhe a lousa aos pássaros **para** os apanhar” (CTL19-C)

“Depois, quando era **para** o apagar, aterrava-se.” (CTL24-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.3. Localidade 3: PFT – Perafita (Vila Real)

3.3.2. Ênclise

INEXISTENTE

3.3.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Depois fui lá **para** *me* tornar a cozer” (PFT11-C)

“A senhora, senão, **para** *lho* saber, vai ver que quando for meia-noite, se não ouvem por aí adiante um cavalo a estropiar .” (PFT25-C)

“e fui quem paguei ao padre **para** *a* enterrar.” (PFT29-C)

“agora tenho lá outra que eu não tenho garrações **para** *o* meter,” (PFT39-C)

“e não têm trabalhadores **para** *lho* fazer.” (PFT09-C)

“E eu estive **para** *o* dar.” (PFT41-C)

Infinitivo flexionado:

“Quando eles vinham **para** os matarem, não era preciso andar atrás deles.” (PFT13-C)

3.4. Localidade 4: AAL – Castelo de Vide, Porto da Esperança, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)

3.4.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“a palha ia sair aí quatro metros ou cinco mais à frente **para** ir-se passando (AAL10-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.4.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Mas isso é só **para** *nos* prejudicar a nós.” (AAL06-C)

“Aquilo tem uma escada para se descer lá para baixo.”	(AAL25-C)
“... a escolher aquilo tudo bem e a deitar para trás para se secar com o sol”	(AAL28-C)
“E, em depois, para as ter aí e não ter água para as regar, também não vale a pena”	(AAL30-C)
“E, em depois, para as ter aí e não ter água para as regar, também não vale a pena”	(AAL30-C)
“Assim, tenho ali no meu rés-do-chão, enfim, para me safar.”	(AAL35-C)
“era por causa de ter aqui grossura para se aguentar.”	(AAL42-C)
“Mas só para <i>lhe</i> ser agradável ...”	(AAL45-C)
“e faz-se um lume lá debaixo, para se secar.”	(AAL63-C)
“e toca de pular ali, dentro daquilo, para se tirar.”	(AAL63-C)

Infinitivo flexionado:

“tal e coiso - só para se agarrarem às cachopas”	(AAL17-C)
“E corriam atrás da gente para nos apanharem.”	(AAL66-C)

3.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro)

3.5.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“ Para se tirar e comê-lo, depois de o pão estar lá”	(PAL31-C)
---	-----------

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.5.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Pois eu - para <i>te</i> explicar melhor - tinha aí alguns bocadinhos de terra”	(PAL02-C)
“umas, se é para se formar, vão-se formando maiorzinhas”	(PAL19-C)
“ Para se tirar e comê-lo, depois de o pão estar lá”	(PAL31-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal)

3.6.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Tinha-se as embarcações **para** cercá-*las*, mais próximo à costa.” (CLC28-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.6.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Paguei a uma professora particular **para** *lhe* dar a escola.” (CLC11-C)

Infinitivo flexionado:

“metia-se uma bandeira, **para** o barco de apoio *a* ir amarrar.” (CLC32-C)

3.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal)

3.7.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“ele está explorando esta água, que é **para** juntá-*la* toda e levá-*la* para lá.” (PST07-C)

“ele está explorando esta água, que é **para** juntá-*la* toda e levá-*la* para lá.” (PST07-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.7.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Deixa-se aquela vara comprida **para** *se* fazer a latada.” (PST02-C)

“Depois corta-se, que é **para** *se* fazer água-pé.” (PST04-C)

“Há nascentes mas é umas coisas só **para** *se* beber.” (PST07-C)

“Tem ali **para** *lhe* mostrar.” (PST17-C)

“minha mãe cozia um pedacinho de arroz **para** *se* comer depois de comer o caldinho da massa.” (PST19-C)

“Isso é **para** os miúdos *a* rabiscar.”

(PST03-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco)

3.8.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“tinham um rabo assim, **para** a gente pegar-lhe, em cima duma pedra: tuca-tuca.”

(MST39-C)

3.8.2. Próclise

Infinitivo simples:

“**Para** se abrir ou fechar.”

(MST08-C)

“Então, quando o gado era bravo, **para** se amansar, era sempre.”

(MST10-C)

“no dia anterior até costumam levar um bocadinho de soro, que é **para** os passar.”

(MST01-C)

Infinitivo flexionado:

“Não é **para** se porem como são aqueles que além estão no meio.”

(MST01-C)

“eu tive que abalar daquela casa **para** a arranjarem.”

(MST19-C)

“Ainda bem que fazem tirar as coisas à gente que é **para** a gente as ter.”

(MST20-C)

“Pois, levavam mantas **para** se deitarem.”

(MST42-C)

3.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta)

3.9.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“A sela tem umas correias que lhe vai por baixo da barriga da burra - que é **para** aguentá-la”

(FLF50-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.9.2. Próclise

Infinitivo simples:

- “Com um produto **para** *lhe* matar aqueles piolhos, que ele não deixava tirar.” (FLF13-C)
- “é preciso uns órgãos muito largos, um restelo muito largo **para** *a* botar no tear” (FLF21-C)
- “Mas não abria o bastante **para** *se* cardar.” (FLF24-C)
- “eu chamava uma pessoa **para** *a* botar no tear - não sabe?” (FLF26-C)
- “Dia-se' pondo a modos de *lhe* dar o sol para aquecer - não sabe? - **para** depois *se* malhar em cobertas com um pau.” (FLF29-C)
- “O que era **para** *lhe* dar ao Senhor Santo Cristo estava pintado.” (FLF44-C)
- “Também quando é pelo Natal, **para** *se* matar porcos, se faz assim.” (FLF45-C)
- “O boi bafejava o menino **para** *o* aquecer.” (FLF49-C)
- “Bafejava, **para** *o* aquecer.” (FLF49-C)
- “um quilómetro ou mais **para** *se* vir buscar água.” (FLF56-C)
- “Se é mansa ou está amarrada, pois pára ali **para** *se* ordenhar.” (FLF61-C)
- “Mas a da linguiça já se põe de parte **para** *se* fazer a vinhada.” (FLF64-C)
- “Levava muito tempo **para** *se* fazer a linguiça, passando pela linguiça toda!” (FLF64-C)
- “a morcela, a gente 'faze-as' mais pequeninas que as linguiças, que é **para** *se* tirar do caldeirão.” (FLF65-C)
- “lascam-no de cima a baixo, que é **para** *se* ver o toucinho.” (FLF71-C)
- “Dia-se' apanhar musgo no mato - está percebendo? -, **para** *se* vender.” (FLF77-C)

Infinitivo flexionado:

- “enfia-se nuns cordõezinhos (...) que é **para** *se* tirarem melhor para fora.” (FLF65-C)

3.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada)

3.10.1. Ênclise

Infinitivo simples:

- “aquilo era **para** *lavá-lo* depois” (MIG08-C)

“tinha lá uma cheia de terra, **para** qualquer dia despejar a terra e lavá-*la* também para fazer o sal com ela.” (MIG56-C)

“E o dono está ali só para cuidar delas, **para** os cães não fazer mal a elas e trazê-*las* à noite para o curral, para as ordenhar, em certos lugares.” (MIG57-C)

Infinitivo flexionado:

“Mandei-lhe logo dizer **para** eles virem-*no* buscar.” (MIG56-C)

3.10.2. Próclise

Infinitivo simples:

“é para ele para a pedrinha andar de roda para ele **para** o moer” (MIG16-C)

“Mas **para** se fazer vinho em casa o que sai do balseiro, deitar à parte!” (MIG20-C)

“Isto serve para lenha, para queimar, **para** se cozer pão.” (MIG42-C)

“Até **para** se mostrar se ...” (MIG45-C)

“E o dono está ali só para cuidar delas, para os cães não fazer mal a elas e trazê-*las* à noite para o curral, **para** as ordenhar, em certos lugares.” (MIG58-C)

Infinitivo flexionado:

“A gente punham ali só **para** *nos* guiar.” (MIG50-C)

“Não é **para** *me* porem à água!” (MIG56-C)

3.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança)

3.11.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.11.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Aquilo esmagava-se muito bem esmagado onde é que havia umas poças **para** os esmagar.” (OUT03-C)

“Engaçam-se as embelgas que a gente quer engajar **para** depois o regar.” (OUT10-C)

“é para que o linho abra e que caia, **para** *lhe* tirar a linhaça, a semente.” (OUT10-C)

“**Para** *a* fabricar?” (OUT22-C)

“**Para** a fabricar.” (OUT22-C)

“Vinha o tempo de engordar os porcos **para** os matar” (OUT32-C)

“Ui, Jesus, que martírio **para** as apanhar!” (OUT41-C)

“A castanha serve para cozer, **para** as assar” (OUT42-C)

“mete-lhe a coisa **para** o tirar” (OUT57-C)

Infinitivo flexionado:

“**Para** a gente a utilizar.” (OUT01-C)

“e **para** as apanhar a gente aqui?” (OUT41-C)

“porque há cães que se atiram (...) **para** se defenderem o dono.” (OUT45-C)

3.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre)

3.12.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“eu vou a Vaiamonte chamar os homens **para** abrirem-*lhe* o bezerro,” (CBV59-C)

3.12.2. Próclise

Infinitivo simples:

“**Para** se explicar na limpeza à terra do alqueive é, por exemplos:” (CBV07-C)

“está bom **para** *me* fazer jeito ou está mesmo de verdade bom?” (CBV12-C)

“Mas está boa **para** *me* fazer jeito ou está de verdade mesmo boa?” (CBV12-C)

“Mas lá está o portado **para** *se* abrir e fechar.” (CBV16-C)

“Ouça lá, agora era uma altura boa **para** *se* fazer além a presa.” (CBV17-C)

“Por exemplos, era posto numa tigela de molho, hoje, já **para** *se* amassar amanhã de manhã.” (CBV37-C)

“que era **para** *lhe* tirar ...” (CBV57-C)

“e fui chamar os homens - porque no domingo não iam trabalhar - para irem lá para desfolarem o bezerro e abrirem a cova **para** *se* enterrar.” (CBV59-C)

“Mas o que é mais valente **para** *se* espojar é os burros.” (CBV60-C)

Infinitivo flexionado:

“**Para** os firmarem é melhor.” (CBV01-C)

“que é **para** *lhe* eu mostrar o coiso.” (CBV03-C)

“e vá espetando aí umas canas que é **para** *me* eu regular .” (CBV14-C)

“foi aquele homem cinco vezes ao pé de mim à horta chamar-me **para** eu *lhe* ir lá marcar a altura do coiso.” (CBV16-C)

“Mas eu não te estou a dizer **para** tu *a* dares, pá!” (CBV28-C)

“que é **para** você *o* ver,” (CBV59-C)

3.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo)

3.13.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.13.2. Próclise

Infinitivo simples:

“tira-se-*lhe* daquela carne, já **para** *se* comer rojões -” (MIN11-C)

“Tinha vaquinhas **para** *lhe* tirar o leite,” (MIN15-C)

“Eu ainda tenho a masseira - não seja **para** *lhe* mostrar, que tenho.” (MIN19-C)

“As balizas **para** *se* semear.” (MIN29-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda)

3.14.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.14.2. Próclise

Infinitivo simples:

“dizia que era para se defumar.”	(FIG08-C)
“ Para se pôr no pão e para se tomar até em jejum.”	(FIG19-C)
“Para se pôr no pão e para se tomar até em jejum.”	(FIG19-C)
“E eu agora até já lá fui buscar lá um bocadito de cimento para <i>lhe</i> tapar os buracos”	(FIG24-C)
“paguei juro de dinheiro para <i>a</i> comprar.”	(FIG24-C)
“E tanta coisa que aí há para se cozer o pão: a pá, o rodo para se puxar o borralho!”	(FIG25-C)
“E tanta coisa que aí há para se cozer o pão: a pá, o rodo para se puxar o borralho!”	(FIG25-C)
“É preciso sal, a água morna para se amassar o pão, o fermento.”	(FIG25-C)
“E depois a gente deita-lhe a farinha por cima para se fintar,”	(FIG25-C)
“Vai-se tender para se meter o pão no forno.”	(FIG25-C)
“cortava-se às peças para se pôr no tabuleiro e para se meter no forno.”	(FIG25-C)
“cortava-se às peças para se pôr no tabuleiro e para se meter no forno.”	(FIG25-C)
“e depois já não trato tanto o milho para <i>lhe</i> dar ...”	(FIG26-C)
“E a gente anda aqui a trabalhar, a tratar batatas para <i>as</i> vender quase dadas.”	(FIG27-C)
“É para se casar primeiro,”	(FIG27-C)
“E depois punham-lhe a sega porque sempre cortava mais para se cortar o terreno.”	(FIG29-C)
“Eu tenho - até para <i>lhe</i> dizer -, devo ter o cavalete melhor que pode aqui haver na redondeza.”	(FIG30-C)
“Da parte redonda, para se arredondar qualquer peça que seja preciso.”	(FIG30-C)
“Quando se 'estravessa', por ordem para se semear os centeios e isso, deve-se fazer pelo calor”	(FIG37-C)

Infinitivo flexionado:

“agora quando é no mês de Agosto, todas vêm cá para <i>lhe</i> eu dar cházinho.”	(FIG01-C)
“Toma para <i>te</i> casares mais depressa!”	(FIG27-C)

3.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro)

3.15.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“diz que já pôs lá para umas sacas **para** elevá-*lo* todo; não basta ser pouco!” (ALV02-C)

“Põem sal **para** apanhá-*las*!” (ALV20-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.15.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Às vezes, a gente abala **para** se perder um bocado ...” (ALV24-C)

“e, **para** se saber que não era lontro, ardeu uma chama de fogo - encarnado!” (ALV51-C)

Infinitivo flexionado:

“**Para** a ova sair e se criar.” (ALV09-C)

“Se quando ele fosse embora, **para** eu *lhe* escrever que *lhe* dá ...” (ALV37-C)

“Tem que vir outras gerações e outras coisas **para** a gente *se* admirar.” (ALV47-C)

3.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja)

3.16.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.16.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Aquilo é só um risquinho que é para saber **para** se mandar a semente à terra.” (SRP09-C)

“a gente começava a jogar a palha ao ar deste lado, que é **para** *a* ir levando sempre para diante” (SRP16-C)

“Se for **para** *se* *lhe* fazer um seleccionamento de fava, tem um crivo de um tamanho;” (SRP17-C)

“outras vezes emborcavam-se **para** *se* limpar.” (SRP17-C)

“também não vai a perdoar-lhe três ou quatro pães **para** *lhe* levar um por o mesmo.” (SRP28-C)

“E depois de estar coalhado, é que é tirado **para** se fazer os queijos.” (SRP32-C)

“Pode ser **para** se dar a porcos.” (SRP33-C)

Infinitivo flexionado:

“A dar aquele ferro à gente, **para** se zangar.” (SRP08-C)

“**Para** se protegerem os dedos, é uns canudos.” (SRP14-C)

“O coalho é **para** o leite se pôr grosso.” (SRP32-C)

“que é **para** ele *a* comer.” (SRP34-C)

“pois não faltava nada **para** *me* bater.” (SRP01-C)

3.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora)

3.17.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“era para ser um 'barbeto' **para** semear-se trigo no outro ano - nesse ano a seguir.” (LVR10-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.17.2. Próclise

Infinitivo simples:

“e depois **para** se semear trigo depois logo ali em Setembro.” (LVR10-C)

“Arrugava a terra só **para** *a* fazer a velhota esgravatar.” (LVR24-C)

“Depois era o esborralhador, que era um pau comprido, **para** se espalhar a lenha por todos os cantos do forno.” (LVR35-C)

Infinitivo flexionado:

“apanho uma porção de feijão, (...) **para** *mos* comerem.” (LVR24-C)

“iam levar as gatas lá para a minha casa, **para** o gato *as* cobrir” (LVR30-C)

“Até levávamos logo o sal, o prato do sal lá, **para** se lembrarmos” (LVR35-C)

3.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal)

3.18.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“Aqui, antigamente, quando era **para** fazer-se nas eiras - (...) -, sabe o que é que se fazia?” (ALC07-C)

“Anda aí as que vendem a farinha **para** dar-se aos porcos ...” (ALC30-C)

Infinitivo flexionado:

“Uma pia **para** darem-lhe água.” (ALC30-C)

3.18.2. Próclise

Infinitivo simples:

“e **para** se alimpar, gradava-se aquilo tudo com uma grade atrás dum animal.” (ALC01-C)

“Batiam, que era para o trigo, algum que caísse, **para** se poder varrer.” (ALC07-C)

“e depois tem uma correia **para** se apertar.” (ALC13-C)

“Se é vacas **para** se tirar leite, (...), vão presas à manjedeira.” (ALC24-C)

“Presas à manjedeira que é **para** se tirar o leite.” (ALC24-C)

“é o gado que é **para** se tirar o leite.” (ALC24-C)

“Com arame faz-se uma casinhola lá dentro **para** se pôr os poleiros” (ALC31-C)

“E canta só de noite - de noite, **para** se acasalar.” (ALC42-C)

Infinitivo flexionado:

Mas agora antigamente, **para** a gente se aquecer, era lenha.” (ALC19-C)

3.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro)

3.19.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.19.2. Próclise

Infinitivo simples:

“e tive que lhe pedir dinheiro **para** as acomodar,” (COV10-C)

“diz assim: "O senhor não tinha aí nada para se comer"?”	(COV24-C)
“Que eu precisava de um criadito para <i>me</i> guardar o gado;”	(COV30-C)
“Mato agora dois para <i>as</i> haver.”	(COV07-C)
“não tenho roupas para vos deitar.”	(COV24-C)
“Mas eu não tenho roupas para vos deitar.”	(COV24-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta)

3.20.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.20.2. Próclise

Infinitivo simples:

“a gente temos que atacar por o lugar próprio para <i>a</i> matar”	(PIC09-C)
“Não tenho uma inteligência para <i>lhe</i> explicar mais.”	(PIC09-C)
“pedia a qualquer pessoa que passava pelo caminho para <i>me</i> ajudar.”	(PIC27-C)
“Mas penei muito para <i>a</i> criar.”	(PIC27-C)
“Sempre aberta para <i>se</i> trincar muito bem!”	(PIC05-C)
“toca a caminhar para <i>se</i> casar, aparelhar-se para se casar”	(PIC04-C)
“toca a caminhar para se casar, aparelhar-se para <i>se</i> casar”	(PIC04-C)
“As manhãs não dá para fazer o serviço para <i>se</i> poder caminhar;”	(PIC08-C)
“Era penar para <i>se</i> abrir, para a gente poder dormir na caminha mole.”	(PIC22-C)

Infinitivo flexionado:

“Mas ia sempre com (...) outras preparadinhas para a minha mãe <i>lhe</i> dar”	(PIC27-C)
---	-----------

3.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra)

3.21.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.21.2. Próclise

Infinitivo simples:

“e metia-se-lhe uma coisa **para** *a* segurar.” (PVC10-C)

“**Para** *se* curtir.” (PVC20-C)

“Botavam-lhe água **para** *as* apagar.” (PVC22-C)

“e dávamos-lhe um tanto cada uma, **para** *nos* lá deixar dormir em casa.” (PVC24-C)

“Não havia carros **para** *os* trazer!” (PVC27-C)

Infinitivo flexionado:

“e foi lá, pronto, **para** *a* minha filha *lhe* fazer letras numas toalhas de linho, também.” (PVC07-C)

“era **para** *se* aquecerem em sítios - não é? - que não havia ...” (PVC22-C)

“não havia tantas coisas **para** *se* aquecerem ...” (PVC22-C)

“aquilo é **para** *se* aquecerem.” (PVC22-C)

“levavam ou acartavam o carvão **para** *se* aquecerem com ele.” (PVC22-C)

“também nos encomendavam coisas **para** *a* gente *lhe* trazer,” (PVC24-C)

“traziam 'xaís' para mor de cá coser os ... em casa, **para** *elas* os arranjamem em casa.” (PVC24-C)

“Aquilo ainda dão muita despesa **para** *se* criarem e tudo,” (PVC26-C)

3.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa)

3.22.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“Tinham de combinar era os dias das cozeduras e as horas, **para** *ele* desencontrarem-se umas das outras.” (EXB27-C)

“abria o porco, que era **para** o porco conservar-se ali aberto.” (EXB28-C)

3.22.2. Próclise

Infinitivo simples:

“De resto não tinha nada no pé **para** *a* alimentar - e mais nada.” (EXB02-C)

“e fui servir, pastar cinco ou seis vacas para dentro duns matos e apanhar erva **para** *lhe* dar.” (EXB14-C)

Infinitivo flexionado:

“Pois. para ver se o caneco vinha cheio ou não, **para** eu *o* ganhar como os homens;” (EXB08-C)

“foi um castigo **para** eu *me* vir à ideia, pronto.” (EXB47-C)

3.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo)

3.23.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“é **para** quando fizer sol, deitá-*lo* ao sol, e tirar aquela...” (TRC48-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.23.2. Próclise

Infinitivo simples:

“eu tenho tantos **para** *te* nomear.” (TRC34-C)

“Ainda hoje, **para** *lhe* dizer a verdade, ainda hoje na nossa freguesia há pessoas” (TRC37-C)

“Estou engordando **para** *o* matar.” (TRC55-C)

“esteve a ferver **para** *se* cozer” (TRC57-C)

“Porque levava um dia ou dois **para** *se* secar” (TRC57-C)

“Também é **para** *se* ir botar votos” (TRC61-C)

“depois então se resolveres a virar **para** *te* cá vir...” (TRC43-C)

“Os americanos são uns doidos para levar isto, **para** *lhe* deitar não sei quê e não sei que mais.” (TRC26-C)

“pobres dos pais, esperando **para** *os* ver e não os vêem.” (TRC43-C)

“Estiveram então à minha espera ainda **para** *me* trazer para cima no carro.” (TRC55-C)

Infinitivo flexionado:

“**para** a gente *lhe* poisar nas 'condições' de se poder semear milho.” (TRC69-C)

“uma porta e janelas **para** eles *se* fecharem lá dentro” (TRC53-C)

“A gente **para** *se* entender uns com os outros” (TRC67-C)

3.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria)

3.24.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“E vem aqui, às vezes, ter com a gente, **para** a gente deixá-*la*...” (MTM15-C)

3.24.2. Próclise

Infinitivo simples:

“E **para** *a* levar à prisão é que era o problema.” (MTM10-C)

“Mas em se molhando, um homem via-se à rasca **para** *as* conduzir a casa” (MTM12-C)

“Era só o boçal **para** os desmamar.” (MTM13-C)

“E pede à gente **para** *a* deixar andar.” (MTM15-C)

“Só a gente aqui, eu trago para aqui o materialzito para ela, **para** *a* entreter” (MTM15-C)

“Tínhamos um trabalho **para** *lhe* arrancar isso.” (MTM16-C)

“A gente tem assim uma certa dificuldade, às vezes, **para** *a* perceber em certas palavras” (MTM19-C)

“Só se fosse a minha mulher **para** *se* entreter, até para fazer coisices cá para a família” (MTM20-C)

“Isto até, por acaso, esse elemento, vai levar uma cunha **para** *a* apertar.” (MTM26-C)

Infinitivo flexionado:

“Servia para fazer a comida e **para** a gente *se* aquecer, ao mesmo tempo.” (MTM05-C)

“e era daí que fazíamos a lenha **para** *se* servirmos dela.” (MTM06-C)

“Mas às vezes **para** um homem *a* prender! ...” (MTM09-C)

“Eu já lhe disse a eles **para** eles *lho* darem.”

(MTM15-C)

3.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança)

3.25.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.25.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Esses borregos capados só davam para a carne, pronto, pois. **Para** se comer.”

(LAR09-C)

“Chamavam-lhe uma roca **para** a fiar, para a enrodilhar, pôr num rolo.”

(LAR11-C)

“Chamavam-lhe uma roca para a fiar, **para** a enrodilhar, pôr num rolo.”

(LAR11-C)

“se houver um tanque, um depósito **para** a pôr lá,”

(LAR25-C)

“Ajunta-se todo numa rima **para** se juntar.”

(LAR26-C)

Infinitivo flexionado:

“então um pito, não é, para nós, **para** se pôr bom, leva quase um ano para se pôr bom.”

(LAR15-C)

“então um pito, não é, para nós, para se pôr bom, leva quase um ano **para** se pôr bom.”

(LAR15-C)

“Porque não há água **para** este animal se esconder.”

(LAR32-C)

3.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja)

3.26.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.26.2. Próclise

Infinitivo simples:

“depois daí é que se fazia a estopa e o linho **para** se fiar.”

(LUZ19-C)

“**Para** se fiar. (...) Para fiarem.”

(LUZ19-C)

“Sim, que é para elas comerem, **para** se elas ministrarem.”

(LUZ31-C)

“Dava **para** se divertir, a cantar os seus fados, os seus fadinhos!”

(LUZ12-C)

“vai-se assim, pisando assim que é **para** se gramar,”

(LUZ21-C)

Infinitivo flexionado:

“tinham uma aiveca **para** se voltar.” (LUZ01-C)

“lava aquilo tudo, **para** aquilo se ir desinfetando” (LUZ40-C)

3.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga)

3.27.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“É **para** estender-se” (FIS06-C)

“Depois, **para** tirá-la da urdideira, ora bom, depois a gente cortava os fios,” (FIS22-C)

“e depois então uma segurava na urdideira, **para** deixá-la vir pouco a pouco,” (FIS22-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.27.2. Próclise

Infinitivo simples:

“é um bocadinho difícil **para** a pejar e tal.” (FIS01-C)

“Aquilo elas estão aqui, até **para** se ver aqui mesmo em cima.” (FIS09-C)

“ia **para** se tecer.” (FIS13-C)

“A baganha era donde depois saía a semente **para** se tornar a semear” (FIS14-C)

“Uma canela **para** depois se meter na teia.” (FIS21-C)

“**para** depois se tecer.” (FIS21-C)

Infinitivo flexionado:

“**Para** o boi a cobrir.” (FIS11-C)

3.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto)

3.28.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.28.2. Próclise

Infinitivo simples:

“esse sangue era para cozer, **para** se fazer a comida - ou o verde, como a gente lhe chamava.” (GIA13-C)

“que é **para** se distinguir que, na realidade, que se trata dum marco.” (GIA28-C)

“era de furar os canhotos para dar cómodo **para** os rachar.” (GIA32-C)

“aquelas estrigas -, que se compra **para** se deitar nas torneiras” (GIA09-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém)

3.29.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.29.2. Próclise

Infinitivo simples:

“deixa que o meu médico tentava logo **para** *ma* dar, porque eu não posso fazer mais nada” (STJ02-C)

“e ele já não teve resposta **para** *te* dar.” (STJ11-C)

“a gente ia aqui **para** *lhe* colar a asa e isto vergava tudo” (STJ40-C)

“esses lavradores grandes tinham um carpinteiro **para** *lhe* fazer os carros, para *lhe* fazer as cangas.” (STJ57-C)

“esses lavradores grandes tinham um carpinteiro para *lhe* fazer os carros, **para** *lhe* fazer as cangas.” (STJ57-C)

“Ia um boi manso **para** o segurar e...” (STJ61-C)

“Põe-se uma tábua em cima **para** se pôr o panal em cima” (STJ43-C)

“Era belgas com cinco passos **para** se semear.” (STJ64-C)

Infinitivo flexionado:

“Mas tinha que se deixar a panela (...) **para** depois *lhe* sermos capaz de colocar a asa.” (STJ40-C)

“Olhe, venho aqui **para** o senhor *me* mostrar...” (STJ06-C)

“ensinou-me uma mezinha **para** *lhe* eu fazer.” (STJ52-C)

“São os últimos a abalar são elas, **para** os filhos **se** esconderem.”

(STJ32-C)

3.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco)

3.30.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.30.2. Próclise

Infinitivo simples:

“**Para** *se* acartar o leite era tudo às costas”

(UNS06-C)

“Depois lá passava gente **para** *me* ajudar”

(UNS06-C)

“E ele disse **para** *me* calar, que faça mesmo para me calar,”

(UNS09-C)

“E ele disse para me calar, que faça mesmo **para** *me* calar,”

(UNS09-C)

“Ao fim-de-semana, havia então outra máquina **para** *se* fazer a manteiga.”

(UNS11-C)

“E ele veio lá a casa **para** *me* perguntar pelo jornal do Dinis.”

(UNS12-C)

“para os calar, não sei, dava-lhos, **para** *se* entreterem ...”

(UNS12-C)

“a gente até tinha uma forquilha **para** *a* levar aos cantos do colchão.”

(UNS28-C)

“Olha, ó Deodoro, vai lá levar um bocadinho de empalho **para** *se* empalhar o milho!”

(UNS31-C)

“O enxadão é **para** *se* fazer o carvão.”

(UNS36-C)

“Eu até fujo dele, que em estando ao pé de mim, o gajo não lhe dá **para** *se* ir embora”.

(UNS36-C)

“gosta muito de estar com o avô **para** *lhe* explicar as coisas antigas.”

(UNS37-C)

“E o meu filho **para** *o* amandar cá para baixo, para ir para a loja, deu-lhe uma trancada com o toro da couve.”

(UNS43-C)

“**Para** *a* fazer, tinha um arame destes arames da luz,”

(UNS45-C)

“Os homens viam-se à rasca **para** *lhe* dar aguento.”

(UNS06-C)

“Porque a gente, claro, não dava **para** *lhe* comprar brinquedos - que não era como agora, que agora têm tudo”

(UNS12-C)

Infinitivo flexionado:

“E era **para** *o* esfolarem.”

(UNS07-C)

“passáramos muitos tormentos **para** *os* criarmos.”

(UNS09-C)

“pensa que em minha casa que havia lá um banco para se assentarem?!”	(UNS09-C)
“Olhe, a gente para <i>lhe</i> encher a barriga, olhe, não se chega a nada!”	(UNS09-C)
“ para os calar, não sei, dava-lhos, para se entreterem ...”	(UNS12-C)
“A gente o que os queria era entretidos para se fazer a vida.”	(UNS12-C)
“e depois quando passei para baixo trouxe-a, que era para <i>a</i> verem aqui no povo.”	(UNS45-C)

3.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra)

3.31.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“ Para a gente ordenhá- <i>las</i> , para as levar para a ...”	(VPC20-C)
---	-----------

3.31.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Ah, vai-se arrazoar o gado para se ir trabalhar”	(VPC02-C)
“é que se despegava para se vir para casa.”	(VPC03-C)
“Botávamos assim umas três ou quatro faixas, assim para se segurar,”	(VPC15-C)
“Para a gente ordenhá- <i>las</i> , para as levar para a ...”	(VPC20-C)
“ Para <i>lhe</i> estar a dizer que é isto, é aquilo ...”	(VPC29-C)
“Que <i>lhe</i> botam uns coisinhos para <i>lhe</i> dar o gosto.”	(VPC31-C)
“Vai logo a enxada logo para os matar e enterrá-los.”	(VPC39-C)
“Metíamos- <i>lhe</i> o gado para o malhar.”	(VPC13-C)
“metíamos- <i>lhe</i> o gado para o malhar,”	(VPC14-C)
“depois tinham umas agulhas já próprias para o desfiar.”	(VPC18-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu)

3.32.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

[INQ: “**Para** as porem para depois...”] “Secarem-*nas*, não é?” (GRJ16-C)

3.32.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Olha, a corda foi para o prenderem no inferno e a podoa foi **para** *lhe* cortar o pescoço.” (GRJ31-C)

“já *lhe* disse a ele (...) **para** *me* mercar a outra metade.” (GRJ01-C)

“combinou com a mãe da moça **para** *lhe* dar a filha.” (GRJ06-C)

“ele tinha combinado com a mãe (...) **para** *lhe* dar a filha.” (GRJ06-C)

“E depois era **para** *a* mandar compor.” (GRJ09-C)

“passei tantos trabalhinhos **para** *o* criar, tantos, tantos!” (GRJ20-C)

“Nosso Senhor andava a pedir. **Para** *nos* dar exemplo.” (GRJ27-C)

“o rico disse-*lhe* que não tinha nada **para** *lhe* dar.” (GRJ29-C)

“Que eu, não sou **para** *me* gabar mas sei assim muito de cozinhados.” (GRJ33-C)

“eu ia ter com ele, ao encontro dele **para** *o* ajudar.” (GRJ36-C)

“vou ao encontro do meu marido **para** *o* ajudar.” (GRJ36-C)

“Se quer **para** *os* criar, vai-se com um cesto ao pé de nós.” (GRJ60-C)

“Já estava **para** *se* vir embora.” (GRJ20-C)

“não havia trabalhos **para** *se* trabalhar.” (GRJ20-C)

“E o que é **para** *se* mexer, para se fazer o fumeiro” (GRJ62-C)

“E o que é para se mexer, **para** *se* fazer o fumeiro” (GRJ62-C)

“**Para** *se* conservar, para o fumeiro?” (GRJ63-C)

“Fiquei maluca! Algum dia **para** *se* ganhar cento e trinta mil réis!” (GRJ68-C)

“Cortavam-lhe a perna, não estavam já **para** *lha* cortar!” (GRJ36-C)

Infinitivo flexionado:

“Por causa da pele. Da pele e (...) **para** *as* porem assim, quer-se dizer...” (GRJ16-C)

“Já estava assado e pronto **para** o comerem.” (GRJ29-C)

“Olha, a corda foi **para** o prenderem no inferno e a podoa foi para *lhe* cortar o pescoço.” (GRJ31-C)

“Elas naquele tempo não usavam calças que era **para** *lhe* verem as ratas.” (GRJ40-C)

“Ó velhota, quando é que lá vais **para** *me* fazeres o caldinho verde?” (GRJ47-C)

“eu (...) tirava-os para fora **para** os partirmos” (GRJ48-C)

“É para levar eu por cima de mim quando morrer. **Para** *ma* botarem de cima.” (GRJ53-C)

“Eles era **para** os ouvirem, para saberem onde vocês estavam.” (GRJ67-C)

“Tudo ia ter comigo **para** *a* Ercília *lhe* ir governar o milho.” (GRJ58-C)

“Agora já falei com ele, **para** ele *me* mercar a outra metade dele.” (GRJ01-C)

“**Para** *lhe* chegar a massa e os blocos e tal.” (GRJ01-C)

“A mãe combinou com ele (...) **para** a filha *lhe* ir ensinar o caminho.” (GRJ06-C)

“deixou ele de tomar conta dela **para** *lhe* tomar ele conta das bicas.” (GRJ24-C)

“Então não havia pano **para** se fazerem e muita costureira?” (GRJ40-C)

“Que é **para** se formar uma casa.” (GRJ03-C)

3.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta)

3.33.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“era **para** o dia da sementeira safar-*me* tudo o que podia.” (CRV64-C)

Infinitivo flexionado:

“iam-se outra vez buscar que era para se marcarem, **para** agora no Inverno irem-se buscar com os cordeirinhos” (CRV54-C)

3.33.2. Próclise

Infinitivo simples:

- “Eu **para** as entalar, sabe como é que eu faço?” (CRV06-C)
- “a gente levamos muita pressa e vocês não têm pratos **para** vos deitar a comida” (CRV30-C)
- “eu estive no domingo **para** a 'dir' buscar!” (CRV52-C)
- “já comprou um maçarico **para** os chauscar.” (CRV72-C)
- “Estávamos de manhã até à noite metidos nessas furnas, a chover, **para** se trazer o leite das vacas à noite.” (CRV32-C)
- “A terra é pequena, mas lugares aí levar o dia **para** se ir buscar dez carradinhas de terra!” (CRV59-C)
- “Levar o dia **para** se ir buscar dez carradinhas daqueles carrinhos,” (CRV59-C)

Infinitivo flexionado:

- “apanhar ele copas de inhames **para** elas lhe deitarem as couves nas copas” (CRV30-C)
- “Logo que tem abrigo **para** nós nos abrigarmos é uma fuma.” (CRV32-C)
- “iam tirando o trigo para fora **para** o irem aventejando ao vento” (CRV68-C)
- “era a cavar agora numa barroca como eu já disse, **para** os animais se abrigarem lá.” (CRV32-C)
- “Faziam-se agora furnas nessas barrocas **para** eles se abrigarem lá.” (CRV32-C)
- “não há serragem aqui **para** eles se usarem.” (CRV39-C)
- “E também se faziam furnas em certos sítios **para** a gente se abrigar” (CRV32-C)
- “Dia da lã era combinado de véspera ou antevéspera **para** o povo se reunir.” (CRV54-C)
- “vai-se-lhe chegando uma coisinha de terra **para** se ele sustar ali ele de pé” (CRV55-C)
- “iam-se outra vez buscar que era **para** se marcarem, para agora no Inverno irem-se buscar com os cordeirinhos” (CRV54-C)

3.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo)

3.34.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.34.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Assim **para** *lhe* dizer, não sei, não senhora.” (GRC07-C)

“**Para** *lhe* dizer a verdade, eu já não fumo perfeitamente há quatro meses, ou mais.” (GRC34-C)

Infinitivo flexionado:

“eu **para** *me* pôr com esta família na América - (...) -, eu nunca mais me ponho na América com nada menos duns cento e cinquenta contos.” (GRC32-C)

3.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal)

3.35.1. Ênclise

Infinitivo simples:

INEXISTENTE

Infinitivo flexionado:

“ele então lá foi pedir **para** o patrão vender-*me* aquilo por um conto de réis. “ (MLD13-C)

3.35.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Nem ele dizia nada ao patrão, **para** *a* vender.” (MLD22-C)

“Pegava em mim ia para a roda **para** *me* entreter.” (MLD20-C)

“convenceram-me **para** *me* ir para outro sítio, para o Sobreirinho.” (MLD49-C)

“pois, a ver maneiras **para** *se* defender, não os ter!” (MLD49-C)

“**Para** *se* cortar essas folhas e dar aos bois.” (MLD04-C)

“E o recheio era **para** *se* lavar com o gado.” (MLD13-C)

“**Para** *se* enregar, para se lavar com o gado, calhava era à meia chapada.” (MLD13-C)

“Para se enregar, **para** *se* lavar com o gado, calhava era à meia chapada.” (MLD13-C)

“gente vê que não serve para a lota ou **para** *se* vender ou para se comer ainda” (MLD34-C)

“gente vê que não serve para a lota ou para se vender ou **para** *se* comer ainda” (MLD34-C)

“deitamos à água para ele crescer, **para** *se* criar.” (MLD34-C)

“primeiro assim a área dos malhais por baixo, **para** se atravessar” (MLD47-C)

“á uma vez uns tinham lá ido **para** *lha* comprar,” (MLD22-C)

Infinitivo flexionado:

“eles que é que convenceram mais os pais **para** eles *lhe* darem aquilo quase tudo.” (MLD46-C)

“E então, com o ordenado que tenho dá **para** eu, mais ou menos, *me* manter mais a minha família.” (MLD08-C)

“E então fazem-lhe esse trato **para** os miúdos *lhe* passar isso.” (MLD16-C)

“ele é que fez **para** ele *me* vender isto” (MLD22-C)

“vieram falar à gente além para as Cortinas, **para** a gente os ir servir” (MLD48-C)

“E convenceu-me **para** *me* eu *me* vir embora também e fui também.” (MLD48-C)

“ela pediu-me **para** mim *me* assentar por pai dela e eu assentei-me por pai dela.” (MLD49-C)

“Sim, **para** a criatura *se* governar.” (MLD50-C)

3.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real)

3.36.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.36.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Toca a desmanchar os porcos, a abri-los **para** os salgar, cortar-lhe as patas e abri-los.” (STA05-C)

“mas é **para** *lhe* tirar a cera e o mel.” (STA07-C)

“**Para** *lhe* dizer, olhe, pois tanto faz.” (STA09-C)

“e lá vai isso **para** vos ajudar a trabalhar” (STA09-C)

“Mas assim criei os homens **para** *se* fazer serviço no nosso concelho,” (STA09-C)

“E lá, depois, foi limpar - **para** *lhe* pedir licença -,” (STA12-C)

“Se *lhe* às vezes faço um bocadinho com cera verde **para** elas *lhe* começar a cheirar.” (STA07-C)

Infinitivo flexionado:

“Deitar aquele adubo fora, e elas muito direitinhas(...) **para** *as* lavarem” (STA04-C)

3.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém)

3.37.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“E veio uma senhora da Suíça **para** cá tratar-se da garganta com ele.” (MTV14-C)

Infinitivo flexionado:

“E pedia uma autorização que o senhor me desse **para** eu pôr-me aqui em qualquer lado” (MTV59-C)

3.37.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Você diga-lhe (...) que venha (...), **para** *lhe* dar um bocado de oliveiras para ele arranjar à vontade dele.” (MTV08-C)

“Quando eu chegava lá, **para** *me* meter na bicha, chegava a pontos que já não havia carne para bife, para nada.” (MTV37-C)

“Quer dizer, tem que se deixar os arreentos próprios que sejam **para** *se* procurar uma pernada amanhã ou outro dia.” (MTV06-C)

“Ali por restos de Abril, ou qualquer coisa, preparam-se as terras **para** *se* pôr a plantação do tomate, que é agora.” (MTV10-C)

“Porque é posto agora, pois: do tomate, do pimentão, **para** *se* conduzir depois para as fábricas, tudo.” (MTV10-C)

“E eu tinha que estar a ficar com ela dentro dum cesto, lá na quinta, lá na adega, **para** *a* calar, (MTV14-C)

“Fui buscar tanto caldeiro de passa **para** *lhe* deitar” (MTV41-C)

“tínhamos que animá-lo **para** *ele se* consertar, e tudo.” (MTV54-C)

“Olhe, então diga lá então **para** *o* vender, que eu tenho lá um pouco daquele lado” (MTV18-C)

“é bom as meninas também perguntarem e saberem estas coisas, **para** *se* saber” (MTV23-C)

“vai o tractor outra vez, com as mesmas charruas que abriu **para** *se* pôr o coiso” (MTV10-C)

“é **para** *depois se* dar aos animais para comer, para dar.” (MTV11-C)

“É melhor ir buscar umas cestas de uvas e **para** *se* ir ver, pesar o vinho” (MTV21-C)

“O que é fica mais ralo **para** *se* depois se sachar assim.” (MTV35-C)

“**Para** *se* meter depois a enxada por aqui, por ali, e tal, para cortar alguma erva para se sachar.” (MTV35-C)

“Para se meter depois a enxada por aqui, por ali, e tal, para cortar alguma erva **para se** sachar”. (MTV35-C)

“tem que se puxar (...), que é **para se** fazer a cama outra vez à noite” (MTV42-C)

“Que é para depois aquilo arder e ganhar fermentação **para** depois *se* acarretar para as terras.” (MTV42-C)

“a gente tem que lhe pôr um pau ao pé **para se** ele segurar.” (MTV45-C)

“Tem articulações **para se** mover lá dentro.” (MTV63-C)

Infinitivo flexionado:

“és cortada, para renovares, **para te** fazeres boa, para depois dar produto outra vez” (MTV06-C)

“A fazer meloais, a deitar adubos, qualidades, **para me** queimarem, para me estragarem tudo, parte das vezes.” (MTV19-C)

“A fazer meloais, a deitar adubos, qualidades, para me queimarem, **para me** estragarem tudo, parte das vezes.” (MTV19-C)

“E depois o senhor via se estou a falar bem ou se estou a falar mal, que é **para me** eu orientar, senão não me sei orientar. Para me eu orientar.” (MTV06-C)

“E depois o senhor via se estou a falar bem ou se estou a falar mal, que é para me eu orientar, senão não me sei orientar. **Para me** eu orientar.” (MTV06-C)

“Se me tiveres aí serviço **para me** dares a dois homens,” (MTV22-C)

“vamos combinar aí o preço **para tu me** fazeres a festa agora para dia de Natal.” (MTV44-C)

“é bom puxar certas conversas que é **para me** eu lembrar.” (MTV16-C)

“Quando são novos, **para se** ensinarem, é que a gente põe uma corda lançada ao chavelho fora.” (MTV36-C)

“Molhava aquilo (...) para meter na boca **para se** ela calar.” (MTV13-C)

3.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo)

3.38.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.38.2. Próclise

Infinitivo simples:

“aquela pessoa estava assim com os pauzinhos já à espera **para a** apanhar o arco.” (CLH12-C)

“ele não cabia para ir para a outra banda, **para** se matar.” (CLH22-C)

“é donde eles as rodeavam quando era **para** *lhe* cortar a lâ” (CLH31-C)

Infinitivo flexionado:

“bem direitinhos por baixo **para** se aguentarem em pé.” (CLH10-C)

“e então esmigalhou-se a pia (...) **para** eu *a* ir botar a comer” (CLH22-C)

“é preciso eu fincar-lhe lenha, **para** elas se atreparem, eu trago lenha,” (CLH25-C)

“e finco-a lá **para** as ervilhas se irem atrependo.” (CLH25-C)

“e ficavam ali tapadas, e numa área pequena **para** *lhe* poderem pegar” (CLH31-C)

3.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora)

3.39.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.39.2. Próclise

Infinitivo simples:

“ainda não teve pé, dessa vez, **para** *lhe* bater” (CPT17-C)

“ele já com aquelas coisas na cabeça **para** *lhe* bater, para arranjar um pé, para *lhe* bater, na mulher” (CPT17-C)

“ele já com aquelas coisas na cabeça para *lhe* bater, para arranjar um pé, **para** *lhe* bater, na mulher” (CPT17-C)

“chegavam a pontos que já não tinham resposta **para** *me* voltar.” (CPT27-C)

Infinitivo flexionado:

“até têm vindo aqui à minha casa, já (...) **para** eu *lhe* explicar certas coisas.” (CPT19-C)

“veio aqui à de mim **para** *o* eu encaminhar.” (CPT19-C)

“veio aqui (...) falar comigo (...) **para** *eu* o encaminhar.” (CPT19-C)

“Já aqui veio **para** *lhe* eu (...) dizer coisas” (CPT19-C)

“**Para** se tirarem as ervas?” (CPT52-C)

3.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja)

3.40.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.40.2. Próclise

Infinitivo simples:

“é preciso muito bem musgado e muito bem arranjado **para** se comer.” (AJT25-C)

Infinitivo flexionado:

“É **para** os comerem! Matam-nos para os comerem!” (AJT15-C)

“É para os comerem! Matam-nos **para** os comerem!” (AJT15-C)

“deixou aí o carro **para** o meu filho *lhe* arranjar.” (AJT19-C)

3.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada)

3.41.1. Ênclise

INEXISTENTE

3.41.2. Próclise

Infinitivo simples:

“Botava-se aquilo num remendo **para** se então untar toda” (STE01-C)

“vinha para casa fazer serviço de carpinteiro **para** se poder comer” (STE05-C)

“Esperava-se a gente para as galinhas porem o ovo **para** se ir comprar o sabão à loja, para se poder ...” (STE06-C)

“Esperava-se a gente para as galinhas porem o ovo para se ir comprar o sabão à loja, **para** se poder ...” (STE06-C)

“Esperava-se para a galinha pôr, **para** se ir à loja com o ovo para comprar o sabão.” (STE06-C)

“E aquelas linhas era **para** se arremendar e para durar mais,” (STE06-C)

“E ela foi buscar a camisa **para** *lha* vestir” (STE14-C)

“**Para** se botar no ferro, para se passar a roupa a ferro.” (STE22-C)

“Para se botar no ferro, **para** se passar a roupa a ferro.” (STE22-C)

“Tomara a gente acartar água **para** se lavar e para beber e comer!” (STE28-C)

“porque é para urdir os fios **para** se enrolar aqui no tear.” (STE29-C)

“para podermos trabalhar a malha da lã de ovelha, **para** se conseguir ...” (STE30-C)

Infinitivo flexionado:

“ainda mandava-me para o forno, **para** ela *me* matar a mim!” (STE14-C)

3.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta)

3.42.1. Ênclise

Infinitivo simples:

“em Setembro é o melhor tempo **para** semeá-lo.” (CDR01-C)

“cultivavam linho já nem sequer **para** trabalhá-lo, só para terem a linhaça.” (CDR07-C)

“E eles cultivavam o linho não já **para** trabalhá-lo em obras, mas para terem para remédios.” (CDR07-C)

“Quando era **para** tirá-las da caldeira, eles iam ...” (CDR36-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

3.42.2. Próclise

Infinitivo simples:

“agora já chega **para** se quebrar as espigas.” (CDR01-C)

“Fazia-se um tapete de metro, um tapete de cinco quartas, **para** se ganhar quatro escudos!” (CDR08-C)

“e escolhia-se a palha do trigo **para** se fazer os chapéus.” (CDR08-C)

“também se pintavam as tranças - as palhas - **para** se pintar os chapéus.” (CDR08-C)

“lá se levava as latinhas **para** se trazer os peixes do fundo da caldeira” (CDR09-C)

“naquele tempo era maravilhoso **para** se comer com o inhame” (CDR13-C)

“Deixavam-se **para** se lavar as tripas, para se esfregar as tripas.” (CDR18-C)

“Deixavam-se para se lavar as tripas, **para** se esfregar as tripas.” (CDR18-C)

“Mas fazia-se as sandálias, por exemplo, **para** se ir à missa, para se ir ao dia de São João.” (CDR25-C)

“Mas fazia-se as sandálias, por exemplo, para se ir à missa, **para** se ir ao dia de São João.” (CDR25-C)

“começaram a fazer umas sandálias mais toscas (...) para se andar pela terra”	(CDR25-C)
“Quando era para se moer trigo para uma função”	(CDR26-C)
“sacos de linho que se enchia o trigo para se ir moer ao moinho”	(CDR26-C)
“Chamava-se tanoeiros as pessoas que faziam os vasilhames para se amassar”	(CDR28-C)
“Faz-se o fermento de milho (...) para se amassar a massa à tarde”	(CDR29-C)
“Depois para se amassar a massa de trigo (...) põe-se: três dúzias de ovos”	(CDR29-C)
“aquilo fica ali a curtir para depois (...) se estrumar as terras”	(CDR39-C)
“a fazer os molhos para depois se levar para a eira.”	(CDR54-C)
“Vai-se 'escapuchar' umas maunças para se fazer os chapéus”	(CDR56-C)
“os serões do mês de Outubro para se fazer a merenda”	(CDR59-C)
“Fazia-se café ou chá, para se dar no último dia”	(CDR59-C)
“é que se faziam as bolachas para se ir ouvir cantar os ranchos”	(CDR59-C)
“se não havia milho debulhado para se poder deitar no outro dia no forno, acabava-se o serão”	(CDR60-C)
“uma pessoa solteira queria sempre comer a ponta do pão para se casar.”	(CDR33-C)

Infinitivo flexionado:

INEXISTENTE

ANEXO II: Subida do Clítico por Preposição e Localidade

1. Preposição *a*

1.1. Localidade 1: VPA (Vila Praia de Âncora – Viana do Castelo)

“Está- <i>me a</i> perceber?”	(VPA22-C)
“Está- <i>me a</i> perceber?”	(VPA23-C)
“Palavra, que estou- <i>lhe a</i> dizer, hem!”	(VPA38-C)
“Está- <i>me a</i> perceber?”	(VPA57-C)

1.2. Localidade 2: CTL (Castro Laboreiro – Viana do Castelo)

“não <i>o</i> chegou a tapar.”	(CTL08-C)
“A madrinha começou-se a sentir mal.”	(CTL08-C)
“E foi quando <i>lhe</i> disse: "Pronto, aí está o cão <i>a</i> dar sinal que algo <i>lhe</i> está a acontecer ao dono”	(CTL08-C)
“Mas olha estás- <i>lhe a</i> chamar sapato”	(CTL20-C)
“Depois, ali, começava-se a fazer ali assim uma ...”	(CTL23-C)
“E depois, ao fim, começava-se a mexer assim com um gravatinho”	(CTL23-C)
“começava-se a apartar assim aquela ...”	(CTL24-C)
“Estou- <i>lhe a</i> dizer ...”	(CTL31-C)
“Estou- <i>lhe a</i> dizer que a senhora se vê hoje uma sua filha, ou uma minha, estimada, quando tiver o bebé ...”	(CTL31-C)
“Chegou- <i>lhe a</i> correr bem depois.”	(CTL32-C)
“O senhor anda-se a armar em enfermeiro,”	(CTL43-C)
“anda-se a armar em doutor,”	(CTL43-C)
“Estava- <i>lhe a</i> vender o peixe,”	(CTL43-C)

1.3. Localidade 3: PFT (Perafita – Vila Real)

- “E depois, começou-se assim **a** constar” (PFT25-C)
- “começa-se **a** trabalhar,” (PFT38-C)
- “depois quando ele começa de abrir assim uns gricheirinhos, assim, e *se* está **a** abrir, a gente trata de tender.” (PFT08-C)
- “Ele começa, quando *se* está **a** fazer, começa aí com dez, onze graus ou doze, conforme o peso que ele tem de doçura.” (PFT38-C)
- “Depois fui lá para *me* tornar **a** cozer” (PFT11-C)
- “E vai-se **a** ver,” (PFT21-C)

1.4. Localidade 4: AAL (Castelo de Vide, Porto da Esperança, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa – Portalegre)

- “É que à altura de chover, costuma-se **a** dizer que: "a inverno do Natal nunca faltou"; mas este ano faltou.” (AAL30-C)
- “Vai-se **a** ver que, (...) , eles só pagam só por destruição de trovoadas ou assim dessa coisa” (AAL31-C)
- “Aqui, costuma-se **a** dizer o carro para bois.” (AAL36-C)
- “Mas em depois, aquilo era, é claro, era preciso andar-*lhe* sempre **a** deitar toucinho.” (AAL42-C)
- “Enfim, a gente costuma-se **a** dizer: "do bem vem tudo".” (AAL45-C)

1.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro)

- “e começa-se **a** amassar.” (PAL30-C)
- “Ora, é claro, isto é o que *se* está **a** ver.” (PAL01-C)
- “Isso está-*lhe* ela **a** procurar.” (PAL35-C)
- “Isso está-*lhe* ela **a** procurar.” (PAL35-C)

1.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal)

- “E então, e de ocasiões que estava-se **a** trabalhar, na fábrica, dava o foguete.” (CLC32-C)
- “Está-se **a** cortar” (CLC33-C)

1.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal)

“Deitou a vara que começa-se a fazer uma latada.” (PST01-C)

“e então é que começava-se a picar.” (PST24-C)

“torna-se a espremer, a bater com os pés e fazer o frascal” (PST04-C)

1.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco)

“começava-se aqui a assentar, assim aqui.” (MST33-C)

“Costuma-se a dizer que depois fica é requeijão, é travia.” (MST01-C)

“Costumam-lhe a chamar requeijão.” (MST01-C)

“E depois torna-se a voltar o queijo,” (MST01-C)

“E depois então, à última vez, torna-se depois a voltar e então dá-se-lhe o jeito.” (MST01-C)

“E depois esta parte, torna-se a voltar para cima,” (MST01-C)

“torna-se a espremer.” (MST01-C)

“tornava-se a dar outro tombo para o outro lado, assim.” (MST33-C)

“Para o outro ano, se se tornava a fazer, fazia.” (MST40-C)

“Se não pagava a renda, não a tornava a fazer.” (MST40-C)

“Pois, mesmo digo: “Bom, vou-me a arranjar um chedeiro”.” (MST29-C)

1.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta)

“e tornava-se a estender por a outra banda.” (FLF17-C)

“Começava-se a tirar.” (FLF19-C)

“E depois disso, tornava-se a dar outro cardo” (FLF24-C)

“e depois torna-se a lavar bem lavado” (FLF63-C)

“A gente, depois de ela toda picada, torna-se a juntar toda ali.” (FLF64-C)

“Não se está ali a revolver nelas.” (FLF65-C)

1.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada)

“a gente começam- <i>lhe</i> a puxar”	(MIG46-C)
“E os meus filhos começaram- <i>me</i> a irem atrás ...”	(MIG46-C)
“Começou- <i>me</i> a trazer,”	(MIG46-C)
“começou- <i>me</i> a trazer,”	(MIG46-C)
“começou-se ele a estragar que era de milheiros, de coisas assim e pronto!”	(MIG56-C)
“Que até o que se costuma-se a dizer ...”	(MIG58-C)
“Mas custa-se a ver.”	(MIG26-C)
“Agora, custa-se a encontrar.”	(MIG26-C)
“Já se custa a encontrar”	(MIG26-C)

1.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança)

“Eu estou- <i>lhe</i> a dizer.”	(OUT14-C)
“Olhe, mas eu estou- <i>lhe</i> a falar,”	(OUT15-C)
“Mas agora já tudo ele <i>se</i> está a dar de cru.”	(OUT33-C)
“Depois, torna-se a apertar, porque depois seca”	(OUT10-C)
“tornava-os a espadar ...”	(OUT13-C)
“torna-se- <i>lhe</i> a botar mais um bocadinho em cima.”	(OUT55-C)
“E depois então, a gente querendo então fazer o linho fino, volta-se a assedar.”	(OUT12-C)
“Foi quando eu fui- <i>lhe</i> , então, a mostrar a sacristia.”	(OUT15-C)
“E então uma criança das mais pequeninas foi- <i>me</i> a dizer adeus.”	(OUT15-C)
“foi- <i>me</i> a dizer ...”	(OUT15-C)
“Ela já me pediu que <i>lha</i> fosse a tirar.”	(OUT17-C)
“Porque pinhos, não <i>se</i> vai a plantar só cinquenta pinhos ou sessenta ou setenta.”	(OUT44-C)
“Vai-se a emparar a árvore para que não parta.”	(OUT52-C)
“Depois de que ele já está grandinho, está assim, empeçam-se a pôr.”	(OUT54-C)
“Depois, às vezes já <i>se</i> empeçam a ver,”	(OUT55-C)

“Empeçam-se a ver,”

(OUT55-C)

1.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide – Portalegre)

“Diferente da outra terra que é que *se* andava **a** cultivar.”

(CBV01-C)

“Minha senhora, o golpe deve-se **a** fazer sempre assente dentro duma norma”

(CBV03-C)

“Vê o efeito que *lhe* eu estava **a** dizer há bocadinho?”

(CBV06-C)

“esteve-*me* **a** dizer para deitar mais um baguinho de trigo no chão.”

(CBV11-C)

“Não é isso que *lhe* eu estou **a** dizer, homem!”

(CBV17-C)

“Mas eu não *te* estou **a** dizer para tu a dares, pá!”

(CBV28-C)

“Mas eu espero por uma fome grande sobre esta coisa que *se* está **a** passar.”

(CBV31-C)

“Aquilo quando é que *se* começava **a** fazer um forno desses”

(CBV46-C)

1.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo)

“Meu amigo, costuma-se **a** dizer que quem é bom é que vai depressa.”

(MIN05-C)

“E depois aquela barbela escura, quer dizer, então de rei, como eu *lhe* estou **a** dizer, bota-se uma panela ao lume”

(MIN13-C)

“e na quinta-feira tornou-*me* **a** dar”

(MIN06-C)

1.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda)

“Isso já *me* ia **a** esquecer!”

(FIG06-C)

“Não *me* está **a** lembrar qual era a ervinha que pomos na roupa.”

(FIG10-C)

1.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro)

“E é claro, a classe da gente nova está-se **a** ocupar dos hotéis,”

(ALV04-C)

“Chegam-se, às vezes, **a** ver três, quatro, conforme.”

(ALV12-C)

“Depois, daí, já não *se* está **a** dizer as maiores”

(ALV17-C)

“Quando *se* começa **a** cair uma ...”

(ALV38-C)

1.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja)

“porque é uma das coisas que a gente nunca <i>as</i> chega a ver as três juntas.”	(SRP02-C)
“E ele começa-se a pôr grosso”	(SRP32-C)
“Quando o queijo <i>se</i> começa a fazer.”	(SRP32-C)
“Com as mãos, de a gente mexer, ele começa-se a pôr muito mole.”	(SRP32-C)
“A pessoa que tinha o forno, costumava-se a pagar um pão”	(SRP27-C)
“Que é para dar água às plantas que <i>se</i> estão a criar.”	(SRP13-C)
“Está- <i>lo</i> a mexer, a mexer.”	(SRP32-C)
“E se for para uma roça, como a gente tem este coiso, já pode ser uma mata que costuma-se a plantar”	(SRP07-C)

1.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora)

“Os que <i>a</i> andavam lá a tirar, um levava uma prancha,”	(LVR03-C)
“se não for tratado, chegam a pontos, phhh, começam-se a perder.”	(LVR02-C)
“Mas depois aquele esterco das ovelhas e o mijo das ovelhas, começava- <i>lhe</i> a apodrecer as unhas”	(LVR11-C)
“Quando era ali ao fim de duas horas, três horas, de elas estarem acarradas, começavam-se a levantar,”	(LVR11-C)
“Começa-se ali a pôr o porco ali em Setembro, na boleta,”	(LVR19-C)
“No fim, começava-se a pôr ao fundo, sempre, sempre, a amanhar ...”	(LVR35-C)
“Estão-se a secar muitos, muitos, muitos.”	(LVR02-C)
“Quando eles <i>lhe</i> estão a dar de mamar, são bacorinhos,”	(LVR18-C)

1.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal)

“anda-se a fazer os regos.”	(ALC02-C)
“E isto que está aqui é tal e qual como eu <i>lhe</i> estou a dizer.”	(ALC10-C)
“eu agora é que <i>me</i> está a lembrar.”	(ALC13-C)
“Como antigamente era como <i>lhe</i> eu estou a dizer.”	(ALC16-C)

- “começa-se **a** fazer preta.” (ALC17-C)
- “Aquilo não se pode estar **a** tirar pelo calor porque elas galgam em cima” (ALC33-C)

1.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro)

- “porque é o que *nos* está **a** valer.” (COV01-C)
- “As lágrimas começaram-*lhe* **a** correr pela cara abaixo.” (COV02-C)
- “começa-se **a** surribar,” (COV11-C)
- “Ele começou-se **a** rir” (COV12-C)
- “Olhe que ele chegou-*me* **a** dizer assim.” (COV12-C)
- “*ia-lhe* **a** salvar” (COV13-C)
- “Se *lhe* nós conseguir **a** virar o carro, muito bem;” (COV21-C)
- “se *lhe* não conseguir **a** virar o carro, você vai para baixo para a povoação” (COV21-C)
- “Quando foi que ele morreu, depois quando se ele mortalhou, *ia-se* **a** pentear” (COV32-C)
- “Começou-se **a** rir então mais eu,” (COV35-C)

1.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta)

- “depois habituam-se àquilo, começam-se **a** habituar.” (PIC16-C)
- “Estou-*lhe* **a** dizer, ficam os bofes lavados” (PIC28-C)
- “o homem, foi-o sempre **a** guiar, o cão.” (PIC04-C)
- “o povo como gostava muito do padre, e pegaram-*no* **a** auxiliar muito, com dinheiros” (PIC19-C)

1.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra)

- “Agora daqui a amanhã, já se começa **a** tirar a batata ...” (PVC16-C)
- “eles apenas começou a dar o sol, começou-se tudo **a** ir ele para as sombras” (PVC27-C)
- “e a gente tornava-*lhe* **a** dar mais uma volta ou duas, até que ...” (PVC11-C)
- “tornava-se **a** dar outro aperto” (PVC14-C)
- “Depois nós viemo-*los* **a** ver ...” (PVC27-C)
- “Vieram-*nos* **a** alumiar ...” (PVC27-C)

1.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa)

- “comecei-*me* a chatear com aquilo,” (EXB33-C)
- “começa-se a chegar a mim:” (EXB37-C)
- “Estava-se aí a negociar com aquele senhor,” (EXB37-C)
- “Já você já está-*me* a dar dinheiro de ganho.” (EXB37-C)

1.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo)

- “Chegou-se a fazer duas e três pipas de vinho.” (TRC23-C)
- “Então começa ali no mês de Agosto, começa-se ele a ceifar, e depois é...” (TRC70-C)
- “Começa-se a ceifar.” (TRC70-C)
- “Começa-se a ceifar essas terras...” (TRC70-C)
- “Começa-se a ceifar e depois acabam-se as ceifas” (TRC70-C)
- “É coma se costuma a dizer.” (TRC44-C)
- “enquanto isso se está a cozer, as pessoas estão já a picar sopas.” (TRC17-C)
- “Olha, está-*me* a pegar a peixe,” (TRC27-C)
- “E eu agora é que *me* estou a queixar dos braços” (TRC30-C)
- “Por isso é que eu *lhe* estou a dizer: o marchante é possível que se refira a marechal, sei lá” (TRC37-C)
- “Quando passava o Inverno, pois tornavam-se a deitar outra vez para aqueles lugares” (TRC67-C)
- “depois tornava-se a ceifar outra manchinha” (TRC70-C)
- “e tornava-se a prender nele,” (TRC70-C)
- “depois tornava-se a enrolar outra vez,” (TRC70-C)
- “tornava-se a prender nele, até que fazia uma manchinha grande.” (TRC70-C)
- “Mas, quer dizer, aqui em casa continua-se a cozer sempre.” (TRC09-C)
- “Os bezerros continua-se é a fazer as fitas.” (TRC09-C)

1.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria)

“tem que <i>se</i> andar a tratar, para aí todas as semanas,”	(MTM01-C)
“uma vez ao menos, tem de <i>se</i> andar a tratar para não <i>lhe</i> dar o mÍldio”	(MTM01-C)
“mas eles não querem lá andar- <i>lhe</i> a bater assim no ombro e estar- <i>lhe</i> a explicar:”	(MTM19-C)
“mas eles não querem lá andar- <i>lhe</i> a bater assim no ombro e estar- <i>lhe</i> a explicar:”	(MTM19-C)
“Eu cheguei-os a ter de barro,”	(MTM22-C)
“Chegou- <i>me</i> a suceder muita vez.”	(MTM23-C)
“Quando nasci começaram- <i>me</i> logo a ensinar a fazer farinha.”	(MTM23-C)
“quando <i>se</i> começaram a usar carros destes.”	(MTM27-C)
“quando <i>se</i> começaram a usar modas novas.”	(MTM27-C)
“começaram- <i>se</i> assim a usar modas novas,”	(MTM27-C)
“E depois começou- <i>se</i> a usar ...”	(MTM27-C)
“Já <i>se</i> começou a usar ...”	(MTM27-C)
“Porque a gente depois de ela estar umas horas com o vitelo, tornava- <i>se</i> a prender, não é?”	(MTM09-C)
“Só mais tarde quando já estavam grandes, assim já capazes de desmamar é que <i>se</i> começavam então a retirar de noite para as ovelhas terem leite de manhã.”	(MTM13-C)

1.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança)

“Já <i>me</i> chegaram a amolar assim.”	(LAR01-C)
“Bom, ela depois lá <i>se</i> tornou a escapar”	(LAR02-C)
“porque, é claro, depois, nós, os filhos pegaram- <i>se</i> a casar”	(LAR05-C)
“vai- <i>se</i> a chamar o veterinário”	(LAR06-C)
“Eu, a minha mãe chegou- <i>as</i> a fazer!”	(LAR11-C)
“Pegaram- <i>se</i> a habituar a darmos sacas a quem nos as compra ...”	(LAR11-C)
“Às vezes chegavam- <i>se</i> a mandar fazer maiores, de catorze, quinze litros,”	(LAR13-C)
“Que não adianta nada ir- <i>se</i> a perder ou assim, não é verdade?”	(LAR25-C)
“se <i>as</i> vai a pôr, não <i>as</i> vê mais,”	(LAR25-C)

“E essas abelhas, logo que se peguem a meter no cortiço, matam as outras todas.”	(LAR30-C)
“essas abelhas bravas logo que se peguem a meter num cortiço, tem que morrer as mansas.”	(LAR30-C)
“o linho, depois, quando está bem seco, a cana do linho vai-se a levar”	(LAR36-C)

1.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja)

“Pois. Começou-me a fazer... Se for logo no princípio, faz a água boa;”	(LUZ10-C)
“daí começou-me a fazer uma água esquisita.”	(LUZ10-C)
“or exemplo, começávamos-lhe a prantar dentro das manjedoiras,”	(LUZ23-C)
“Depois dali, vai, torna-se a meter na dobadoira outra vez.”	(LUZ21-C)
“Torna-se a ir para a dobadoira”	(LUZ21-C)
“E então voltavam-se a terror as belgas.”	(LUZ02-C)
“Mas desde o momento que <i>me</i> deram a fazer mal, (...) larguei-as das mãos.”	(LUZ29-C)

1.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga)

“mais para a frente - não é? -, do tempo, da antiguidade, começou-se a pesar”	(FIS01-C)
“e torna-se outra vez a levar,”	(FIS01-C)
“torna-se outra vez a trazer outras ..”	(FIS01-C)
“e começava-se a regar, quando fosse no tempo de regar.”	(FIS06-C)
“A baganha era donde depois saía a semente para se tornar a semear”	(FIS14-C)
“Desculpe lá, que agora estava-me a confundir.”	(FIS15-C)
“e depois começava-se a urdir, com as varas que a gente quisesse.”	(FIS21-C)
“torna-se a virar outra vez”	(FIS25-C)
“depois com um pãozinho, torna-se a virar a parte de fora para dentro”	(FIS25-C)
“ao fim de estar tudo pisado, tornava-se a botar dentro”	(FIS27-C)

1.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto)

“Faça de conta que aquilo é como gás que se está a perder.”	(GIA33-C)
--	-----------

1.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém)

“Por exemplo, uma terra, andava-se **a** lavrar, uma terra dava para um lado e tinha a metade da outra terra dava para outro lado.” (STJ64-C)

“E eu comecei-*lhe* **a** dizer: "Olha, vamos aí apanhar um tomatinho à caixa".” (STJ02-C)

“Estive-*lhe* **a** contar, ele disse: "Cale-se! Cale-se que eu vou já ao correio".” (STJ06-C)

“Ainda agora ontem aí esteve e eu estive-*lhe* **a** dizer.” (STJ06-C)

“E depois de fermentar, tornava-se **a** meter as charruas e semeava-se.” (STJ58-C)

1.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco)

“e começou-se **a** desenrodilhar para ir para a parte de baixo” (UNS45-C)

“Quando a gaja se começou **a** desenrodilhar, eu assim à toa, com a pedra” (UNS45-C)

“"Olha, tem um bocado enterrado em tal lado, em tal lado", lá *lhe* estive **a** dizer.” (UNS07-C)

“esteve-*lhe* **a** contar,” (UNS07-C)

“O cão esteve-se ali um pouco **a** confranger,” (UNS08-C)

“tornei-*lhe* **a** aventar,” (UNS45-C)

“tornei-*lhe* **a** dar na cabeça,” (UNS45-C)

“Senão, se *a* vai **a** torcer logo assim de repente, logo parte-*lhe* ao meio.” (UNS40-C)

“Então eu não *lhe* calhei **a** dar atrás da cabeça, aí dois palmos?!” (UNS45-C)

“Calhei-*lhe* logo **a** dar atrás da cabeça aí dois palmos.” (UNS45-C)

1.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra)

“Quer dizer, e andava-se **a** mondar,” (VPC04-C)

“começavam-se **a**, dizíamos a desterroar, ou a maçar, ou assim, os torrões.” (VPC02-C)

“Os meus netos começam-*me* **a** dizer assim: "Ó avó, quem é que *lhe* fez esta pá"?” (VPC17-C)

“que agora, é como *lhe* estou **a** dizer ...” (VPC22-C)

“Para *lhe* estar **a** dizer que é isto, é aquilo ...” (VPC29-C)

“tornava-se **a** preparar as terras como era para semear.” (VPC13-C)

“mas tornou-a a pôr para a água.”

1.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu)

“Tinha muitos irmãos, tive que andar com eles ao colo. Ajudei-os **a** criar a todos.” (GRJ07-C)

“Até que tivemos de *nos* tornar **a** vir-nos aqui meter.” (GRJ20-C)

“Estou-*lhe* **a** dizer que vossemecê que foi lá por causa de doente e de ser mouquinha.” (GRJ29-C)

“E tornou-se **a** deitar na travessa.” (GRJ29-C)

“E ela foi-*mo* ajudar **a** estender por me ver andar assim cheia de febre” (GRJ31-C)

“A impingem é assim: começa-se **a** esfolar a carne, ou como é.” (GRJ32-C)

“E eu lá *me* tornei **a** deitar.” (GRJ33-C)

“Ele dizia-lhe sempre que estava melhor mas não lhe dizia quem *lha* andava **a** tratar.” (GRJ36-C)

“Bem, ele lá andou, um dia calhou eu a estar-*lha* **a** curar e entrou o enfermeiro.” (GRJ36-C)

“Olhe, chegaram-*me* **a** atar um lenço aqui ao peito e botavam-mo aqui ao ombro.” (GRJ37-C)

“Depois, depois de estar assim coradinha, tornam-*nas* **a** apanhar” (GRJ54-C)

“tornam-*nas* **a** cozer em água limpa, sem a cinza – em água limpa.” (GRJ54-C)

“a gente íamos ter com eles às vezes, ajudá-*las* **a** guardar.” (GRJ57-C)

1.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta)

“Talvez estou-*lhe* **a** dizer depressa, não pode escrever tão depressa, não é?” (CRV04-C)

“Não, toda a noite não porque também não *se* está **a** comer sempre.” (CRV27-C)

“E depois então é que *se* começavam **a** lavrar e elas produziam.” (CRV61-C)

1.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo)

“Em matanças, costumava-se **a** cantar os reis.” (GRC19-C)

“Essa senhora custava-se **a** se sentar na água, que era na parte das crianças” (GRC37-C)

“Às vezes chega-se **a** estragar.” (GRC38-C)

1.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal)

“De forma que quando o arroz estando agarrado começa-se a mondar.”	(MLD29-C)
“E depois de mondar, começa-se a adubar”	(MLD29-C)
“esta começou-se a ajeitar também”	(MLD49-C)
“E o homenzito começou-me a ensinar.”	(MLD24-C)
“E depois vingas-te em chorar e comes-te a aborrecer.”	(MLD25-C)
“E então, às vezes, estava-se a conversar, a falar no comer”	(MLD45-C)
“E eu, não é lá por <i>me</i> estar a gabar, mas eu, sei lá”	(MLD48-C)
“Estás-me é a querer enganar!”	(MLD17-C)
“depois estavam-lhe a fazer essas perguntas.”	(MLD21-C)
“Que está-me a lembrar que há seis anos correu o mesmo tempo que está a correr agora”	(MLD38-C)
“Depois volta-se a fixar.”	(MLD34-C)
“Quer dizer, ele a gente volta-se a fixar no mesmo sítio ou 'mudará-se' para outro lado.”	(MLD34-C)
“Pode-se resultar a estar pior.”	(MLD50-C)

1.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real)

INEXISTENTE

1.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém)

“Para aqui, para além, primeiro que <i>se</i> comesse a trabalhar, ia-se embora quase duas horas de serviço.”	(MTV12-C)
“começam-se a arranjar as terras, a preparar as terras para semear o milho, e tudo.”	(MTV10-C)
“Saltam lá para dentro e depois acalam. Começa-se a acalcar.”	(MTV18-C)
“Costuma-se a semear feijão.”	(MTV45-C)
“Costuma-se a pôr tomate, tomateiros.”	(MTV45-C)
“Costuma-se a pôr pimentões.”	(MTV45-C)
“Costuma-se a semear batatas.”	(MTV45-C)

“Costuma-se a pôr salada pelos combros fora e em volta.”	(MTV45-C)
“Costuma-se a pôr couve de duas qualidades”	(MTV45-C)
“Costuma-se a pôr couve-lombarda.”	(MTV45-C)
“Costuma-se a pôr repolho.”	(MTV45-C)
“Costuma-se a pôr 'bacalã'.”	(MTV45-C)
“Que é, quando <i>se</i> está a pesar na pilha, é duzentas arrobas de cada vez.”	(MTV24-C)
“Ó senhor prior, está-se aqui a cortar um papel grande.”	(MTV59-C)
“eles estavam-se a rir e a falar uns para os outros.”	(MTV59-C)
“Estava- <i>lhe</i> a parecer mal.”	(MTV58-C)
“Estava- <i>lhe</i> a parecer mal, quer dizer,”	(MTV58-C)
“estava- <i>lhe</i> a custar, ele ser um homem mais ou menos educado,”	(MTV58-C)
“ele estava- <i>lhe</i> a custar.”	(MTV58-C)
“Está- <i>lhe</i> a parecer mal.”	(MTV06-C)
“Aquilo não <i>me</i> estava a calhar bem.”	(MTV07-C)
“Por isso, eles hoje estão- <i>me</i> a dar alguma coisa, mas haviam de me dar mais.”	(MTV13-C)
“Está- <i>lhe</i> a parecer que a dele que é maior.”	(MTV33-C)
“Olhe, estou- <i>me</i> a levantar.”	(MTV60-C)
“Eu estou- <i>me</i> a levantar”	(MTV60-C)
“Tornava-se a malhar outra vez, a dar porrada até ficar.”	(MTV11-C)
“depois passa-se com uma grade por cima, arrasa-se, torna-se a atalhar.”	(MTV34-C)
“Então, vinham- <i>me</i> a apoquentar, vinham a cantar, vinham...”	(MTV61-C)

1.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo)

“que nunca mais <i>lhe</i> tornou a dar.”	(CLH17-C)
“e eu estava- <i>lhe</i> a ver jeito que ele tinha que vir a casa buscar umas betas”	(CLH21-C)
“As galinhas, costuma-se a dizer que é a cerca das galinhas.”	(CLH22-C)
“começava- <i>lhe</i> , por exemplo, a deitar batata-doce ...”	(CLH23-C)
“começava- <i>lhe</i> a deitar;”	(CLH23-C)

1.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora)

“Eu estou- <i>me</i> a governar com o dinheiro que me dão da Casa do Povo.”	(CPT01-C)
“É o com que <i>me</i> estou a governar.”	(CPT01-C)
“e começou- <i>me</i> a ensinar as primeiras letras.”	(CPT02-C)
“Começa- <i>me</i> ele a dizer:”	(CPT06-C)
“Cheguei-o a beijar,”	(CPT06-C)
“Chegámos- <i>se</i> a juntar além em baixo”	(CPT06-C)
“De maneiras que, vai- <i>se</i> a ver,”	(CPT08-C)
“Depois, foi- <i>se</i> a ver,”	(CPT15-C)
“E de maneiras que, vai- <i>se</i> a ver,”	(CPT19-C)
“e, vai- <i>se</i> a ver,”	(CPT19-C)
“começo- <i>lhe</i> a dizer:”	(CPT19-C)
“começavam- <i>me</i> a gritar,”	(CPT28-C)
“porque <i>mas</i> tornam a dizer.”	(CPT28-C)
“Já <i>a</i> não chego a ver.”	(CPT36-C)
“Ora, parte das vezes, ele ainda <i>se</i> anda a semear”	(CPT52-C)
“e já <i>se</i> andam a mondar outras.”	(CPT52-C)
“E outras que têm muita erva, começa- <i>se</i> logo a mondar cedo.”	(CPT52-C)

1.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja)

“E isto é mesmo a realidade que eu <i>lhe</i> estou aqui a contar.”	(AJT04-C)
“E em o moço abalando, a gente estava- <i>se</i> a rir”	(AJT20-C)

1.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada)

“Já <i>me</i> chegou a morder, em pequeno, num dedo!”	(STE43-C)
“As raparigas começaram- <i>se</i> a casar,”	(STE21-C)

“e começa-se a fazer ali um povoamento novo.”	(STE45-C)
“E depois começa-se a bater na colmeia”	(STE46-C)
“tornavam-se a virar,”	(STE04-C)
“do outro lado tornavam-se a foguear.”	(STE04-C)
“torna-se a botar outra vez outra camadinha”	(STE20-C)
“tornava-se a dar”	(STE23-C)
“De repente, quando não acerta, a gente torna-as a ajuntar à mesma colmeia.”	(STE45-C)
“E eu vou-me a esconder no forno.”	(STE14-C)

1.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta)

“já se pega a podar;”	(CDR01-C)
“pega-se já a cavar em as hortas”	(CDR01-C)
“Já ele em Março então já se pega a lavrar terras para batatas.”	(CDR01-C)
“pega-se a pô las a curtir.”	(CDR01-C)
“e já se pega a calivar estes outros.”	(CDR01-C)
“depois, já ali em o fim de Maio, se pega a sachar.”	(CDR01-C)
“Em a fim de Setembro é que se pegava a quebrar as espigas.”	(CDR01-C)
“É claro, está-se a explorar,”	(CDR03-C)
“Depois começou-se a fazer as colchas acolchoadas”	(CDR07-C)
“De maneira que começou-se depois a ir ...”	(CDR07-C)
“Era, por exemplo, os irmãos - já se então começou a juntar os irmãos”	(CDR12-C)
“Até que começou-se a fazer mais festa de matança foi com os namorados.”	(CDR12-C)
“E depois por aí é que se foi começando a ajuntar famílias”	(CDR12-C)
“Já quando eu me criei e me comecei a conhecer, quase toda a gente tinha burro.”	(CDR20-C)
“Depois começou-se a fazer umas 'traquinetas”	(CDR25-C)
“Depois passou-se a usar só duas peneiras:”	(CDR26-C)
“Começa-se a andar com aquela massa de roda,”	(CDR29-C)
“Depois de estar bem tomada, começa-se a amassar.”	(CDR29-C)

“e tornava-as a deitar fora.”	(CDR37-C)
“e depois de tosquiadas tornavam-nas a pôr a andar.”	(CDR37-C)
“e em o outro dia é que se tirava a forma e tornava-se a fazer o outro”	(CDR40-C)
“Depois é que se começou a ir pondo o endro e o coentro.”	(CDR45-C)
“e as pessoas começaram-se assim a abrir mais e a adaptar.”	(CDR47-C)
“que de cedo costuma-se a semear um cestinho de asa”	(CDR50-C)
“Porque a praga aqui dava mais perda no trigo quando se começou a cultivar”	(CDR53-C)
“Era quando se começou a vir os trigos de fora:”	(CDR53-C)
“e começava-se a desfolhar o milho.”	(CDR60-C)
“e torna-se a fazer a mesma coisa.”	(CDR61-C)

2. Preposição *de*

2.1. Localidade 1: VPA (Vila Praia de Âncora – Viana do Castelo)

INEXISTENTE

2.2. Localidade 2: CTL (Castro Laboreiro – Viana do Castelo)

INEXISTENTE

2.3. Localidade 3: PFT (Perafita – Vila Real)

“Que é como já *lhe* acabei **de** dizer”

(PFT33-C)

“E depois só *se* deixa **de** se amassar, desde que ficaram as mãos limpas.”

(PFT08-C)

2.4. Localidade 4: AAL (Castelo de Vide, Porto da Esperança, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa - Portalegre)

INEXISTENTE

2.5. Localidade 5: PAL (Porches, Alte - Faro)

“e, então, deixa-se **de** cultivar esse terreno um ano ou dois;”

(PAL02-C)

“aonde é que *se* deve **de** empregar.”

(PAL16-C)

2.6. Localidade 6: CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal)

“Acabando-se **de** matar, a baleia ficava acima de água”

(CLC32-C)

“Tinha-se **de** ser assim mesmo como tábuas.”

(CLC15-C)

2.7. Localidade 7: PST (Camacha, Tanque - Funchal)

“Quando *se* acaba **de** deitar no forno.”

(PST18-C)

“E a mesma coisa quando *se* acaba **de** amassar, também ...”

(PST18-C)

“depois acabava-se **de** amassar, fazia-se assim,”

(PST16-C)

2.8. Localidade 8: MST (Monsanto – Castelo Branco)

“Acaba-se-lhe **de** chegar ao fundo, ao acabamento da vinha, pronto!” (MST35-C)

“Em se acabando **de** colher, prontos!” (MST35-C)

“E eu digo assim: "Mas como é que *nos* havemos **de** arranjar"?” (MST12-C)

“Estamos nesta crise que terá que se ter **de** deixar isto e abandoná-lo.” (MST06-C)

2.9. Localidade 9: FLF (Fajãzinha - Horta)

“Para que é que **o** houvera *de* ter acolá a estragar?” (FLF18-C)

2.10. Localidade 10: MIG (Ponta Garça – Ponta Delgada)

INEXISTENTE

2.11. Localidade 11: OUT (Outeiro - Bragança)

“Acabou-se **de** tirar,” (OUT57-C)

“Mas primeiro ainda se tem **de** se fazer o seguinte:” (OUT54-C)

2.12. Localidade 12: CBV (Cabeço de Vide - Portalegre)

“Acaba-se **de** enterrar o bicho,” (CBV59-C)

“se *lhe* havia **de** dar o pão, dava-lhe a farinha;” (CBV49-C)

“lá sei como é que *a* hei-**de** regar.” (CBV14-C)

“Não esteja a pensar que eu que estou a semeá-la assim e que não sei como *a* hei-**de** regar.” (CBV14-C)

2.13. Localidade 13: MIN (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria - Viana do Castelo)

“Só Deus do Céu é que *nos* há-**de** desapartar um do outro!” (MIN15-C)

2.14. Localidade 14: FIG (Figueiró da Serra - Guarda)

INEXISTENTE

2.15. Localidade 15: ALV (Alvor - Faro)

“Porque ele havia-se **de** ter um salva-vidas com quarenta cavalos” (ALV04-C)

2.16. Localidade 16: SRP (Serpa - Beja)

“Acabou-se **de** ordenhar, (SRP32-C)

“Quando deixar de ver aquela estrela, também ele deixa-se **de** regular (SRP02-C)

2.17. Localidade 17: LVR (Lavre – Évora)

“Acabou-se **de** se tosquiar, (LVR16-C)

“E eu, mau, travesso, o que é que eu *me* havia **de** alembrear? (LVR24-C)

“Quem é que *me* havia **de** dizer a mim que eu que andava em cima daquilo (LVR01-C)

“Então eu alguém *me* era capaz **de** fazer uma conversa dessas?! (LVR23-C)

“Alguém *me* era capaz **de** meter na cabeça que o plástico aguentava ali? (LVR23-C)

“E eu, alguém *me* era capaz **de** convencer disso! (LVR23-C)

“e eu agora não *lhe* sou capaz **de** dizer essa pergunta por isto ... (LVR25-C)

“Ó pá, não *me* és capaz **de** arranjar aí um cesto?” (LVR27-C)

2.18. Localidade 18: ALC (Alcochete - Setúbal)

INEXISTENTE

2.19. Localidade 19: COV (Covo - Aveiro)

“é como eu *lhe* acabo **de** dizer ...” (COV06-C)

“Pff, o que é que a gente *lhe* há-**de** fazer?” (COV09-C)

“mas um dia as senhoras ainda hão-de ver que o povo ainda *se* há-**de** agarrar à terra” (COV16-C)

2.20. Localidade 20: PIC (Bandeiras, Cais do Pico - Horta)

INEXISTENTE

2.21. Localidade 21: PVC (Porto de Vacas - Coimbra)

“Mas ele depois deixou-se **de** usar assim;” (PVC07-C)

“Já algum dia, quando *me* começa **de** lembrar, não havia linhas a vender como há agora nas...” (PVC08-C)

2.22. Localidade 22: EXB (Enxara do Bispo - Lisboa)

INEXISTENTE

2.23. Localidade 23: TRC (Fontinhas – Angra do Heroísmo)

“Quando *se* acaba **de** pendurar a carne, – não é? – a gente tem sangue cozido e pão e vinho para beberem à vontade.” (TRC12-C)

“Quando *se* acaba **de** dar o jantar aos pequenos,” (TRC06-C)

“E quando *se* acaba **de** partir as carnes, eu então, nessa altura, tenho as alcatras para fazer.” (TRC13-C)

“Nosso Senhor nunca *o* havia **de** ter levado!” (TRC58-C)

2.24. Localidade 24: MTM (Moita do Martinho - Leiria)

INEXISTENTE

2.25. Localidade 25: LAR (Larinho - Bragança)

INEXISTENTE

2.26. Localidade 26: LUZ (Luzianes - Beja)

“Acabava-se **de** empoar o forno, pegava-se num ramo” (LUZ17-C)

“Acabou-se **de** bandear o sangue ali um pouco, podem-no deixar que já não coalha.” (LUZ27-C)

2.27. Localidade 27: FIS (Fiscal - Braga)

“a estopa já *se* tinha **de** fiar num fiozinho mais grossinho” (FIS15-C)

“E tinha-se **de** meter uma vez neste” (FIS23-C)

2.28. Localidade 28: GIA (Gião - Porto)

“O problema maior que ela tinha é que quando se acabava, num campo, **de** sachar” (GIA19-C)

“Portanto, tem-se **de** descrever assim:” (GIA21-C)

“Tinha-se **de** ir a uma bilha, lá ao lado.” (GIA25-C)

2.29. Localidade 29: STJ (Santa Justa - Santarém)

“Porque se estivesse logo mole quando se acabava **de** fazer, a gente ia aqui para lhe colar a asa e isto vergava tudo” (STJ40-C)

“Mas tinha que se deixar a panela (...) para depois *lhe* sermos capaz **de** colocar a asa. ” (STJ40-C)

“Se se há-**de** tirar, fica.” (STJ15-C)

“Agora é que elas *me* haveram **de** dizer, que agora eu procurava-as ali como quem não quer.” (STJ06-C)

2.30. Localidade 30: UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco)

“Como *lhe* acabo **de** dizer, não havia assim brinquedos como há agora. (UNS13-C)

“acabei-*lha* **de** esmagar. (UNS45-C)

“e depois para a tirada de estar cozido, como é que o haviam **de** diferencar? (UNS24-C)

2.31. Localidade 31: VPC (Vila Pouca do Campo - Coimbra)

“Mas depois, quando começaram a vir as máquinas agrícolas, deixou-se **de** semear viveiro.” (VPC13-C)

2.32. Localidade 32: GRJ (Granjal - Viseu)

“Essa senhora nem sabia o que *me* havia **de** fazer.” (GRJ21-C)

“Então onde o havemos **de** deitar?” (GRJ27-C)

“Sarampo, sarampo, sete vezes *te* há-**de** ir ao pelo.” (GRJ34-C)

2.33. Localidade 33: CRV (Corvo - Horta)

“A gente se pudesse pagar a lancha ao dono de lá, havia-se **de** pagar” (CRV43-C)

“pensando que elas que *lhe* haviam **de** dar a comida.” (CRV30-C)

- “Eu amanhã, se calhar, até *lhe* hei-**de** trazer umas coisinhas para mostrar.” (CRV33-C)
- “Tu se *me* há-**de** despedir à noite, paga-me que eu já me vou” (CRV46-C)
- “Não sei agora o nome que eu que *lhe* hei-**de** dar.” (CRV69-C)

2.34. Localidade 34: GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo)

- “Por isso, Nosso Senhor nunca *lhe* há-**de** faltar!” (GRC31-C)
- “Nosso Senhor nunca *lhe* há-**de** faltar!” (GRC31-C)

2.35. Localidade 35: MLD (Melides - Setúbal)

- “Se acaso *se* acabava **de** debulhar, (ele) ainda se ia fazer a tarde lá no alagamento depois.” (MLD42-C)
- “Às vezes tinha que levar as sacas meias e acabá-*las* **de** encher lá” (MLD47-C)
- “Não *se* eu deve **de** admirar que eu para tudo estou mulher” (MLD25-C)
- “Se o senhor quer que eu dê cabo delas, que *as* acabe **de** matar, é ir limpá-las agora nesta altura.” (MLD09-C)

2.36. Localidade 36: STA (Santo André – Vila Real)

INEXISTENTE

2.37. Localidade 37: MTV (Montalvo - Santarém)

- “O vinho tem o maduro. Quando *se* acaba **de** beber, tem o maduro.” (MTV18-C)
- “como é que *se* há-**de** isso aí ser feito?” (MTV59-C)
- “Não sei o que é que *lhe* hei-**de** fazer.” (MTV25-C)
- “Se o senhor me ensinar como eu *me* hei-**de** apresentar, eu vou pedir ao senhor bispo.” (MTV59-C)

2.38. Localidade 38: CLH (Calheta – Angra do Heroísmo)

- “e a gente, já sabe, sempre *se* havia **de** entreter nalguma coisa.” (CLH14-C)

2.39. Localidade 39: CPT (Carrapatelo - Évora)

- “E depois por força que eu que *me* havia **de** embebedar.” (CPT11-C)

e não sabia como é que *lhe* havia **de** bater.”

(CPT17-C)

2.40. Localidade 40: AJT (Aljustrel - Beja)

“Acaba a gente por se rir, então o que é que a gente *lhe* há-**de** fazer?”

(AJT32-C)

2.41. Localidade 41: STE (Santo Espírito – Ponta Delgada)

“E depois acabava-se **de** ajuntar”

(STE23-C)

“Olha, Huberto, a solenidade, quando *se* acaba **de** comer, o prato vira-se em cima da mesa.”

(STE15-C)

“É o nome que *lhe* há-**de** calhar a uma rapariga quando ele se casar.”

(STE11-C)

2.42. Localidade 42: CDR (Cedros - Horta)

“e de esse resto de outono que *se* acabavam **de** aproveitar.”

(CDR01-C)

“Quando *se* acabou **de** usar aquela manteiga toda, está a massa amassada”

(CDR30-C)

“Acabava-se **de** esbichar, para ficar limpo,”

(CDR60-C)

“Deixou-se **de** usar os tapetes,”

(CDR08-C)

“As pessoas usavam pouca linguiça não é porque não *a* gostassem **de** a comer,”

(CDR11-C)